



MESTRADO EM TRADUÇÃO

**Tradução e Análise do Texto: “Trump, Brexit, and the Rise of Populism:
Economic Have-Nots and Cultural Backlash”**

Universidade Pedagógica de Maputo
Outubro, 2022
Maputo

António Francisco Tovela

Dissertação apresentada à Faculdade de Linguagem, Comunicação e Artes da Universidade Pedagógica de Maputo como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Tradução (Inglês – Português), realizada sob orientação da Prof.^a Doutora Sarita Monjane Henriksen.

Universidade Pedagógica de Maputo
Outubro, 2022
Maputo

DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau académico e que ela constitui o resultado da minha investigação e das orientações da minha supervisora. Declaro ainda ter agido com integridade na elaboração do presente trabalho e confirmo que o seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e nas referências bibliográficas.

Maputo, Outubro de 2022

António Francisco Tovela

AGRADECIMENTOS

Everything seems impossible until is done.

“Tudo parece impossível até que seja feito”

Nelson Mandela (1818 – 2013), presidente sul-africano, líder humanista e Prémio Nobel da Paz.

É-se uma pessoa por causa de outras pessoas, como preconiza o Ubuntu. O Mestrado em Tradução e particularmente a elaboração desta dissertação de culminação do curso foi possível graças a ajuda, das mais diversas maneiras, de inúmeras pessoas.

Nas linhas que se seguem gostaria de expressar o meu sincero agradecimento a todas aquelas e todos aqueles que, de uma forma ou outra, tornaram possível que esta dissertação visse a luz do dia.

Em primeiro lugar, devo agradecer vivamente à Prof.^a Doutora Sarita Monjane Henriksen, a minha supervisora, a confiança que depositou em mim desde o primeiro momento.

Em segundo lugar, quero agradecer a minha família. Sem a sua ajuda, paciência e estímulo constante nunca teria chegado ao fim desta longa e difícil caminhada. Agradecer especialmente à minha mãe, Joana Joaquim Dimande, minha fonte de inspiração quando as tarefas que tenho pela frente exigem coragem e determinação!

Finalmente, quero agradecer a todas e todos os colegas de Mestrado por partilharem as suas visões sobre tradução e pelo carinho e companheirismo demonstrados ao longo do curso.

Khanimambo!

António Tovela

Maputo, Outubro de 2022

RESUMO

A presente dissertação foi apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Tradução, tendo como objectivo geral fazer uma tradução comentada do texto intitulado *Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash* (2016, 53 páginas), da autoria de Ronald F. Inglehart e Pippa Norris.

Este trabalho teve dois objectivos específicos, a saber: (i) apresentar uma proposta de tradução que fosse ao encontro da cultura e língua de chegada, i.e., uma tradução consentânea com a realidade cultural e linguística moçambicana; e (ii) reflectir sobre os problemas com os quais nos deparamos aquando da tradução, apresentando, seguidamente, as estratégias que se revelaram mais adequadas para a sua resolução. Colocando, deste modo, à disposição do público moçambicano interessado no fenómeno do populismo, um texto que se afigura importante para a actual situação socioeconómica do nosso país, pois poderá ser útil na busca de soluções adequadas para os desafios que o país atravessa sem cair na armadilha de autoflagelação do populismo.

A reflexão sobre o processo de tradução baseou-se nas normas de tradução de Toury (1995) e nas estratégias de tradução de Chesterman (1997). A mesma versou sobre a aplicabilidade destas normas e estratégias para a resolução dos problemas que foram surgindo na altura da tradução.

Ao longo do processo de tradução recorremos a textos paralelos, dicionários bilingues e unilingues, e à Internet. Sendo o populismo um fenómeno político, também recorremos a alguns cientistas políticos interessados no tema para nos ajudar a resolver alguns dos problemas com os quais nos deparamos aquando da tradução.

No que diz respeito às ferramentas de tradução assistida por computador (CAT, acrónimo na língua inglesa), utilizamos o SDL Trados Studio. A utilização desta ferramenta tornou o trabalho de tradução mais célere e rigoroso, assegurando a uniformidade terminológica (através da partilha das memórias de tradução).

Palavras-chave: Normas de Tradução de Toury, Estratégias de Tradução de Chesterman, Adequação, Aceitabilidade, Invisibilidade, Populismo

ABSTRACT

This dissertation was submitted in partial fulfillment of the requirements of the degree of MA in Translation. Its goal was to produce a commented translation of the text “Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash” (2016, 53 pages) by Ronald F. Inglehart (Michigan University) and Pippa Norris (Harvard University).

The specific objectives were twofold, namely: (i) to present a translation proposal that is in line with the target culture and language, i.e., a translation in line with the Mozambican cultural and linguistic context; and (ii) to reflect on the problems that we encountered during translation, presenting, after that, the strategies that proved to be the most appropriate to resolve them. In this way, making available to the Mozambican public interested in the phenomenon of populism, a text that appears to be important for the current socio-economic situation of our country, as it may be useful in the search for adequate solutions to the challenges that the country is going through without falling into self-harm trap of populism.

The reflection on the translation process was based on Toury’s (1995) translation norms and Chesterman’s (1997) translation strategies. It looked at their applicability in resolving the problems encountered during the translation process.

During the translation process, we used similar texts, bilingual and unilingual dictionaries, and the Internet. As populism is a political phenomenon, we also turned to political scientists interested in the theme to assist us in solving some of the problems that we encountered in the course of the translation process.

As far as Computer-Aided Translation (CAT) is concerned, we used SDL Trados Studio. The use of this tool made the translation work faster and more rigorous, ensuring terminological uniformity (through the sharing of translation memories – TMs).

Keywords: Toury’s Translation Norms, Chesterman’s Translation Strategies, Adequacy, Acceptability, Invisibility, Populism

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS¹

BNF	Frente Nacional Britânica British National Front
BNP	Partido Nacional Britânico Partido Nacional Britânico
BREXIT	Decisão do Reino Unido de sair da União Europeia United Kingdom's decision to leave the European Union
CAT	Tradução Assistida por Computador Computer-Aided Translation
CHES	Chapel Hill Expert Survey
CNN	Rede de Notícias a Cabo Cable News Network
ESS	Inquérito Social Europeu European Social Survey
UE/EU	União Europeia European Union
EUA/US	Estados Unidos da América United States
FPÖ	Partido da Liberdade da Áustria Freedom Party of Austria
GOP	Partido Republicano Republican Party
I GM/IWW	Primeira Guerra Mundial First World War

¹ As siglas e os acrónimos são vocábulos que se formam a partir das iniciais das palavras que constituem uma expressão. A diferença entre sigla e um acrónimo está na forma como são pronunciados. A sigla pronuncia-se letra a letra, usando o nome que cada uma tem, como, por exemplo, CNN, SVP. Enquanto que o acrónimo se pronuncia tal e qual como as palavras normais, ou seja, fazendo uma leitura silábica das letras. Por exemplo, ONU e OTAN.

II GM/IIWW	Segunda Guerra Mundial Second World War
KNP	Congresso da Nova Direita Congress of the New Right
LGBT	Lésbica, <i>Gay</i> , Bissexual e Transexual Lesbians, Gays, Bisexuals and Transgender
M5S	Movimento 5 Estrelas Five Star Movement
NAFTA	Tratado Americano de Livre Comércio North American Free Trade Agreement
NEOS	Nova Áustria e Fórum Liberal The New Austria and Liberal Forum
ONU/UN	Organização das Nações Unidas United Nations
OTAN/NATO	Organização do Tratado do Atlântico Norte North Atlantic Treaty Organization
ParlGov	Base de Dados da Composição dos Parlamentos e Governos Europeus Parliaments and Governments Composition Database
SVP	Partido Popular Suíço Swiss People's Party
UKIP	Partido de Independência do Reino Unido UK Independence Party
WVS	Pesquisa Mundial de Valores World Values Survey
TC/TT	Texto de Chegada Target Text
TP/ST	Texto de Partida Source Text
TM	Translation Memory Memória de Tradução

ÍNDICE

Declaração de honra	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	vi
Lista de siglas e acrónimos	v
Introdução	1
1. Enquadramento do texto traduzido no âmbito desta dissertação.....	6
1.1 Caracterização do texto	6
1.2 Razão de escolha do texto	7
2. Enquadramento teórico e metodológico.....	10
2.1 A possibilidade e a impossibilidade da tradução.....	11
2.2 As normas de tradução de Gideon Toury	12
2.2.1 Normas iniciais	14
2.2.2 Normas operacionais	14
2.3 As estratégias de tradução de Andrew Chesterman	15
2.3.1 Estratégias sintáticas	17
2.3.2 Estratégias semânticas	19
2.3.3 Estratégias pragmáticas	22
2.4 Metodologia e procedimentos	26
3. Análise de questões de tradução	29
3.1 Análise da tradução do texto	31
3.1.1 Estratégias sintáticas	31
3.1.2 Estratégias semânticas	45
3.1.3 Estratégias pragmáticas	54
3.2 Tradução de títulos de livros e revistas científicas	66
Conclusão	69
Referências bibliográficas	71
Primárias	71
Secundárias	71
Anexos: Texto de Partida e Proposta de Tradução	

INTRODUÇÃO

Through the act of translation, we break out linguistic confinement and reach many other communities.

Ngugi wa Thiongo – Escritor Queniano.

A presente dissertação tem como objectivo geral a tradução comentada do texto intitulado “*Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash*” (2016, 53 páginas) da autoria de Ronald F. Inglehart (Universidade de Michigan) e Pippa Norris (Universidade de Harvard). Este ensaio debruça-se sobre o crescente apoio a partidos políticos e líderes populistas que alterou o xadrez político de muitos países ocidentais. O texto procura explicar a rápida ascensão do populismo no séc. XXI e para tal analisa duas teorias, a saber: (i) a insegurança económica, que enfatiza as consequências das profundas transformações da força laboral e da sociedade em economias pós-industriais e (ii) a tese da revolta cultural, que sugere que o apoio a populistas pode ser visto como uma resistência de sectores da população anteriormente predominantes à mudança progressiva de valores.

Os objectivos específicos são: (i) apresentar uma proposta de tradução que vá ao encontro do potencial leitor na cultura e língua de chegada; e (ii) reflectir sobre os problemas com que nos deparámos na altura da tradução, apresentando, seguidamente, as estratégias que se revelaram mais adequadas para a sua resolução. Colocando, deste modo, à disposição do público moçambicano interessado no fenómeno do populismo, um texto que se afigura importante para a actual situação socioeconómica do nosso país, pois poderá ser útil na busca de soluções adequadas para os desafios que o país atravessa sem cair em qualquer das inúteis armadilhas de autoflagelação do populismo em que infelizmente é comum cair-se.

A reflexão sobre o processo de tradução baseia-se nas normas de tradução de Toury (1995) e nas estratégias de tradução de Chesterman (1997). A mesma incide sobre a aplicabilidade destas normas e estratégias para a resolução dos problemas que foram surgindo aquando da tradução.

Durante o processo de tradução utilizamos vários apoios disponíveis ao tradutor para resolver os problemas com os quais nos deparamos, nomeadamente: (i) utilização de ferramentas de tradução

assistida por computador, (ii) consulta de obras de referência tais como dicionários bilingues e unilingues, textos paralelos e pesquisas na Internet, e (iii) consulta a colegas tradutores e cientistas políticos especialistas do populismo, tema do texto traduzido no âmbito desta dissertação.

Relativamente às ferramentas de tradução assistida por computador, utilizamos o SDL Trados Studio em virtude de ter sido a ferramenta trabalhada durante a vertente curricular do Mestrado e o seu acesso não acartar custos. A sua utilização tornou o nosso trabalho de tradução mais célere e rigoroso, assegurando a uniformidade terminológica, através da partilha das memórias de tradução. SDL Trados Studio é uma ferramenta confiável e intuitiva, cuja utilização é relativamente simples assim que o utilizador esteja familiarizado com as suas funcionalidades mais relevantes. Contudo, uma vez que as memórias de tradução correspondem ao trabalho realizado por outros tradutores, o tradutor precisa de assegurar que estas são fiáveis antes de as aproveitar.

O texto traduzido no âmbito desta dissertação é técnico-científico². Seguindo o apanágio dos textos técnico-científicos, ou seja, escrito por especialistas para especialistas, este texto foi produzido por dois especialistas sobre o populismo e destina-se a um público composto por especialistas deste fenómeno político, daí tinha sido escrito num estilo compatível com o padrão linguístico mais cuidado³.

Antes de se iniciar qualquer acto de tradução, deve-se identificar o público-alvo do texto de chegada (doravante, TC), uma vez que permite que o tradutor decida o tipo de tradução a realizar e

² No texto traduzido no âmbito desta dissertação nota-se a prevalência da argumentação em torno da consistência de algumas teses. O que indica que relativamente à tipologia textual, estamos perante um texto argumentativo. Segundo Llorca (2006), a elaboração de um texto argumentativo é uma tarefa complexa, que requiere o domínio de mecanismos lógicos e psicológicos, bem como aspectos comunicativos e contexto-dependentes. Ainda de acordo com Llorca (2006) citando Cuenca (1995: 26), quatro componentes básicos compõem o texto argumentativo, a saber: objecto (ou seja, qualquer tema que possa causar discussão e ser tratado de várias maneiras); locutor (isto é, pessoa que toma uma determinada posição); carácter (dito doutra forma, tema normalmente polémico, pois a argumentação baseia-se na contraposição de dois ou mais pontos de vista); e por último, um objectivo (isto é, ter como finalidade persuadir e fazer com que o interlocutor fique convencido da ideia defendida).

³ Caracterizada por um vocabulário mais seleccionado, menos usual, e por construções sintácticas de influências clássicas.

tenha em mente os destinatários do TC aquando da tradução, as suas exigências e expectativas. Ou seja, o tradutor terá de decidir se pretende privilegiar a cultura e língua de chegada (aceitabilidade) ou ser fiel e privilegiar a cultura e língua de partida (adequação).

Como tal, uma vez decidido que a tradução seria simultaneamente para o uso de especialistas do tema e ser compreendida pelo grande público interessado no fenómeno do populismo no nosso País, concluímos que faríamos uma tradução que fosse ao encontro do potencial leitor na língua⁴ e cultura de chegada.

Assim, decidimo-nos pela norma inicial de aceitabilidade de Toury (1995). Contudo, em determinados momentos do processo de tradução pareceu-nos mais apropriado optar pela adequação, num esforço que visava a produção de um TC mais fiel possível ao conteúdo do texto de partida (doravante, TP), isto é, exprimir o pensamento e argumentação dos autores como estes o teriam exprimido se tivessem escrito o texto originalmente em língua portuguesa, bem como provocar aos potenciais leitores do TC o efeito semelhante ao provocado nos leitores do TP (Newmark, 1981: 39). Embora tenhamos consciência de que esta é uma missão muito complexa, pois, como se sabe, é necessária uma interação entre texto e sujeito, autor e leitor para que a produção de sentido textual se realize. Cabe ao leitor, a partir do seu olhar, da sua leitura, do seu repertório e visão de mundo produzir o sentido para o texto. Como diz Ingedore G. Villaça Koch, “a compreensão de um texto é uma actividade interactiva altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e a sua reconstrução no interior do evento comunicativo” (Koch, 2011: 17). A complexidade de que se reveste a compreensão de um

⁴ No que tange à variante da língua portuguesa a adoptar neste projecto de tradução, optamos pelo português europeu, que é a variante que, neste momento, funciona como língua oficial em Moçambique. Embora o português europeu não seja a língua materna de muitos moçambicanos, esta é a língua utilizada na escolarização e nos contactos administrativos, oficiais e internacionais. Importa referir também que, predominantemente, a socialização dos moçambicanos e expressão de cultura é feita em línguas moçambicanas.

texto é corroborada por António Joaquim Severino quando afirma o seguinte: “o texto é um meio de comunicação entre subjectividades” (Severino, 2009: 9).

E, por termos optado por uma tradução de divulgação de um texto técnico-científico, usamos uma linguagem clara e acessível que pode ser compreendida por um público alargado, sem, no entanto, pôr em causa o rigor terminológico. Esperamos que tenhamos conseguido ser invisíveis⁵ ou seja, que não se note tratar-se de um texto traduzido. Pois, *inter alia*, um bom tradutor⁶ é aquele cuja presença passa despercebida e o TC flua naturalmente, como se nunca tivesse existido noutra língua (Venuti, 1995: 1).

Para além desta introdução, esta dissertação está organizada em 3 capítulos. No capítulo I, fazemos a caracterização do texto traduzido no âmbito desta dissertação e discutimos a sua relevância para a actual situação socioeconómica do nosso país.

Seguidamente, no capítulo II, apresentamos e discutimos os fundamentos teóricos e metodológicos que serviram de base para a produção do TC. Iniciamos o capítulo com a referência de Furlan (1996) a Walter Benjamin que postula que o papel da tradução é trazer para a língua de chegada a mensagem que está patente no TP, sem que haja necessidade de se recorrer à tradução literal. Esta proposição está vinculada com as normas de tradução de Toury (1995), que descrevem as opções à disposição do tradutor para resolver problemas com que se depara aquando da tradução.

Posteriormente, no capítulo III, analisamos o processo de tradução do texto de partida. Neste capítulo, debruçamo-nos sobre os principais problemas com os quais nos deparamos aquando da

⁵ Venuti entende que quanto mais fluente for a tradução, menos visível é o tradutor e mais visível é o autor e o significado ou essência do texto de partida. Para Venuti (1995: 19), discussão da “invisibilidade” do autor está relacionada com duas estratégias de tradução, nomeadamente, a “domesticação” e “estrangeirização”. E defende que a “domesticação” implica traduzir de forma transparente, fluente e “invisível”, de modo a minimizar a qualidade estrangeirante do texto de partida.

⁶ Esclarece-se, desde já, que nesta dissertação, não temos em conta nenhuma discriminação de género. Ou seja, ao falarmos de tradutor, não estamos a omitir a tradutora.

tradução do texto de partida e apresentamos as estratégias de Chesterman a que recorremos para os resolver.

Finalmente, apresentamos a conclusão e as referências bibliográficas. Esta dissertação inclui dois anexos, nomeadamente, texto de partida e proposta de tradução.

1. ENQUADRAMENTO DO TEXTO TRADUZIDO NO ÂMBITO DESTA DISSERTAÇÃO

1.1 Caracterização do texto

O texto que escolhemos para traduzir no âmbito desta dissertação intitula-se *Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash*” (2016, 53 páginas) e é da autoria de Ronald F. Inglehart (Universidade de Michigan) e Pippa Norris (Universidade de Harvard). O mesmo foi apresentado numa mesa-redonda sobre “Fúria contra o sistema político: política populista nos EUA, Europa e América Latina” realizada no dia 2 de Setembro de 2016 por ocasião da Reunião Anual da Associação Americana de Ciência Política, Filadélfia.

O ensaio aborda a alteração da política em muitos países ocidentais⁷ devido ao crescente apoio a partidos políticos e líderes populistas. Com vista a explicar este fenómeno político, o artigo analisa duas teorias, nomeadamente, a insegurança económica e a revolta cultural. A teoria da insegurança económica, talvez o ponto de vista mais generalizado de apoio das massas ao populismo, enfatiza as consequências das profundas transformações da força laboral e da sociedade em economias pós-industriais. Enquanto a tese de revolta cultural sugere que o apoio a partidos políticos e líderes populistas pode ser visto como uma resistência de sectores da população anteriormente predominantes à mudança progressiva de valores.

O texto está organizado em cinco secções. A primeira apresenta o enquadramento conceptual e teórico. A segunda recorre ao *CHES* realizado em 2014 para identificar o posicionamento ideológico de 268 partidos políticos em 31 países europeus. A terceira compara a tendência da competição de partidos políticos europeus a nível nacional. A quarta usa os dados agrupados do Inquérito Social Europeu (2002-2014) para analisar a evidência transnacional do impacto da insegurança económica e dos valores culturais como preditores de voto em partidos políticos populistas a nível de cada país. A quinta e última, resume as principais constatações e analisa as suas implicações. Em geral, constata-se que as evidências da tese de revolta cultural são as mais consistentes.

⁷ Europa, América do Norte e Austrália.

1.2 Razão de escolha do texto traduzido no âmbito desta dissertação

Convém não facilitar com os bons, convém não provocar os puros. Há no ser humano, e ainda nos melhores, uma série de ferocidades adormecidas. O importante é não acordá-las.

Nelson Rodrigues - dramaturgo brasileiro.

O populismo, enquanto fenômeno político, está em ascensão e cresce a sua influência nos mais variados sistemas partidários um pouco por todo o mundo. Contudo, o populismo não constitui um fenômeno novo. Surge no vocabulário político em meados do séc. XIX, para caracterizar a introdução, na Rússia, de corrente de inspiração socialista-eslavizante, e depois elaborado na sociologia política para explicar as experiências brasileira e argentina ligadas às figuras de Getúlio Vargas e de Perón (Hermet G. et al., 2014: 241). Contudo, foi nos EUA que o populismo ganhou um dinamismo especial no fim do séc. XIX e que persiste até aos dias de hoje. Dada a importância assumida por alguns populistas nas últimas décadas e a sua relativa persistência em vários cantos do mundo, alguns especialistas do tema caracterizam o séc. XXI como a "era do populismo".

O populismo é um termo moderno bastante extenso e impreciso (ibidem: 241). É frequentemente usado por jornalistas, académicos, comunicadores profissionais e políticos para descrever, entre outras coisas, líderes, partidos e movimentos políticos muito distintos. O populismo tanto vem da esquerda como da direita, quer de regimes democráticos, quer autoritários.

Para os populistas a sociedade está dividida em dois grupos homogêneos e antagónicos: o "povo puro" e a "elite corrupta". O populismo tem uma relação ambígua com a democracia. Ou seja, é simultaneamente amigo e inimigo da democracia dependendo da fase da democratização em que surge. É entusiasta da democracia ao defender irredutivelmente a regra da maioria. E é fortemente contra a democracia (liberal) ao rejeitar todos os mecanismos de controlo e separação de poderes horizontais nas instituições do estado de direito democrático, que inclui instituições representativas independentes que garantem a protecção dos direitos fundamentais, como a liberdade de expressão e a protecção das minorias.

Os líderes populistas adoptam estilos distintos. Mas todos usam um discurso de redundância e de amplificação das "aspirações do povo" afim de melhor o controlar e impor uma ordem pelo menos

parcialmente autoritária. O populismo assenta na valorização do povo contra a política institucionalizada, sendo que a distinção entre povo e elite se baseia em critérios morais e não socioeconómicos.

Como ideologia que exalta a vontade do povo, o populismo prospera com maior facilidade nas democracias eleitorais, aproveitando-se das tensões inerentes à democracia liberal, que se propõe assegurar um equilíbrio harmonioso entre o governo da maioria e os direitos humanos.

A falta desse equilíbrio provoca uma desilusão no povo e a perda de confiança nos líderes políticos e instituições democráticas. Geralmente esta situação é provocada por longos períodos de promessas por cumprir, distanciamento das elites do povo, desemprego, desigualdades sociais, falta de dignidade e de esperança. Condições que hoje, na era imediatista das redes sociais digitais onde há terreno fértil para contaminação, são explosivas, abrindo o caminho para a força populista se disseminar entre o povo. Isto acontece em países democráticos e autoritários. A título ilustrativo, citamos os seguintes países: EUA, Hungria, Filipinas, Brasil, Turquia, Venezuela e Itália.

Moçambique enquadra-se nos casos dos países referenciados no parágrafo anterior. E, perante esta realidade actual e global, a questão que se nos põe é: será o nosso país imune à força populista? Se sim, até quando se manterá imune a este fenómeno político em ascensão em várias regiões do mundo? A nossa hipótese de resposta é a seguinte: ninguém sabe ao certo. Contudo, importa realçar que Moçambique não está isento do risco do populismo, pois partilha muitos dos problemas que levam à desilusão e a perda de confiança nos líderes políticos e instituições democráticas. Isto torna necessária uma análise frontal das realidades por detrás do surgimento do populismo noutros países.

Neste contexto, proporcionar o acesso ao texto traduzido no âmbito desta dissertação para o uso de especialistas do tema e compreensão do grande público moçambicano, afigura-se importante para o nosso País neste momento, pois poderá ser útil na busca de soluções adequadas para os desafios que o país atravessa sem cair em qualquer das inúteis armadilhas de autoflagelação do populismo em que infelizmente é comum cair-se.

Esperamos que se possa retirar do TC as devidas lições para se evitar o erro cometido noutros quadrantes do mundo em que se nota uma excessiva preocupação com partidos políticos e líderes

populistas, esquecendo que estes não teriam tanto apoio se o povo não concordasse com boa parte da sua retórica. É, por conseguinte, fundamental combater a procura do populismo e não a sua oferta, pois "se o solo for estéril, a semente do populismo não poderá desenvolver".

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

Não interessa traduzir palavras, mas frases e exprimir, sem perder nada deles, pensamento e emoção, como o autor os teria exprimido se tivesse escrito directamente em francês, algo que só se consegue por meio de uma dissimulação perpétua, de interessantes desvios e frequentemente pelo afastamento da mera literalidade.

André Gide – escritor Francês

A antiga, mas sempre actual controvérsia entre a tradução palavra por palavra (i.e. “literal”) e sentido por sentido (i.e. “livre”)⁸ que dominou o debate da teoria de tradução durante o período a que Newmark (1981: 4) chama de “período pré-linguístico da tradução é revisitada por José de Souza em “Teorias da Tradução: Uma visão integrada” (1998). Neste artigo, o autor defende que o caminho a seguir para se produzir um texto traduzido bem-sucedido é o da conjugação dos dois tipos de tradução, i.e., a tradução deve ser tão literal quanto possível e tão livre quanto necessário.

O conceito de tradução literal está intimamente ligado à ideia de neutralidade, objectividade e fidelidade em relação ao TP, e conforme afirma Peter Newmark citado por José de Souza, “É correcta e não deve ser evitada, uma vez que assegura a equivalência referencial e pragmática em relação ao TP” (Newmark apud Souza, 1998: 52). É um método que traduz as palavras uma a uma e não em contexto. E dessa perspectiva, o TC deve tornar-se a imagem e semelhança do TP no contexto do destino. Portanto, surge como uma tradução mais centrada na forma, ou seja, transmite a gramática e a ordem das palavras. Na tradução literal, não há tratamento especial, por exemplo, para as expressões idiomáticas, que segundo McKEOWN & RADEV (2000: 1) consistem em combinações lexicais cujo “sentido não pode ser inferido individualmente pelo significado das palavras que as compõem”. Por exemplo, composicionalmente, a expressão idiomática “*hold your horses!*” poderia ser traduzida como “segure os seus cavalos”, o que resultaria numa expressão estranha ou pouco natural na língua portuguesa. O que é

⁸ A distinção entre a tradução literal e livre remonta a Cícero (106 – 43 AC) e a São Jerónimo (347 – 420 AC). Os dois termos formam a base dos escritos chave sobre a tradução nos séculos próximos da actualidade.

compreensível, pois as expressões idiomáticas devem ser traduzidas como unidades lexicais, e a tradução mais adequada neste caso seria “espere um momento, seja paciente”.

Em contrapartida, a tradução por equivalência é considerada infiel, livre, subjectiva e apenas apresentar a tradução do sentido do texto de partida. É, portanto, mais centrada no sentido do texto de partida e está ligada à ideia de “manipulação” ou mesmo “simplificação” do texto de partida para melhor adequação ao leitor na cultura de chegada.

Gideon Toury em *The Nature and Role of Norms in Translation* defende que as traduções devem ter como objectivo o texto de partida, não tendo necessariamente os termos na língua de partida de ser idênticos aos da língua de chegada, ou seja, a tradução ideal seria a que vai ao encontro das características relevantes do texto de partida considerando o conteúdo sintáctico, semântico e pragmático do mesmo (Toury, 1995: 53 - 69). Contudo, o tradutor deverá definir os seus critérios de tradução tendo em conta o público-alvo. Daí que tenha de compreender um conjunto de normas que lhe permitam produzir um texto de chegada bem-sucedido, ou seja, produzir um texto de chegada claro e adequado ao público-alvo.

2.1 A possibilidade e a impossibilidade de tradução

Conforme argumenta Mauri Furlan no seu artigo “Linguagem e Tradução em Walter Benjamin” (Furlan, 1996: 551 - 556), Benjamin postula que uma tradução tem de expressar a língua do TP e também a do TC. Benjamin defende que a tradução é uma forma e esta reprodução da forma não significa que tenha que haver uma fidelidade verbal, sintáctica ou estilística, i.e., para o autor o importante será trazer para a língua de chegada a mensagem do TP, sem ter que recorrer, inevitavelmente, à tradução literal.

Porém, este pensamento difere do de Venuti (2004), que defende a tradução literal como forma de preservar os textos e passar a mensagem exacta do TP para o TC. No entanto, sabe-se que a tradução literal nem sempre é possível. A título de exemplo, não seria possível a tradução literal de expressões idiomáticas de língua inglesa para a língua portuguesa, uma vez que nada significariam na língua e cultura de chegada. Pois, como diz Buendía (2013), as expressões idiomáticas são combinações de palavras semanticamente opacas, cujo sentido não pode ser inferido pelo significado das palavras que a compõem. Daí que não devam ser traduzidas literalmente, mas sim através de um método oblíquo, que passa pela procura de uma expressão equivalente na língua de chegada. Por exemplo, a tradução

composicional, ou seja, literal da expressão “*to read someone like a book*” resultaria numa afirmação estranha e não natural na língua portuguesa, nomeadamente, “ler alguém como um livro”. Pois, segundo o *Penguin Dictionary of English Idioms* (2002), “*to read someone like a book*” significa: “saber exactamente o que alguém está a pensar mesmo antes de ele ou ela falar”. Esta divergência de significação evidencia a impossibilidade de traduzirmos composicionalmente as expressões idiomáticas.

Nestes casos, o tradutor pode recorrer às estratégias de tradução alternativas à sua disposição, como por exemplo a tradução por adaptação, empréstimos, decalques, equivalência, neologismos, alterações semânticas ou perífrase, que ajudam a contornar esta intraduzibilidade e a produzir traduções que, para além de correctas do ponto de vista linguístico, sejam naturais na língua de chegada e não causem estranheza no público visado. Daí que, de modo a abordar tais problemas de tradução, além da sua língua de trabalho, o tradutor deve possuir competências pertinentes, tanto linguísticas como culturais. Estes conhecimentos são indispensáveis para que o tradutor evite erros óbvios. Por exemplo, repare-se nos falsos amigos que são palavras muito semelhantes em duas línguas diferentes, geralmente por partilhar a mesma etimologia, mas que têm por vezes sentidos completamente diferentes.

Numa palavra, a tradução não é um trabalho puramente mecânico de substituição de palavras, nem sequer de textos, da língua de partida por palavras na língua de chegada, com auxílio de bons dicionários. Assim como não é apenas a interpretação do texto de partida. O trabalho de tradução é a substituição de textos inseridos em situações comunicativas bem determinadas. Deste modo, entende-se que a tradução será a produção de um texto estrangeiro na língua de chegada, feita pelo tradutor dentro de uma realidade sócio-histórica e cultural específica.

2.2 As normas⁹ de tradução de Gideon Toury

Para que determinados aspectos importantes ao texto de partida e ao texto de chegada não sejam postos em causa, à semelhança da sociedade que é regida por um conjunto de normas imprescindíveis para o seu bom funcionamento e ordem, a tradução deverá igualmente observar uma série de normas.

⁹ Toury (1997: 63) define normas como: “*the translation of general values or ideas shared by a community – as to what is right or wrong, adequate or inadequate – into performance instructions appropriate to particular situations*”.

Toury (1995) defende que a tradução está sujeita a diversos valores e normas que são partilhados por uma sociedade e aplicados pelos indivíduos numa dada situação.

Assim como Benjamin (2008), Toury afirma que estes valores e normas são adquiridos, ao longo do tempo, durante a educação e maturação dos indivíduos sendo que irão influenciar toda a sua forma de pensar e de agir. Portanto, Toury defende que os tradutores são influenciados por factores sociais externos (cultura, sociedade e língua), mas também por factores internos (psicológicos e inconscientes) que lhes são inerentes. Esta é uma das razões para que um mesmo TP, quando traduzido por diferentes tradutores, resulte também em TC diferentes. Embora todos possam ser de boa qualidade.

Portanto, o tradutor irá intervir inevitavelmente nos TC, sendo que nenhum TC poderá ser completamente adequado ou aceitável. No entanto, para Toury (1995: 53), *translation activities should rather be regarded as having cultural significance*, i.e., a finalidade das traduções é transformar o TP e é, deste modo, que o tradutor deverá ter em conta as características culturais do público-alvo, respeitando assim um conjunto de normas, de modo a obter um TC bem-sucedido. Veja-se, a seguir, as normas de tradução de Toury que irão nos ajudar na altura da tradução, a saber: iniciais, preliminares e operacionais¹⁰:

Normas					
Iniciais		Preliminares		Operacionais	
Adequação	Aceitabilidade	Políticas de tradução	Direcção de tradução	Matriciais	Linguístico-textuais
Tabela1: Normas de Tradução de Toury (1995)				Gerais e Particulares	

¹⁰ Nesta dissertação, concentrámo-nos nas normas iniciais e operacionais, pois as preliminares versam mais sobre políticas de tradução e a reacção a traduções indirectas numa determinada cultura, dois aspectos não muito relevantes para este trabalho.

2.2.1 As normas iniciais

Para Toury (1995), as normas iniciais permitem que o tradutor defina a orientação da tradução, tendo em conta ou o contexto de partida (adequação) ou o contexto de chegada (aceitabilidade).

Caso decida-se pela norma de adequação, o tradutor irá utilizar estratégias que lhe permitam privilegiar a cultura de partida. Deste modo, aquando da leitura do texto de chegada, o público visado irá se aperceber que está diante de um texto estrangeiro. Em contrapartida, se optar pela norma de aceitabilidade, o tradutor irá utilizar estratégias que lhe permitem privilegiar a cultura de chegada.

Porém, Toury (1995: 56) diz que “*Obviously, even the most adequacy-oriented translation evolves shifts from the source language*”, ou seja, uma tradução nunca será completamente adequada nem aceitável, na medida em que, na altura da tradução, o tradutor se depara com fragmentos do texto que o obrigam a proceder de forma contrária à norma inicialmente escolhida.

2.2.2 Normas operacionais

De acordo com Toury (1995), as normas operacionais dizem respeito às decisões tomadas pelo tradutor na altura da tradução afectando o núcleo do texto. Estas dividem-se em dois grupos, a saber: normas matriciais e normas linguístico-textuais.

Para Toury (1995), as normas matriciais caracterizam-se por recorrerem à omissão e acréscimo de fragmentos e à mudança de elementos linguísticos no texto de partida por decidirem qual a posição que irão ocupar no texto de chegada. Sendo, para além disso, aplicáveis a qualquer tradução.

As normas linguístico-textuais têm a ver com a selecção do conteúdo do TC, i.e., elementos linguísticos, frases e características estilísticas. Esta selecção visa substituir o conteúdo do TP.

As duas normas mencionadas acima subdividem-se em dois subgrupos, a saber: (i) as normas gerais, aplicáveis a qualquer tradução; e (ii) as normas particulares, aplicáveis a um determinado tipo de tradução, como por exemplo textos técnicos.

A metodologia de Toury revelou-se importante aquando da tradução do texto de partida na medida em que nos ajudou a cumprir o objectivo preconizado, nomeadamente produzir um texto de chegada que privilegiasse a língua e cultura de chegada. Tendo, por conseguinte, optado pela norma inicial de

aceitabilidade. No entanto, para o alcance do objectivo almejado, foi, por vezes, necessário recorrer a um compromisso entre as normas de aceitabilidade e de adequação. Ou seja, quando nos pareceu que a norma de aceitabilidade poderia prejudicar as marcas textuais e, portanto, constituir um entrave para a compreensão textual, decidimo-nos pela norma de adequação, como se poderá constatar no capítulo III relativo à análise do processo de produção do texto de chegada.

A utilização das normas operacionais constatar-se-á aquando das opções de tradução que afectam o núcleo do texto, quer sejam mudanças de elementos linguísticos no texto de partida, quer sejam na escolha do conteúdo do texto de chegada, recorrendo a omissões e acréscimos.

2.3 As estratégias de tradução de Andrew Chesterman

The meme-metaphor highlights an aspect of the translation phenomenon that I want to foreground: the way that ideas spread and change as they are translated, just as biological evolution involves mutations. In this light, a translator is not someone whose task is to conserve something but to propagate something, to spread and develop it: translators are agents of change. (...) The metaphor thus gives less priority to the notion of “preserving identity” or “sameness” which underlie the more traditional image of “carrying something across”, a something that somehow remains unchanged.

(Chesterman, 1997: 2)

De acordo com Chesterman, as estratégias de tradução são formas de manipular o texto de partida com recurso à escolha de elementos linguísticos na língua de chegada que sejam equivalentes no texto de partida (Chesterman, 1997: 89). Para Chesterman, tais escolhas deverão ir ao encontro do pensamento do autor, ou seja, o texto de chegada deverá ser coerente e simples, assim como transmitir ao seu leitor uma informação semelhante a que o texto de partida transmitiu ao seu primeiro leitor, na sua língua de partida. O tradutor recorrerá às estratégias de tradução sempre que se deparar com problemas durante o processo de tradução afim de os solucionar e produzir um texto de chegada boa qualidade. Por exemplo, se o tradutor não encontrar um equivalente na língua de chegada, as estratégias irão ajudá-lo a resolver tal problema.

As estratégias de tradução de Chesterman (1997) estão divididas em três grupos, nomeadamente: estratégias sintáticas ou gramaticais¹¹, que manipulam a forma do texto; as estratégias semânticas¹², que manipulam o significado do texto; e as estratégias pragmáticas que manipulam a mensagem do texto de partida tendo em conta a quem se destina o texto traduzido. Vejamos na tabela abaixo as estratégias de Chesterman:

Estratégias sintáticas (Grupo G¹³)	Estratégias semânticas (Grupo S)	Estratégias pragmáticas (Grupo P)
G1: Tradução literal	S1: Sinonímia	P1: Filtragem cultural
G2: Empréstimo/Decalque	S2: Antonímia	P2: Mudança do grau de explicitação
G3: Transposição	S3: Hiponímia	P3: Mudança de informação
G4: Mudança do tipo de unidade	S4: Opostos/Conversão	P4: Mudança interpessoal
G5: Mudança estrutural da expressão	S5: Mudança do grau de abstração	P5: Mudança elocutória
G6: Mudança estrutural da oração	S6: Mudança do grau de distribuição	P6: Mudança de coerência
G7: Mudança estrutural frásica	S7: Mudança do grau de ênfase	P7: Mudança parcial
G8: Mudança da coesão	S8: Paráfrase	P8: Mudança de viabilidade
G9: Mudança de nível	S9: Mudança de tropo	P9: Reedição
G10: Mudança de esquema	S10: Outras mudanças	P10: Outras mudanças

Tabela 2: Estratégias de Tradução de Chesterman (1997)

A seguir, passamos a descrever cada uma das estratégias de tradução de Chesterman.

¹¹ Relativo à sintaxe, que é o estudo de unidades maiores que as palavras – grupos de palavras ou sintagmas e frases e estrutura e regras da sua formação.

¹² Relativo à semântica, que é o estudo do significado de palavras, expressões ou frases.

¹³ Para evitar confusão com o "S" usado nas Estratégias Semânticas, o "G" nas Estratégias Sintáticas significa "Gramática". O "P", obviamente, significa "Pragmáticas".

2.3.1 Estratégias sintáticas

De acordo com Chesterman (1997), as estratégias sintáticas ou gramaticais são as que compreendem as modificações na sintaxe do texto e manipulam a sua forma. Vejamos a seguir as dez estratégias sintáticas ou gramaticais sugeridas por este autor.

G1: Tradução literal

Chesterman (1997: 94) define a tradução literal como “*maximally close to the SL form, but nevertheless grammatical*”. Esta estratégia encontra-se muito próxima da estrutura gramatical do texto de partida e é utilizada pelo tradutor quando este não encontra uma solução directa na língua de chegada. A tradução literal é usada para produzir um texto de chegada que esteja muito próximo à estrutura da língua de chegada. Veja-se, seguidamente, o seguinte exemplo:

TP: *President Bush and Senator John Kerry have given different answers...*

TC: O presidente Bush e o senador John Kerry deram respostas diferentes...

G2: Empréstimo/Decalque

Chesterman (1997: 94) denomina a presente estratégia de “uma escolha deliberada e consciente”, que consiste em manter propositadamente na língua de chegada, palavras ou expressões da língua de partida que não apresentam qualquer manipulação, ou seja, sem que seja necessário recorrer à tradução. Esta estratégia dá-se quando se usa termos estrangeiros que, de acordo com Vinay e Darbelnet (2000: 85), são empréstimos linguísticos que transitam de língua em língua. Tal acontece porque não existe um equivalente na língua de chegada que apresente o mesmo significado, isto é, não tem uma tradução adequada. Veja-se o exemplo que segue:

TP: *There are historical precedents in America exemplified by Huey Long's **Share Our Wealth** movement...*

TC: Há precedentes históricos nos EUA como, por exemplo, o movimento ***Share Our Wealth*** fundado por Huey Long...

G3: Transposição

Denomina-se transposição a qualquer mudança da classe de uma determinada palavra. Por exemplo, de um substantivo para verbo ou de um adjetivo para advérbio. Esta estratégia envolve ainda algumas mudanças na estrutura gramatical da palavra. Atente-se no seguinte exemplo.

TP: *That is because **spending** on things like the occupation and peacekeeping in Iraq does not do anything to bolster the American economy's productive capacity.*

TC: Isso acontece porque os **gastos** em áreas como a ocupação e a manutenção da paz no Iraque não contribuem para melhorar a capacidade produtiva da economia americana.

G4: Mudança do tipo de unidade

A mudança do tipo de unidade dá-se quando se transfere uma unidade do texto de partida para o texto de chegada. As unidades transferidas poderão ser o morfema, a palavra, o sintagma, a oração, a frase e o parágrafo. Observe-se, em seguida, o seguinte exemplo:

TP: *The Pentagon is seeking to enlist help from the State Department and other agencies in a plan to cut by more than half the population at its detention facility in Guantánamo Bay, Cuba, in part **by transferring** hundreds of suspected terrorists to prisons in Saudi Arabia, Afghanistan and Yemen...*

TC: O Pentágono está a persuadir o Departamento de Estado e outras agências para apoiar o seu plano de reduzir em mais da metade a população prisional em *Guantánamo Bay*, Cuba, em parte **com a transferência** de centenas de suspeitos de terrorismo para prisões na Arábia Saudita, Afeganistão e Iémen...

G5: Mudança estrutural da expressão

A presente estratégia consiste em fazer mudanças a nível da frase incluindo o número, a pessoa, o tempo, o verbo, entre outras, sem que se faça necessariamente uma mudança na unidade, como no seguinte exemplo:

TP: ***The longer this war runs**, the weaker our long-run growth will be, said Mr. Zandi.*

TC: **Quanto mais tempo esta guerra durar**, mais fraco será o nosso crescimento a longo prazo, disse Zandi.

G6: Mudança estrutural da oração

A presente estratégia modifica a estrutura alterando os seus constituintes. Ou seja, há uma mudança a nível da estrutura da oração em si. Como se pode ver no seguinte exemplo:

TP: *What really worries economists, though, **is the future economic impact.***

TC: O que realmente preocupa os economistas, porém, **é o impacto económico futuro.**

G7: Mudança estrutural frásica:

Esta estratégia afecta as unidades de oração que constituem a frase, ou seja, altera a estrutura da mesma. Veja-se o exemplo que se segue:

TP: “*With a budget deficit already at 3.5 percent of GDP,*” **Mr. Roach said,** “*that’s a really big deal.*”

TC: “Com um déficit já em 3,5% do PIB, é realmente um assunto importante”, disse **Roach**.

G8: Mudança da coesão

A presente estratégia está relacionada com a modificação na coesão alterando-a através da repetição, elipse, substituição ou recorrendo ao uso de vários tipos de conectores frásicos. Considere-se o seguinte exemplo:

TP: *At the same time, however, previous research suggests several reasons to doubt the more mechanical version on the economic argument. Hence a decade ago one study concluded that: “We should look skeptically upon the idea that the radical right is purely a phenomenon of the politics of resentment among the “new social cleavage” of low-skilled and low-qualified workers in inner-city areas, or that their rise can be attributed in any mechanical fashion to the growing levels of unemployment and job insecurity in Europe. The social profile is more complex than popular stereotypes suggest”.*

TC: **No entanto**, simultaneamente, pesquisas anteriores sugerem várias razões para se duvidar da versão mais mecanicista do argumento económico. **Por exemplo**, um estudo realizado há uma década atrás concluiu o seguinte: "devemos olhar com cepticismo a ideia de que a direita radical é puramente um fenómeno da política de ressentimento entre a “nova clivagem social” de trabalhadores com baixo nível de competências e de qualificações em aglomerados urbanos, ou que o seu aumento possa ser atribuído mecanicamente a crescentes níveis de desemprego e insegurança no emprego na Europa. **As evidências indicam que o perfil social é mais complexo do que os estereótipos populares sugerem**".

G9: Mudança de nível

Esta estratégia consiste em alterar o nível fonológico, morfológico, sintáctico ou lexical. Não conseguimos identificar exemplos desta estratégia nos textos analisados.

G10: Mudança de esquema

A mudança de esquema refere-se às diversas alterações realizadas pelos tradutores na tradução de esquemas retóricos, tais como repetições, aliterações, paralelismos, ritmo, etc. Esta estratégia parece ser genérica em termos de aplicação. Não conseguimos identificar exemplos desta estratégia nos textos analisados.

2.3.2 Estratégias semânticas

De acordo com Chesterman (1997), as estratégias semânticas são mudanças no léxico, que manipulam o significado do texto, ou seja, manipulam o sentido do texto de partida. Vejamos a seguir as dez estratégias semânticas sugeridas por este autor.

S1: Sinonímia

A sinonímia consiste em não optar pelo equivalente óbvio de uma determinada palavra ou expressão do texto de partida, mas um sinónimo. Recorre-se à esta estratégia para se evitar repetições desnecessárias e contribuir para uma maior adequação das palavras e expressões utilizadas no texto de chegada, como no seguinte exemplo:

TP: *Some **experts** have questioned **that** reasoning.*

TC: Alguns **juristas** questionaram **tal** argumento.

S2: Antonímia

Segundo Chesterman, o tradutor recorre ao uso de antónimos e combina-os com elementos negativos, de modo a não alterar o sentido do texto de partida, como se ilustra no exemplo que se segue:

TP: *...the cynical but **failed** strategy that Boris Johnson followed...*

TC: ... a cínica, mas **não bem-sucedida** estratégia seguida por Boris Johnson...

S3: Hiponímia

A hiponímia consiste na substituição de um hipónimo (palavra que apresenta um valor mais específico) por um hiperónimo (palavra que apresenta um valor mais abrangente), ou vice-versa, como se pode ver no exemplo a seguir:

TP: *In this **article** we deal with....*

TC: Neste **estudo**, abordamos ...

S4: Opostos/Conversão

Os opostos são pares de estruturas verbais que expressam o mesmo estado de coisas de prismas opostos. Por exemplo: “abrir” e “fechar”; “comparar” e “vender”; “perguntar” e “responder”. Veja-se o seguinte exemplo:

TP: *Although the officer, an Army lieutenant colonel attached to the Defence Intelligence Agency, was disciplined and suspended from further involvement with detainees, he **faced no further action beyond a reprimand.***

TC: Embora este oficial, um tenente-coronel a serviço da Agência de Inteligência do Departamento da Defesa, tivesse sido admoestado pelos seus actos e proibido de se envolver com os detidos, ele foi **poupado de qualquer punição adicional além da repreensão.**

S5: Mudança do grau de abstração

Esta estratégia consiste em substituir um termo abstracto no texto de partida, por um termo mais concreto no texto de chegada, ou vice-versa, como ilustra o exemplo que se segue:

TP: *... threats of terrorism pre-9/11 were in distant lands but not **at home** ...*

TC: ...as ameaças de terrorismo antes do 11 de Setembro era uma realidade em terras longínquas, mas não **nos EUA**...

S6: Mudança do grau de distribuição

A presente estratégia refere-se à mudança na distribuição dos mesmos componentes semânticos para mais palavras (expansão) ou para menos palavras (compressão). O exemplo que se segue ilustra o caso da expansão:

TP: ***Many** are still stationed in the mountains around Beirut...*

TC: **Muitos soldados** ainda estão estacionados nas montanhas ao redor de Beirute...

S7: Mudança do grau de ênfase

A presente estratégia consiste em o tradutor aumentar, diminuir ou modificar a ênfase por uma ou outra razão que julgue justificar a alteração, como se pode ver a seguir:

TP: *...the vernacular strategy of relativization in Brazilian Portuguese [Ø] identified by other studies...*

TC: ...a estratégia vernacular de relativização do Português Brasileiro **já** identificada por outros estudos...

S8: Paráfrase

Esta estratégia refere-se à tradução de uma expressão do TP que pode resultar impercebível no TC ou, em alguns casos, não apresentar qualquer tradução. O recurso à paráfrase resulta numa versão do TC que pode ser descrita como livre ou extensa. Na qual componentes semânticos na unidade lexical

tendem a ser desconsiderados, em favor do sentido pragmático de alguma unidade superior, como, por exemplo, uma oração inteira. Recorre-se à paráfrase na tradução de expressões idiomáticas quando não se encontra qualquer expressão equivalente na língua de chegada. Atente-se ao seguinte exemplo:

TP: *Porter J. Goss, the director of central intelligence, said Thursday that he could not assure Congress that the Central Intelligence Agency's methods of interrogating terrorism suspects since Sept. 11, 2001, had been permissible under federal laws prohibiting torture.*

TC: O director da CIA, Porter J. Gross, disse recentemente ao Congresso dos EUA que, neste momento, as técnicas usadas pela Agência Central de Inteligência para o interrogatório de suspeitos de terrorismo são legais e não constituem tortura.

S9: Mudança de tropo

Esta estratégia é usada para a tradução de tropos retóricos tais como as figuras de estilo. Provavelmente pelo facto de os tropos serem mais utilizados em textos literários, esta estratégia não esteve presente nos textos que analisamos.

S10: Outras mudanças

A presente estratégia compreende vários tipos de mudanças, como a mudança de sentido (físico) ou direcção deíctica. Veja-se o seguinte exemplo:

TP: *In addition to the 24 Army cases listed as criminal homicides and the 11 cases listed as justifiable homicides, 28 cases **are listed as confirmed or suspected** deaths from accidents or natural causes.*

TC: Para além dos 24 casos do exército alistados como “homicídios criminosos” e os 11 classificados como “homicídios justificados”, 28 **foram considerados** mortes resultantes de acidentes ou causas naturais.

2.3.3 Estratégias pragmáticas

Segundo Chesterman (1997: 107), “...*pragmatic strategies can be said to manipulate the message itself*”, ou seja, as estratégias pragmáticas manipulam a mensagem do texto de partida em função do público-alvo. Em alguns casos, as estratégias pragmáticas modificam inclusive a intenção do texto de partida. Vejamos a seguir as dez estratégias pragmáticas sugeridas por este autor.

P1: Filtragem cultural

O tradutor recorre a esta estratégia quando se depara com características culturais que apresentam diversos obstáculos na altura da tradução. Ao utilizar a filtragem cultural, o tradutor poderá decidir-se

pela norma inicial de adequação ou de aceitabilidade, substituindo um termo cultural do texto de partida que provoque estranheza e que seja irreconhecível no texto de chegada. Contudo, tais problemas de tradução podem surgir independentemente da norma adoptada, sendo que quando o tradutor opta pela aceitabilidade a filtragem consiste na explicação da palavra ou expressão envolvida de modo a torná-la o mais familiar possível ao leitor da cultura de chegada. Chesterman (1997: 108) denomina esta opção de naturalização, domesticação ou adaptação do texto.

No entanto, quando o tradutor opta pela norma da adequação, este mantém no texto de chegada a palavra ou expressão cultural presente no texto de partida provocando, assim, alguma estranheza por parte do leitor na cultura de chegada. Chesterman denomina esta estratégia de estrangeirização. Vejamos, a seguir, um exemplo em que apesar de ser uma tradução literal do título de um livro, foi considerada uma domesticação por ser traduzida conforme o equivalente na língua de chegada:

TP: *Political Parties in Western Democracies.*

TC: Partidos Políticos em Democracias Ocidentais.

P2: Mudança do grau de explicitação

De acordo com Chesterman (1997: 108), “*explicitation is well known to be one of the most common translatorial strategies*”. A mudança do grau de explicitação é usada para tornar a informação do TC mais explícita ou mais implícita. O tradutor recorre à forma implícita quando assume que o leitor conseguirá compreender o TC mesmo com informação implícita. Já a forma explícita é usada quando a informação no TC não é suficiente para a sua compreensão. Observe-se o seguinte exemplo:

TP: *So far, the administration has not declared publicly that its larger goal beyond Iran is to remake a treaty whose intellectual roots date back to the Eisenhower administration, under the cold war banner of “Atoms for Peace”.*

TC: Até agora, o governo não declarou publicamente que o seu objectivo último para além do **Irão** é rever o tratado **que remonta ao governo de Eisenhower, inspirado em grande medida pelos EUA sob a bandeira da Guerra Fria “Átomos para a Paz”.**

P3: Mudança de informação

O tradutor recorre à esta estratégia quando acredita ser relevante o acréscimo de informação, que não está presente no TP, ao TC. De acordo com Berman (2000: 289), quando o tradutor acrescenta informação ao TC, sem prejudicar a sua mensagem, acaba por permitir que o mesmo seja beneficiado,

pois, torna-o mais claro e harmonioso para o leitor. Embora em alguns casos esses acréscimos sejam imprescindíveis para que o texto seja compreendido na língua de chegada. A presente estratégia poderá ainda consistir na omissão de informação presente no TP que o tradutor considere irrelevante para a compreensão do TC. Vide, em seguida, a exemplificação da omissão de informação presente no TP:

TP: *Witnesses described seeing a ball of fire and hearing a huge explosion inside the courtyard of the mosque...*

TC: Testemunhas disseram **ter ouvido um forte estrondo** no pátio da mesquita...

P4: Mudança interpessoal

De acordo com Chesterman (1997: 110), a mudança interpessoal implica uma alteração da relação entre o texto/autor e leitor, na medida em que modifica o grau de formalidade, de emotividade, de envolvimento, de léxico técnico e afins presentes no TP, como se pode ver no seguinte exemplo:

TP: *...we want the truth about who ordered the killing of Mr. Rafik Hariri, and we want the resignation of those who are responsible for security in the country.*

TC: ...queremos saber a verdade sobre quem mandou matar **Rafik Hariri**, e queremos também a demissão dos responsáveis pela segurança no país.

P5: Mudança elocutória

Esta estratégia consiste em modificar o tom do discurso do texto de chegada. A mudança elocutória está relacionada com outras estratégias como, por exemplo, a mudança do tempo verbal do indicativo para o imperativo, mudança de afirmação para pedido. Veja-se o seguinte exemplo:

TP: *US Secretary of State Condoleezza Rice said it would no longer object to Iran joining the World Trade Organization.*

TC: **Vamos retirar as nossas objeções ao pedido do Irão para entrar na Organização Mundial do Comércio**, disse a Secretária de Estado dos EUA, Condoleeza Rice.

P6: Mudança de coerência

Esta estratégia é relativa à organização lógica da informação no TC a nível conceptual. Em alguns casos, o tradutor poderá alterar a ordem dos parágrafos ou dos capítulos. Veja-se o seguinte exemplo:

TP: *The report finds that early warning signs of serious abuses did not receive enough high-level attention as the abuses unfolded, and that unit commanders did not get clear instructions that might have halted the abuses.*

TC: O relatório constata que os primeiros sinais de alerta de que estavam a ocorrer **sérios abusos no tratamento dado aos detidos, não receberam a devida atenção** por parte da liderança à medida que os maus-tratos continuavam a acontecer, e os comandantes não receberam orientações claras sobre como acabar com os abusos.

P7: Tradução parcial

A presente estratégia refere-se a qualquer tipo de tradução parcial, nomeadamente, tradução resumida, transcrição, tradução de sons, e assim por diante. Vejamos o seguinte exemplo:

TP: *Insurgents strike in northern and central Iraq, killing at least 79 people and wounding 120 others in series of suicide bombings and bloody attacks in Tikrit, Hawija and Baghdad; two-week onslaught by Sunni Arab insurgents is aimed at destabilizing Iraq's newly formed Shiite-majority government.*

TC: Os insurgentes atacaram no Norte e no Centro do Iraque, numa série de atentados com bombas que mataram pelo menos 79 pessoas em três cidades diferentes, e feriram pelo menos outras 120 pessoas.

P8: Mudança de visibilidade

Segundo Chesterman (1997: 112), a mudança de visibilidade “*refers to a change in the status of the authorial presence, or to overt intrusion or foregrounding of the translatorial presence*”. Isto é, torna o tradutor visível no texto de chegada através da inclusão de notas de rodapé ou explicações diluídas no texto. Neste último caso, a explicação pode aparecer entre vírgulas, entre travessões, entre aspas ou entre parênteses, como se ilustra no exemplo que se segue:

TP: *...US leadership unrivalled among Western powers during the Cold War era, threats of terrorism pre-9/11 were in distant lands but not at home...*

TC: ... a liderança dos EUA não tinha nenhum rival entre as potências ocidentais durante o período da guerra fria, as ameaças de terrorismo antes do 11 de Setembro (**data do ataque às Torres Gémeas e ao Pentágono em 2001**) era uma realidade em terras longínquas, mas não nos EUA...

P9: Reedição

O tradutor recorre à presente estratégia quando precisa de fazer diversas alterações no TC, devido a erros de ortografia ou de edição no TP. A reedição não esteve presente nos textos analisados.

P10: Outras mudanças

A presente estratégia envolve a escolha do aspecto gráfico ou de dialetos. No caso dos textos analisados no âmbito desta dissertação, o formato dos textos como um todo foi alterado dos textos de partida para os de chegada.

Na secção que ora termina foi feita uma breve sistematização das estratégias de tradução de Chesterman (1997). Resumindo, as estratégias de tradução de Chesterman são formas explícitas de manipulação de textos que os tradutores utilizam para resolver de forma eficaz e adequada os problemas com que se deparam na altura da tradução. Estas estratégias são igualmente utilizadas para a produção de um texto de chegada bem-sucedido. As mesmas são identificáveis ao se fazer uma comparação entre o texto de chegada e o texto de partida (Chesterman, 1997: 94 -112).

A sistematização das estratégias de tradução de Chesterman é de suma relevância para este trabalho, pois estas serviram de base para resolver, de forma eficaz e adequada, os problemas que foram surgindo aquando da tradução. Tendo, conseqüentemente, informado a análise do processo de tradução apresentada no capítulo III, onde notar-se-á que a norma de aceitabilidade de Toury (1995) orientou o nosso processo de tomada de decisões que nos permitiram produzir um texto de chegada bem-sucedido. A próxima secção vai dedicar a sua atenção às metodologias e procedimentos de tradução.

2.4 Metodologia e procedimentos

Em latim, traduzir é *traducere* que significa fazer passar de um ponto para outro, transferir, atravessar. Portanto, o termo “traduzir” pode ser entendido como conduzir um texto escrito numa língua para o domínio de outra diferente. No entanto, como se sabe, a tradução não é um trabalho meramente mecânico de substituição de palavras, nem sequer de textos, de uma língua pelas palavras de outra língua com auxílio de bons dicionários, mas de textos inseridos em situações comunicativas bem determinadas.

Por conseguinte, não é suficiente substituir as palavras de uma frase, uma por uma, da língua de partida por seus equivalentes da língua de chegada. A tradução exige habilidades que transcendem o conhecimento meramente linguístico. O domínio de línguas e saber usar um glossário especializado não basta para se produzir um TC bem-sucedido. Numa palavra, *inter alia*, um tradutor deve ter um domínio perfeito da língua de partida e da língua de chegada, às quais deverá acrescentar uma sólida cultura geral e um conhecimento aprofundado do mundo moderno. É consensual que é impossível traduzir o que não se consegue entender bem. Por isso, antes de iniciarmos a tradução propriamente dita¹⁴ do texto

¹⁴ Bell (1991: 13) apresenta três significados distintos do termo “tradução”, a saber: (i) *translating: the process (to translate; the activity rather than the tangible object)*; (ii) *a translation: the product of the process of translating (i.e., the translated*

traduzido no âmbito desta dissertação, fizemos uma leitura preparatória e de interpretação do TP para conhecer bem o texto que nos proponhamos a traduzir, daí que tenhamos o lido analiticamente¹⁵.

A leitura preliminar do texto de partida permitiu-nos ter uma visão global do texto, dos seus traços de estilo mais marcantes¹⁶ e o propósito dos autores. Numa palavra, a leitura preparatória permitiu-nos ter uma ideia do conjunto e do sentido geral do texto. Foi igualmente nesta leitura que tiramos todas as nossas dúvidas sobre palavras do texto de partida que desconhecíamos e anotamos as passagens difíceis e palavras cuja tradução desconhecíamos no momento, ou que, por serem ambíguas, podiam ter mais de uma tradução. Pois, sem entendermos devidamente o TP não poderíamos traduzi-lo.

Em seguida, pesquisamos o contexto em que o texto de partida foi escrito e a trajectória dos autores. Com esta pesquisa obtivemos informações sobre o contexto em que o TP foi escrito e a longa experiência dos autores sobre o fenómeno do populismo no mundo, particularmente no Ocidente¹⁷.

Após a leitura preparatória e a pesquisa do contexto e trajectória dos autores, identificamos o público-alvo para que o tivéssemos em mente na altura da tradução, nomeadamente as suas exigências e expectativas. Pois, como se sabe, de um mesmo TP, podem ser produzidos inúmeros TC aceitáveis de acordo, *inter alia*, com o público-alvo e objectivo pretendidos. Optamos por produzir um TC em linguagem clara e acessível ao leitor não especializado, para fins de divulgação do assunto entre leigos e curiosos interessados no fenómeno do populismo e não um TC com uma carga científica e técnica para o uso exclusivo de especialistas do tema. Contudo, não descaramos o necessário rigor científico inerente

text); and (iii) translation: the abstract concept which encompasses both the process of translating and the product of that process.

¹⁵ A leitura analítica é o processo de descodificação de um texto, com vista à apreensão da mensagem nele contida. Por esta modalidade de leitura, entende-se aquela abordagem de um texto a partir dos seguintes objectivos: apreender a mensagem global da unidade de leitura, de modo que o leitor tenha uma visão da integralidade do raciocínio desenvolvido pelo autor, levando-o tanto à compreensão dessa mensagem como à sua interpretação. (Severino, 2009: 13).

¹⁶ Conforme indicamos anteriormente, relativamente à tipologia textual, o texto traduzido no âmbito desta dissertação é argumentativo.

¹⁷ Europa, América do Norte e Austrália.

a um texto técnico-científico. Aquando da tradução, sempre tivemos subjacente o princípio de que não há texto técnico-científico que não possa ser traduzido de forma simples.

No que tange à variante de língua portuguesa adoptada neste projecto de tradução, optamos pelo português europeu, tomado oficialmente como norma de referência no nosso país¹⁸. Já aquando da tradução, sempre tivemos em mente o sentido integral do texto de partida e evitamos traduzir frase por frase. Pois, é preciso que cada frase se coadune com o sentido geral do parágrafo, este com o tópico da secção e este último com o tema do texto, formando um todo orgânico. Pois, como se sabe, um texto não é um amontoado de frases, e é isto que torna a tradução automática quase impossível.

A revisão do TC é imprescindível na produção de uma tradução (i.e., produto final do processo de tradução) bem-sucedida. Daí que, terminado o processo de tradução, deixamos o TC por alguns dias antes de o rever. O espaço de tempo entre a tradução e a revisão deu-nos um certo distanciamento que fez com que fosse mais fácil trabalhar no TC sem maior envolvimento pessoal. Todos os trechos do TC que nos pareceram não suficientemente claros foram marcados para um novo confronto com o TP. No geral constatamos que a falta de clareza decorria da nossa interpretação imprecisa do TP e tivemos a oportunidade de fazer as necessárias alterações e correcções.

No capítulo a seguir vamos reflectir sobre alguns problemas encontrados aquando da tradução e sobre as estratégias utilizadas para os resolver com base no pensamento de Benjamim (2008) e nas propostas metodológicas de Chesterman (1997) e de Toury (1995).

¹⁸ Segundo alguns linguistas, está a emergir a variedade Moçambicana da língua portuguesa. Sobre o assunto, veja Perpétua, Gonçalves. *A Génese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1.ª ed., 2010 e Irene Mendes. *O Léxico no Português de Moçambique*. Maputo: Promédia, 2000.

3. ANÁLISE DE QUESTÕES DE TRADUÇÃO

O processo de tradução passa por um caminho ladeado de armadilhas (leia-se problemas de tradução).

Paulo Roni - tradutor brasileiro

Depois de termos abordado as metodologias e procedimentos de tradução, na secção anterior, eis chegado o momento de, no presente capítulo, apresentamos os problemas de tradução com os quais nos deparamos aquando da tradução do texto com o título *Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash* e a forma como os resolvemos utilizando as estratégias de tradução de Chesterman e as normas iniciais de Toury abordadas no capítulo II.

Antes de se iniciar qualquer acto de tradução é absolutamente necessário considerar-se os aspectos macro textuais, isto é, o tipo de texto, se é, por exemplo, literário, técnico ou científico, as diferenças culturais entre a língua de partida e a língua de chegada, e o público-alvo da tradução. Pois, estes aspectos influenciarão as decisões de tradução micro textuais, isto é, decisões que afectam o núcleo do texto, que têm a ver com a alteração de elementos linguísticos no texto de partida assim como na selecção do conteúdo do texto de chegada. Em síntese, a identificação do tipo de texto permite que o tradutor reconheça as propriedades linguísticas e de organização textual específicas do texto que se pretende traduzir, o que irá concorrer para a produção de um texto de chegada bem-sucedido.

Por conseguinte, em primeiro lugar, começaremos por caracterizar o público-alvo do texto de chegada. Apesar de o texto de partida ser técnico-científico¹⁹, e seguir o apanágio dos textos técnico-científicos, i.e., escritos por especialistas para especialistas (pesquisadores, docentes universitários, etc.), daí ter sido escrito num estilo compatível com padrão linguístico mais alto, por termos optado por uma tradução de divulgação, mantivemos o seu rigor terminológico, mas usamos uma linguagem clara e acessível ao leitor não especializado. Pois, só assim poderíamos alcançar a meta que nos propusemos

¹⁹ Em regra geral, o texto técnico-científico é reconhecível pela temática, por um modo objectivo de apresentar os problemas e pela terminologia. É caracterizado por uma atenção ao pormenor na terminologia e não tem a plurissignificação de um texto literário. O emprego de termos que têm um significado preciso no âmbito duma disciplina. A precisão do texto técnico-científico exige um único sentido para as palavras.

nesta dissertação, nomeadamente, produzir um texto de chegada que seja simultaneamente para o uso de especialistas do tema e compreendido pelo público mais vasto interessado no fenómeno do populismo no nosso país, contribuindo, deste modo, para o debate sobre um tema sensível e bastante actual em várias regiões do mundo.

Portanto, foi tendo em conta o público-alvo que produzimos o texto de chegada recorrendo às estratégias de tradução de Chesterman para resolver os múltiplos problemas de tradução que foram surgindo ao longo do trabalho desenvolvido. Como tal, estas estratégias permitiram produzir um texto de chegada bem-sucedido, ou seja, um texto que seja simultaneamente simples e fluente, de modo a não provocar estranheza no potencial leitor da cultura de chegada, e beneficiá-lo aquando da leitura do texto evitando constantes quebras de ritmo. Pensamos que tal estranheza poderia constituir um entrave para a compreensão textual, pois como postula Benjamin (2008), a simplicidade de um texto de chegada irá proporcionar uma leitura fluente e compreensiva evitando pausas constantes ao potencial leitor.

Antes de mais, para o alcance do tal objectivo, recorreremos às normas iniciais de Toury. Especificamente, a norma de aceitabilidade, de modo a produzir um texto de chegada que privilegiasse a cultura e língua de chegada, ou seja, a realidade cultural e linguística moçambicana. Conjugada com as estratégias de Chesterman, esta norma permitiu-nos evitar os constrangimentos acima referidos. Porém, sempre que nos pareceu que poderíamos despir o texto de partida das suas marcas textuais, que palavras e expressões, como por exemplo os estrangeirismos, resultariam perceptíveis para o público-alvo, decidimo-nos pelo compromisso entre as normas iniciais de aceitabilidade e a adequação, em linha com o postulado por Toury: *“the poles of adequacy and acceptability are on a continuum since no translation is ever totally adequate or totally acceptable. Shifts are inevitable, norm-governed, and ‘a true universal of translation’*” (Toury 1995: 57). É disto exemplo a utilização de empréstimos.

Sendo que privilegiamos a norma de aceitabilidade, aquando da comparação entre o TP e o TC notar-se-á o apagamento e a inversão de palavras, assim como uma adaptação à cultura e língua de chegada de palavras e expressões, sem, no entanto, pôr em causa o rigor científico do TP.

3.1 Análise da tradução do texto

Dada a complexidade do TP, tivemos que resolver uma variadíssima gama de problemas de tradução para poderemos apresentar um TC que fosse simultaneamente para o uso de especialistas do tema e ser compreendido pelo público mais vasto interessado no fenómeno do populismo no nosso país.

Os problemas que foram surgindo na altura da tradução vão desde diferenças entre português e inglês enquanto línguas²⁰, até questões culturais, que tivemos que os resolver.

Dividimos o texto de partida e o texto de chegada em tabelas e destacamos a negrito as palavras e expressões em análise para uma melhor identificação dos problemas com os quais nos deparamos aquando da tradução e como é que os mesmos foram resolvidos. Os exemplos das várias estratégias a que recorremos foram retirados do texto traduzido para português no âmbito desta dissertação.

3.1.1 Estratégias sintáticas

G1: Tradução literal

O recurso à tradução literal resultou num TC com uma estrutura muito próxima à da língua de partida, isto é, à língua inglesa. Vejamos, em seguida, os exemplos ilustrativos da tradução literal.

Exemplo 1	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Populism is not new; van Beyme suggests that this movement has historically experienced a least three successive waves. (p. 9)	O populismo não é novo. van Beyme sugere que historicamente este movimento passou por pelo menos três vagas sucessivas. (pág. 12)

²⁰ Embora as línguas inglesa e portuguesa utilizem o alfabeto romano, são línguas de troncos diferentes. O Inglês é uma língua anglo-germanica e o Português uma língua neo-latina. Nestes casos, a tradução tende a distanciar -se muito do original, tornando menos literal e mais oblíqua. Contribui também para que a tradução seja oblíqua a diferença de culturas entre falantes naturais de uma língua e os falantes naturais da outra.

Exemplo 2	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The conclusion highlights several main findings. (p. 4)	A conclusão destaca várias constatações principais. (pág. 5)

Exemplo 3	
Texto de Partida	Texto de Chegada
What exactly is populism? There are many interpretations of this concept, and numerous attempts to identify the political parties and movements that fall into this category. (p. 6)	O que é exactamente o populismo? Existem muitas interpretações deste conceito, e inúmeras tentativas de identificar os partidos e movimentos políticos que se enquadram nesta categoria. (pág. 9)

Exemplo 4	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Within this last category, many accounts have sought to explain the attitudes of the voters. (p. 10)	Nesta última categoria, muitas narrativas procuram explicar as atitudes dos eleitores. (pág. 14)

Exemplo 5	
Texto de Partida	Texto de Chegada
In recent decades, populist parties have gained growing support among the electorates of developed countries. (p. 23)	Nas últimas décadas, os partidos políticos populistas ganharam um crescente apoio entre os eleitorados de países desenvolvidos. (pág. 33)

Exemplo 6	
Texto de Partida	Texto de Chegada
But Trump and Sanders are far from unique. (p. 6)	Mas Trump e Sanders estão longe de serem os únicos. (pág. 7)

Exemplo 7	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Populist parties do not have to gain many votes to exert substantial influence; (p. 6)	Os partidos políticos populistas não precisam de ganhar muitos votos para exercer uma influência substancial. (pág. 8)

G2: Empréstimo/Decalque

O empréstimo consistiu na utilização de palavras ou expressões do texto de partida que não apresentam qualquer manipulação no texto de chegada. Repare-se que o recurso ao empréstimo reflecte a norma de adequação, e não da aceitabilidade, já que não apresenta qualquer manipulação no texto de chegada. Os exemplos (8) – (16) ilustram a presença de empréstimos linguísticos na nossa tradução.

Exemplo 8	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Trump, Brexit , and the rise of Populism... (p. 1)	Trump, <i>Brexit</i> e a ascensão do populismo... (pág. 1)

O termo *Brexit* vem da junção das palavras *Britain* (abreviatura de *Great Britain* que significa Grã-Bretanha – parte integrante do Reino Unido) e *Exit* (saída). Com o *Brexit*, o Reino Unido deixa de fazer parte da União Europeia. Uma vez que este anglicismo já entrou no vocabulário da língua portuguesa e é amplamente usado em trabalhos científicos e pelos órgãos de comunicação social, incluindo em Moçambique, optamos por o deixar tal qual para não complicar desnecessariamente o texto de chegada, assim como torná-lo reconhecível a quem se destina a tradução.

Exemplo 9	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Populist support charismatic leaders reflecting a deep mistrust of the establishment and mainstream parties... (p.30)	Os populistas apoiam líderes carismáticos, o que reflecte uma profunda desconfiança do <i>establishment</i> e dos principais partidos políticos... (pág. 43)

O termo *establishment* tem várias traduções possíveis em função do contexto de ocorrência. Por exemplo: “ordem estabelecida”, “classe dirigente”²¹ etc. Contudo, tem sido usado tal qual, pois já entrou no vocabulário da língua portuguesa e é largamente usado em trabalhos científicos e pelos órgãos de comunicação social e também é mais expressivo, daí que tenhamos tomado a decisão de o deixar no texto de chegada. Deste modo, julgamos ter evitado complicar desnecessariamente o texto de chegada, bem como torná-lo reconhecível a quem se destina a tradução.

Exemplo 10	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...susceptible to the anti-establishment , nativist, and xenophobic... (p. 2)	...se tornassem susceptíveis ao alarmismo <i>anti-establishment</i> , nativista e xenófobo, ... (pág. 3)

O termo *anti-establishment* tem várias traduções possíveis em língua portuguesa dependendo do contexto de ocorrência. Por exemplo: “contra a ordem estabelecida” ou “anti-sistema”²². No entanto, tem sido usado tal qual, pois já entrou no vocabulário da língua portuguesa e é largamente usado pela comunidade científica e pelos meios de comunicação social, e também é mais expressivo. Daí que tenhamos tomado a decisão de o conservar no texto de chegada. Deste modo, julgamos ter evitado complicar desnecessariamente o texto de chegada, bem como torná-lo reconhecível ao público-alvo.

²¹ Grande Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora, Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa e o *Portuguese - English Oxford Dictionary*.

²² Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa.

Exemplo 11	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...dishonest Wall Street speculators, arrogant intellectuals, and politically correct liberals. (p. 5)	...especuladores desonestos da <i>Wall Street</i> , mercado financeiro dos EUA, intelectuais arrogantes e liberais politicamente correctos. (pág. 7)

A expressão *Wall Street* significa mercado financeiro dos EUA. Uma vez este item lexical já entrou no vocabulário da língua portuguesa e é largamente usado em trabalhos científicos e pelos órgãos de comunicação social, incluindo no nosso país, e também pela sua expressividade, tomamos a decisão de a deixar tal qual no TC. Além disso, acrescentamos nova informação entre vírgulas para explicitar que *Wall Street* refere-se ao mercado financeiro dos EUA. Deste modo, julgamos que, ao manter o termo original e acrescentar a paráfrase, tornamos o TC reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 12	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The CNN exit polls across all the 2016 GOP primaries and caucuses ... (p. 5)	As sondagens à boca das urnas da CNN em todas as eleições primárias e <i>caucuses</i> do Partido Republicano de 2016... (pág. 7)

Segundo Hermet, G. et al. (2014: 41), nos EUA, onde o termo *caucus* aparece pela primeira vez em 1763, designa as instâncias encarregadas de seleccionar os candidatos de cada partido, em particular ao nível dos estados federados ou do condado. Uma vez que este termo já entrou no vocabulário da língua portuguesa e é amplamente usado em trabalhos científicos e pela comunicação social, tomamos a decisão de conservar o termo tal qual para não complicar desnecessariamente o texto de chegada, assim como torná-lo reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 13	
Texto de Partida	Texto de Chegada
There are historical precedents in America exemplified by Huey Long's Share Our Wealth movement... (p. 6)	Há precedentes históricos nos EUA como, por exemplo, o movimento <i>Share Our Wealth</i> fundado por Huey Long... (pág. 7)

O movimento *Share Our Wealth* foi fundado em Fevereiro de 1934, durante a Grande Depressão, por Huey Long, governador do Estado de Louisiana e mais tarde senador dos EUA. Uma vez que esta expressão já entrou no vocabulário da língua portuguesa e é amplamente usada em textos científicos e pela imprensa, incluindo a moçambicana, optamos por a conservar no TC. Deste modo, julgamos ter evitado complicar desnecessariamente o TC, bem como para torná-lo reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 14	
Texto de Partida	Texto de Chegada
It can also be regarded as the inevitable outcome of the Tea Party tilt pushing the House Republican leadership further to the right... (p. 9)	Também pode ser visto como o resultado inevitável da pressão do movimento <i>Tea Party</i> empurrando a liderança do Partido Republicano na Câmara de Representantes mais para a direita... (pág. 13)

A expressão *Tea Party*, em referência à Festa do Chá de Boston, é um movimento social e político dos EUA. Uma vez que esta expressão já entrou no vocabulário da língua portuguesa e é muito usada pela imprensa, incluindo a moçambicana, tomamos a decisão de a deixar tal qual para não complicar desnecessariamente o TC, assim como para torná-lo reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 15	
Texto de Partida	Texto de Chegada
... forcing them to widen their electoral appeals as catch-all parties to attract public-sector professionals... (p. 11)	... forçando-lhes a alargar as suas promessas eleitorais como partidos <i>catch-all</i> para atrair profissionais do sector público... (pág.16)

A expressão *catch-all party* designa os partidos políticos que procuram atrair indivíduos com pontos de vista diferentes e de diversas correntes ideológicas, em contraposição daqueles que seguem uma única ideologia e procuram atrair eleitores que se simpatizam com esse ideal. Embora tenhamos encontrado alguns textos que traduziram *catch-all party* por partido “pega-tudo” e partido “agarra tudo”, uma vez que *catch-all party* é mais expressivo e já entrou no vocabulário da língua portuguesa e é amplamente usado em trabalhos científicos e pela imprensa, incluindo no nosso país, tomamos a decisão de a deixar tal qual no texto de chegada, para não o complicar desnecessariamente.

Exemplo 16	
Texto de Partida	Texto de Chegada
... Britain remained a major economic and military power leading the Commonwealth . (p. 16)	... o Reino Unido permaneceu uma grande potência económica e militar liderando a Commonwealth . (pág. 25)

O termo *Commonwealth*, uma redução de *Commonwealth of Nations*, é o nome de uma organização voluntária com mais de meia centena de membros. Embora, tenhamos encontrado “Comunidade das Nações” como equivalente de *Commonwealth* em alguns textos de língua portuguesa, na maior parte dos trabalhos científicos e na comunicação social, particularmente a moçambicana, o termo *Commonwealth* é usado tal qual para se referir a esta organização, daí que tenhamos optado por o manter para não complicar desnecessariamente o TC, bem como torná-lo reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 17	
Texto de Partida	Texto de Chegada
... and pluralistic forms of governance based on respect for the protection of minority rights and checks and balances in decision-making processes. (p. 17)	... e formas pluralistas de governação baseadas no respeito pela protecção dos direitos das minorias e checks and balances nos processos de tomada de decisões. (pág. 26)

De acordo com Hermet, G. et al. (2014: 44), *checks and balances* é um conceito constitucional americano que se refere aos dispositivos institucionais que tendem a evitar a concentração de um poder excessivo em benefício de uma pessoa (o presidente) ou de uma entidade política (as câmaras, a administração ou o poder judicial). No geral, fora dos EUA, o princípio de separação dos poderes obedece igualmente a esta lógica. Embora, tenhamos encontrado “freios e contrapesos” como equivalente de *checks and balances* em alguns textos de língua portuguesa, uma vez que a expressão *checks and balances* é mais expressiva e já entrou no vocabulário da língua portuguesa e é amplamente usada em trabalhos científicos e pelos órgãos de comunicação social, incluindo em Moçambique, tomamos a decisão de a deixar tal qual para não complicar desnecessariamente o texto de chegada, bem como para torná-lo reconhecível ao público-alvo.

G3: Transposição

A transposição consistiu na mudança de classe de palavras. Ou seja, de verbo para substantivo ou de um adjectivo para advérbio etc. Considerem-se os seguintes exemplos:

Exemplo 18	
Texto de Partida	Texto de Chegada
... in promising to promulgate strict traditionalist views of the family and child-rearing ... (p. 31)	... ao prometer a promulgação de ideias conservadoras rígidas sobre a família e a educação de filhos ... (pág.44)

Exemplo 19	
Texto de Partida	Texto de Chegada
In short, the economic insecurity thesis is only partially supported by this model – with unemployment the clearest socio-economic indicator of populist voting support. (p. 27)	Resumindo, a sustentação da tese de insegurança económica por este modelo é apenas parcial – com o desemprego a apresentar-se como o indicador socioeconómico mais claro de voto em populistas. (pág.40)

Exemplo 20	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Table 2 presents the results of logistic regression models predicting voting for a populist party... (p. 26)	A Tabela 2 apresenta os resultados de modelos de regressão logística que predizem o voto a favor de um partido político populista... (pág.38)

Exemplo 21	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...including age, sex, education, religiosity, and belonging to an ethnic minority... (p. 26)	...incluindo idade, sexo, escolarização, religiosidade, e pertença a uma minoria étnica... (pág.38)

Nos exemplos (18) – (21) o verbo no TP foi traduzido como substantivo no TC.

Exemplo 22	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...the cynical but failed strategy that Boris Johnson followed by heading the “Leave” campaign in an (unsuccessful) attempt to advance his prospects for leadership of the Conservative party... (p. 9)	...a cínica, mas não bem-sucedida estratégia seguida por Boris Johnson ao encabeçar a campanha a favor da saída do Reino Unido da União Europeia numa tentativa (sem sucesso) de melhorar as suas perspectivas de liderar o Partido Conservador... (pág.13)

No exemplo (22) o substantivo no TP foi traduzido como verbo no TC.

Exemplo 23	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Firstly , populism is understood as ... (p. 6)	Em primeiro lugar, o populismo é entendido como... (pág.9)

No exemplo (23) o adverbio no TP foi traduzido como adjectivo no TC.

G4: Mudança do tipo de unidade

A mudança do tipo de unidade consiste em traduzir uma unidade do TP como uma unidade diferente no TC. As unidades podem ser: morfema, palavra, sintagma, oração, frase e o parágrafo. Não tivemos que recorrer a esta estratégia aquando da produção do TC no âmbito desta dissertação.

G5: Mudança estrutural da expressão

A presente estratégia consiste numa série de mudanças na frase, incluindo, *inter alia*, o número, a pessoa, o tempo, o verbo e o artigo, sem que haja necessariamente uma mudança na unidade. Observem-se os seguintes exemplos desta estratégia.

Exemplo 24	
Texto de Partida	Texto de Chegada
This study examines two theories on the demand-side. (p. 2)	O presente artigo analisa duas teorias relativas à demanda. (pág.2)

No exemplo acima (24), houve alteração na escolha do pronome e do verbo.

Exemplo 25	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The exact reasons underlying these relationships remain unclear, however, and these are theoretically open to interpretation. (p. 4)	Contudo, as razões exactas subjacentes a estas relações mantêm-se pouco claras e teoricamente sujeitas a várias interpretações. (pág.5)

No exemplo acima (25), houve alteração em termos de número, de singular para plural.

Exemplo 26	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Table 2 presents the results of logistic regression models predicting voting for a populist party in the previous national election. (p. 26)	A Tabela 2 apresenta os resultados de modelos de regressão logística que predizem o voto a favor de um partido político populista nas anteriores eleições gerais. (pág. 37 - 38)

No exemplo acima (26), houve alteração em termos de número, de singular para plural.

G6: Mudança estrutural da oração

A presente estratégia consistiu na alteração da ordem dos constituintes da oração, ou seja, na mudança a nível da estrutura da oração em si. Veja-se, seguidamente, os exemplos (27) – (35) que ilustram a utilização desta estratégia.

Exemplo 27	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Two theories are examined here. (p. 1)	Este texto analisa duas teorias. (pág. 1)

Acima temos o exemplo de oração na voz passiva no TP que no TC passou para a voz activa.

Exemplo 28	
Texto de Partida	Texto de Chegada
In short, the economic insecurity thesis is only partially supported by this model – with unemployment the clearest socio-economic indicator of populist voting support. (p. 27)	Resumindo, a sustentação da tese de insegurança económica por este modelo é apenas parcial – com o desemprego a apresentar-se como o indicador socioeconómico mais claro de voto a populistas. (pág.40)

Exemplo 29	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Even in countries without many elected populist representatives , these parties... (p. 2)	Mesmo em países sem muitos representantes populistas eleitos , estas formações políticas... (pág.2)

Exemplo 30	
Texto de Partida	Texto de Chegada
For example, in 2016 the GOP platform is extreme in promising to promulgate strict traditionalist views of the family ... (p. 31)	Por exemplo, em 2016, o manifesto eleitoral do Partido Republicano assume uma posição extremista ao prometer a promulgação de ideias conservadoras rígidas sobre a família ...(pág.44)

Exemplo 31	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The exact reasons underlying these relationships remain unclear, however , and these are theoretically open to interpretation. (p. 4)	Contudo , as razões exactas subjacentes a estas relações mantêm-se pouco claras e teoricamente sujeitas a várias interpretações. (pág.5)

Exemplo 32	
Texto de Partida	Texto de Chegada
As a first step in the analysis, the two ideological scales from the CHES dataset can be used to compare the perceived location of the European political parties, according to experts. (p. 19)	De acordo com os especialistas do tema, como primeiro passo da análise, as duas escalas ideológicas do conjunto de dados do CHES podem ser usadas para comparar o posicionamento ideológico dos partidos políticos europeus. (pág.29)

Exemplo 33	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The <i>Republikaner</i> , on the other hand , were stigmatized as the heirs of the Nazis... (p. 21)	Em contrapartida, Os Republicanos, partido político alemão de orientação nacionalista, foram estigmatizados como herdeiros dos nazistas... (pág. 32)

Exemplo 34	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The evidence examined in this study suggests that the rise of populist parties reflects, above all , a reaction against a wide range of rapid cultural changes... (p. 30)	Acima de tudo, a evidência analisada neste estudo sugere que a ascensão de partidos políticos populistas reflecte uma reacção contra uma vasta gama de rápidas mudanças culturais... (pág.43)

Exemplo 35	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The results of the factor analysis presented in Table 1 confirm that the cultural and the economic cleavages from two distinct and consistent dimensions of party competition, as theorized . (p. 17)	Em conformidade com o teorizado , os resultados da análise factorial apresentados na Tabela 1 confirmam as clivagens económicas e culturais de duas dimensões distintas e consistentes da competição partidária. (págs. 26 - 27)

Nos exemplos acima, (28) – (35), invertemos a ordem das palavras.

G7: Mudança estrutural frásica

A mudança estrutural frásica refere-se às alterações ocorridas nas orações que compõem a frase. Vejamos, a seguir, a exemplificação desta estratégia.

Exemplo 36	
Texto de Partida	Texto de Chegada
During the era from 1970 to 1990, the main story was the rise of post-materialist issues. In recent decades, however , in Western democracies the backlash against cultural change has become increasingly prominent. (p. 29)	A principal característica do período que vai da década de 1970 a de 1990 foi a ascensão de questões pós-materialistas. Porém , nas últimas décadas, a revolta contra as mudanças culturais nas democracias ocidentais tornou-se cada vez mais notória. (pág. 43)

Exemplo 37	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Two arguments are common in the literature seeking to explain contemporary mass support for populist parties : (p. 16)	Na literatura que procura explicar o actual apoio das massas a partidos políticos populistas são frequentes dois argumentos: (pág. 25)

Exemplo 38	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Though this is a frequent claim, previous studies have reported only mixed evidence linking the number of migrants in a country directly with levels of voting support for radical right parties. (p. 16)	Embora esta seja uma alegação frequente, as evidências que correlacionam o número de imigrantes num determinado país com os níveis de apoio eleitoral a partidos políticos de extrema-direita constatadas pelos estudos anteriores são inconclusivas. (pág. 23)

Nos exemplos (36) a (38) ilustram a presença da mudança estrutural frásica.

G8: Mudança da coesão

Esta estratégia refere-se ao emprego de elementos de coesão como a repetição, elipse, substituição ou recurso ao uso de vários tipos de conectores frásicos, como no seguinte exemplo:

Exemplo 39	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Figure 5 illustrates how the issues emphasized in political party platforms evolved from 1950 to 2010, in thirteen Western democracies (Austria, Belgium, Canada, Denmark, France, Germany, Ireland, Italy, Netherlands, Norway, Sweden, Switzerland and United States). This figure shows the declining emphasis on economic issues. (p. 24)	A Figura 5 ilustra como as questões enfatizadas em manifestos eleitorais de forças políticas evoluíram no período que vai de 1950 a 2010 em treze países democracias ocidentais, nomeadamente, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Holanda, Noruega, Suécia, Suíça e EUA. Além disso, a Figura 5 mostra o declínio da ênfase em questões económicas. (pág.36)

G9: Mudança de nível

Esta estratégia consiste na alteração do nível fonológico, morfológico, sintáctico ou lexical. Não tivemos que recorrer a esta estratégia aquando da produção do TC no âmbito desta dissertação.

G10: Mudança de esquema

A presente estratégia refere-se a tipos de mudanças que os tradutores incorporam na tradução de esquemas retóricos, tais como paralelismos, repetições, aliterações, ritmo métrico, etc. Esta estratégia parece ser genérica em termos de aplicação. Não tivemos que recorrer a esta estratégia aquando da produção do texto de chegada no âmbito desta dissertação.

3.1.2 Estratégias semânticas

S1: Sinonímia

A sinonímia consistiu em não optar pelo equivalente óbvio de uma determinada palavra ou expressão do texto de partida, mas um termo que aproximadamente tem o mesmo sentido, a fim de se evitar repetições desnecessárias e contribuir para uma maior adequação dos termos utilizados no texto de chegada. Vejamos a presença desta estratégia nos exemplos (40) – (49):

Exemplo 40	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Model A includes the demographic and social controls, including age, sex, education , religiosity, and belonging to an ethnic minority. (p. 26)	O modelo “A” inclui os controlos demográficos e sociais, incluindo idade, sexo, escolarização , religiosidade e pertença a uma minoria étnica. (pág. 38)

Exemplo 41	
Texto de Partida	Texto de Chegada
... and a better life in the affluent societies in Western Europe. (p. 15)	...e uma vida melhor nos países desenvolvidos da Europa Ocidental. (pág. 23)

Exemplo 42	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...can be explained not as a purely economic phenomenon ... (p.2)	... pode ser explicado não como uma questão meramente económica... (pág.3)

Exemplo 43	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Even in countries without many elected populist representatives, these parties can still exert tremendous ‘blackmail’ pressure on mainstream parties, public discourse, and the policy agenda ... (p. 2)	Mesmo em países sem muitos representantes populistas eleitos, estas formações políticas ainda podem exercer uma enorme pressão de “chantagem” sobre os principais partidos políticos, discurso público e a agenda de políticas de governação ... (pág.2)

Exemplo 44	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Figure 5 illustrates how the issues emphasized in political party platforms evolved from 1950 to 2010, in thirteen Western democracies... (p. 24)	A Figura 5 ilustra como as questões enfatizadas em manifestos eleitorais de forças políticas evoluíram no período que vai de 1950 a 2010 em treze países democracias ocidentais... (pág.36)

Exemplo 45	
Texto de Partida	Texto de Chegada
During the era from 1970 to 1990, the main story was the rise of post-materialist issues. (p. 29)	A principal característica do período que vai da década de 1970 a de 1990 foi a ascensão de questões pós-materialistas. (pág. 43)

Exemplo 46	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...the SVP became the largest party in the Federal Assembly, winning around one third of the seats. (p. 19)	...o SVP se tornou a bancada maioritária na Assembleia Federal, órgão legislativo bicameral da Suíça, com cerca de um terço dos assentos parlamentares. (pág.29)

Exemplo 47	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The CNN exit polls across all the 2016 GOP primaries and caucuses... (p. 5)	As sondagens à boca das urnas da CNN em todas as eleições primárias e <i>caucuses</i> do Partido Republicano ... (pág. 7)

Exemplo 48	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Today , many of the most heated conflicts are cultural-based on issues such as immigration, the threat of terrorism, abortion rights, same-sex marriage, and more fluid gender identities and support for progressive change on these issues increasingly comes from well-educated younger generations of post-materialists, largely of middle-class origin. (p. 24)	Na atualidade , muitos dos conflitos inflamados são culturais, que têm a ver com questões como a imigração, ameaça de terrorismo, direito a aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo e identidades de gênero mais fluidas e o apoio à mudança progressiva nestes assuntos provém cada vez mais de gerações mais jovens de pós-materialistas bem-instruídas , na sua maioria provindas da classe média. (págs. 35 - 36)

Exemplo 49	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The escalating consequences have been profound and catastrophic, both at home and abroad, instigating Britain's messy divorce from European Union... (p. 6)	As crescentes consequências têm sido profundas e catastróficas, tanto no Reino Unido como no estrangeiro, instigando a saída conturbada do Reino Unido da União Europeia... (pág. 8)

S2: Antonímia

A antonímia ocorre quando o tradutor recorre ao uso de antónimos e combina-os com elementos de negação, de modo a não alterar o sentido do TP. Vejamos a seguinte exemplificação:

Exemplo 50	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...the cynical but failed strategy that Boris Johnson followed.... (p. 9)	... a cínica, mas não bem-sucedida estratégia seguida por Boris Johnson... (pág.13)

S3: Hiponímia

A hiponímia consistiu na substituição de um hipónimo por um hiperónimo, ou vice-versa, como nos seguintes exemplos:

Exemplo 51	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Paper for the roundtable on... (p. 1)	Este estudo foi preparado para a mesa redonda sobre... (pág. 1)

No exemplo acima (**51**) temos a exemplificação típica da presente estratégia, em que a palavra utilizada no texto de chegada está numa relação de hiponímia, tendo significado mais abrangente, em relação à palavra do texto de partida, de significado mais específico.

Exemplo 52	
Texto de Partida	Texto de Chegada
This study examines two theories on the demand-side. (p. 2)	O presente artigo analisa duas teorias relativas à demanda. (pág. 2)

O exemplo (**52**) é uma outra exemplificação típica da presente estratégia, em que a palavra utilizada no texto de chegada está numa relação de hiponímia, tendo significado mais específico, em relação à palavra do texto de partida, de significado mais abrangente.

Exemplo 53	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Populism is conceptualized in this study as reflecting a loose political ideology emphasizing... (p. 17)	Neste trabalho , o populismo é conceptualizado como [Ø] uma ideologia política extensa e imprecisa... (pág. 25)

No exemplo acima (53), a palavra utilizada no TC está numa relação de hiponímia, tendo significado mais abrangente, em relação à palavra do TP, de significado mais específico.

S4: Opostos/Conversão

Os opostos são pares de estruturas verbais que expressam o mesmo estado de coisas de prisms opostos, tais como “abrir” e “fechar”. Não recorremos a esta estratégia aquando da tradução.

S5: Mudança do grau de abstracção

A presente estratégia consistiu na substituição de um termo abstracto no texto de partida por um concreto no texto de chegada. Vejamos a presença desta estratégia nos exemplos (54) a (56):

Exemplo 54	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The escalating consequences have been profound and catastrophic both at home and abroad... (p.6)	As crescentes consequências têm sido profundas e catastróficas tanto no Reino Unido como no estrangeiro... (pág.8)

Exemplo 55	
Texto de Partida	Texto de Chegada
... threats of terrorism pre-9/11 were in distant lands but not at home ... (p.16)	...as ameaças de terrorismo antes do 11 de Setembro (data do ataque às Torres Gémeas e ao Pentágono em 2001) era uma realidade em terras longínquas, mas não nos EUA ... (pág. 24)

Exemplo 56	
Texto de Partida	Texto de Chegada
On cultural issues it has highlighted euro-skepticism ... (p. 19)	Relativamente às questões culturais, o SVP destacou o euro-cepticismo ... (pág. 29)

S6: Mudança do grau de distribuição

Esta estratégia consistiu em mudar distribuição dos mesmos componentes semânticos para mais palavras (expansão). Vejamos os seguintes exemplos:

Exemplo 57	
Texto de Partida	Texto de Chegada
This provides some initial support to the cultural change argument... (p. 26)	Esta constatação dá algum apoio inicial ao argumento das mudanças culturais... (pág. 38)

Exemplo 58	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Another related account , the cultural backlash thesis suggests that the surge... (p. 2)	Outro argumento relacionado com o fenómeno do populismo , a tese da revolta cultural, sugere que o aumento repentino... (pág. 3)

Exemplo 59	
Texto de Partida	Texto de Chegada
These are all economically libertarian and pro-market, socially conservative on traditional values, and deeply Euro-skeptic in orientation. (p.19)	Todos estes partidos políticos são economicamente libertários e pró-mercado, socialmente conservadores relativamente aos valores tradicionais, e de orientação profundamente eurocéptica. (pág.29)

Nos exemplos (57) – (59) expandimos os componentes semânticos no texto de chegada.

S7: Mudança do grau de ênfase

Recorremos à presente estratégia quando, por uma razão ou outra, pretendíamos aumentar ou reduzir a ênfase. Vejamos os exemplos que se seguem:

Exemplo 60	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Populism is conceptualized in this study as reflecting a loose political ideology...; (p. 17)	Neste trabalho, o populismo é conceptualizado como [Ø] uma ideologia política extensa e imprecisa ... (pág. 25)

Exemplo 61	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The CNN exit polls across all the 2016 GOP primaries and caucuses... (p. 5)	As sondagens à boca das urnas da CNN em todas as eleições primárias e <i>caucuses</i> do Partido Republicano de 2016... (pág. 7)

No trecho acima (61), aumentamos ênfase à informação.

Exemplo 62	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Though Postmaterialist-led parties emerged in both The Netherlands and Belgium during the 1970s ... (p. 21)	Embora os partidos políticos liderados por pós-materialistas tenham surgido [Ø] na Holanda e na Bélgica durante a década de 1970... (pág.31)

No trecho acima (62), diferentemente do trecho 61, reduzimos ênfase à informação.

Exemplo 63	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The exact reasons underlying these relationships remain unclear, however, and these are theoretically open to interpretation. (p. 4)	Contudo, as razões exactas subjacentes a estas relações mantêm-se pouco claras e [Ø] teoricamente sujeitas a várias interpretações. (pág.5)

No trecho acima (63), também reduzimos e aumentamos ênfase à informação.

S8: Paráfrase

A paráfrase consistiu na tradução de expressões do texto de partida que podiam ser incompreendidas no texto de chegada, tendo resultado numa versão do texto de chegada que pode ser descrita como livre ou extensa. Considerem-se os seguintes exemplos:

Exemplo 64	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...on issues such as immigration, the threat of terrorism, abortion rights, same-sex marriage ... (p. 24)	...relativos a questões como a imigração, ameaça de terrorismo, direito a aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo ... (pág. 35)

Exemplo 65	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Though Postmaterialist-led parties emerged in both The Netherlands and Belgium during the 1970s... (p. 21)	Embora os partidos políticos liderados por pós-materialistas tenham surgido na Holanda e na Bélgica durante a década de 1970... (pág.31)

Exemplo 66	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The CNN exit polls across all the 2016 GOP primaries and caucuses... (p. 5)	As sondagens à boca das urnas da CNN em todas as eleições primárias e <i>caucuses</i> do Partido Republicano de 2016... (pág. 7)

S9: Mudança de tropo

A presente estratégia está relacionada com a tradução de tropos retóricos, como as figuras de estilo. Provavelmente pelo facto de os tropos serem mais utilizados em textos literários, não tivemos que recorrer a esta estratégia aquando da tradução do texto de partida no âmbito desta dissertação.

S10: Outras mudanças

A presente estratégia inclui mudanças de diversos tipos, como a mudança de sentido (físico) ou direcção deíctica. Veja-se, a seguir, os exemplos que ilustram esta estratégia.

Exemplo 67	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The CNN exit polls across all the 2016 GOP primaries and caucuses... (p. 5)	As sondagens à boca das urnas da CNN em todas as eleições primárias e caucuses do Partido Republicano de 2016... (pág. 7)

No exemplo acima (67), recorreremos à combinação de três estratégias de tradução, nomeadamente, empréstimo, explicitação e sinónimo.

Exemplo 68	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The top-right reflects the position of the Populist Right parties, such as the UK Independence Party , the Swiss People's Party (SVP), and the Polish Congress of the New Right (<i>Kongres Nowej Prawicy</i> or KNP). These are all economically libertarian and pro-market, socially conservative on traditionally values, and deeply Euro-skeptic in orientation. (p. 19)	O quadrante superior direito reflecte a posição dos partidos populistas da direita como o Partido da Independência do Reino Unido (UKIP), o Partido Popular Suíço (SVP) e o Congresso da Nova Direita da Polónia([Ø] KNP, sigla em polaco). Todos estes partidos políticos são economicamente libertários e pró-mercado, socialmente conservadores relativamente aos valores tradicionais, e de orientação profundamente eurocéptica. (pág. 29)

No exemplo acima (68), recorreremos à combinação de três estratégias de tradução, nomeadamente, mudança do grau de distribuição, explicitação e mudança de informação (omissão).

Exemplo 69	
Texto de Partida	Texto de Chegada
For example, American commentators have speculated that the success of Donald Trump in the GOP primaries reflected a racist reaction to the election (and reelection) of the first African-American president to the White House . (p. 10)	Por exemplo, os comentadores americanos especularam que o sucesso de Donald Trump nas eleições primárias do Partido Republicano reflectiu uma reacção racista à eleição (e reeleição) de Barack Obama , o primeiro presidente afro-americano dos EUA . (pág. 12)

No exemplo acima (69), recorreremos à combinação de duas estratégias de tradução, nomeadamente, explicitação e sinónimo.

3.1.3 Estratégias pragmáticas

P1: Filtragem cultural

Recorremos à presente estratégia quando nos deparamos com características culturais que apresentaram vários obstáculos na altura da tradução. Em geral, optamos pela norma inicial de aceitabilidade, na qual a filtragem cultural consiste na explicação da palavra ou expressão envolvida de modo a torná-la o mais familiar possível ao leitor da cultura de chegada.

No entanto, em alguns casos optamos pela norma da adequação, ou seja, mantivemos no texto de chegada a palavra ou expressão cultural presente no texto de partida provocando, assim, alguma estranheza por parte do leitor na cultura de chegada. Vide a seguinte exemplificação:

Exemplo 70	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...with cradle-to-grave welfare states, containing some of the best-educated and more secure populations in the world, exemplified by Sweden and Denmark. (p.12)	...com estados de bem-estar social desde o nascimento até à morte , com algumas das populações melhor instruídas e mais seguras do mundo, como a Suécia e a Dinamarca. (pág. 15)

Exemplo 71	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...a self-made billionaire leading an insurgency movement on behalf of ordinary Americans.... (p.5)	...um bilionário bem-sucedido por mérito próprio a liderar um movimento insurgente em nome dos americanos comuns... (pág. 7)

Nos exemplos acima (70) e (71) decidimo-nos pela norma de aceitabilidade.

Exemplo 72	
Texto de Partida	Texto de Chegada
In Eastern Europe, the success of the neo-fascist Jobbik party in Hungary pushed the ruling <i>Fidesz</i> party even further to the right.... (p.6)	Na Europa do Leste, o sucesso do partido neofascista Jobbik na Hungria levou o partido no poder <i>Fidesz</i> a se posicionar mais à direita... (pág. 8)

Exemplo 73	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The word “cosmopolitan”, which derives from the Greek work <i>kosmopolitês</i> (“citizen of the world”), refers to the idea that (p.7)	A palavra "cosmopolita", que deriva da palavra grega <i>kosmopolitês</i> ("cidadão do mundo") refere-se à ideia de que... (pág. 10)

Os exemplos (72) e (73) ilustram casos em que optamos pela norma de adequação.

P2: Mudança do grau de explicitação

Usamos esta estratégia para tornar a informação do TC mais explícita ou mais implícita. A necessidade de tornar algum elemento do TP mais explícito do que ele era, tornou vários trechos do TC mais longos do que aqueles que lhes correspondem no TP. Vejamos os seguintes exemplos:

Exemplo 74	
Texto de Partida	Texto de Chegada
But these parties have gained votes and seats in many countries... (p. 2)	Mas estes partidos políticos conquistaram votos e assentos parlamentares em muitos países... (pág. 2)

No excerto do exemplo acima (74), o acréscimo, assinalado a negrito, resulta do facto de a palavra inglesa *seat* ter vários equivalentes na língua portuguesa, nomeadamente, cadeira, assento lugar, etc., mas pelo contexto pode-se concluir que neste caso se refere a assentos parlamentares. A explicitação tornou o termo mais claro no texto de chegada.

Exemplo 75	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...these parties can still exert tremendous ‘blackmail’ pressure on mainstream parties, public discourse, and the policy agenda... (p. 2)	...estas formações políticas ainda podem exercer uma enorme pressão de ‘chantagem’ sobre os principais partidos políticos, o discurso público e a agenda de políticas públicas ... (pág.2)

No trecho do exemplo acima (75), o acréscimo, assinalado a negrito, resulta do facto de a palavra inglesa *policy* ter vários equivalentes na língua portuguesa, a saber, política, apólice, sagacidade, prudência, etc. Tendo em conta o contexto optamos por traduzir *policy* por políticas públicas, tornando o excerto do texto de chegada mais explícito e reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 76	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...the cultural backlash thesis suggests that the surge in votes for populist parties can be explained... (p.2)	... a tese da revolta cultural, sugere que o aumento repentino de votos a favor de partidos políticos populistas pode ser explicado... (pág.3)

No trecho do exemplo acima (76), o acréscimo, assinalado a negrito, resulta do facto de a palavra inglesa *party* ter vários equivalentes na língua portuguesa, nomeadamente, festa, associação de pessoas com objectivos, interesses ou ideais comuns, parte, partido político, etc., mas pelo contexto pode-se concluir que neste caso se refere a partido político. Traduzindo *party* por partido político, o excerto do texto de chegada ficou mais explícito e reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 77	
Texto de Partida	Texto de Chegada
For example, educational effects may arise from the way that schooling shapes subsequent socio-economic status... (p. 4)	Por exemplo, os efeitos da educação formal podem se colocar pela forma como a escolarização determina a futura situação socioeconómica... (pág.5)

No trecho do exemplo acima (77), o acréscimo, assinalado a negrito, resulta do facto de o adjectivo *educational* ter vários equivalentes na língua portuguesa, a saber: relacionado com a instrução, escolarização, formação, educação, etc., mas pelo contexto pode-se concluir que neste caso se refere aos efeitos decorrentes da educação formal. Daí que, traduzindo *educational* por educação formal, o excerto do TC ficou mais explícito. Pois, como se sabe, a educação não se limita à aquela que ocorre nos sistemas de ensino tradicionais. A educação dos indivíduos também acontece noutros locais ao longo da vida.

Exemplo 78	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...job security and salaries, and career opportunities... (p. 4)	...segurança do emprego e salarial, e oportunidades de se fazer carreira profissional ... (pág.5)

No excerto do exemplo acima (78), o acréscimo, assinalado a negrito, resulta do facto de a palavra inglesa *career* ter vários equivalentes na língua portuguesa, a saber: carreira, profissão, ocupação, carreira profissional, etc. Tendo em conta o contexto optamos por traduzir *career* por carreira profissional, tornando o trecho do texto de chegada mais explícito e reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 79	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...and strong welfare states and public services. (p. 8)	...e estados de bem-estar social e serviços públicos fortes. (pág. 12)

No trecho do exemplo acima (79), o acréscimo, assinalado a negrito, resulta do facto de a palavra inglesa *welfare* ter vários equivalentes na língua portuguesa, a saber: bem-estar, felicidade, prosperidade, assistência social, etc. Tendo em conta o contexto optamos por traduzir *welfare* por bem-estar social, tornando o excerto do texto de chegada mais explícito e reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 80	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The cynical but failed strategy that Boris Johnson followed by heading the “ Leave ” campaign ... (p. 9)	A cínica, mas não bem-sucedida estratégia seguida por Boris Johnson ao encabeçar a campanha a favor da saída do Reino Unido da União Europeia ... (pág.13)

No trecho do exemplo acima (80), o acréscimo, assinalado a negrito, resulta do facto de a palavra inglesa *leave* ter vários equivalentes na língua portuguesa, a saber: saída, permissão, licença, etc. Tendo em conta o contexto optamos por traduzir este termo por “a favor da saída do Reino Unido da UE”, tornando o excerto do texto de chegada mais explícito e reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 81	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...the SVP became the largest party in the Federal Assembly , winning around one third of the seats. (p. 19)	...o SVP se tornou a bancada maioritária na Assembleia Federal, órgão legislativo bicameral da Suíça , com cerca de um terço dos assentos parlamentares. (pág.29)

No excerto do exemplo acima (81), o acréscimo, assinalado a negrito, resulta do facto de o equivalente de *Federal Assembly* na língua portuguesa, Assembleia Federal, não coincidir exactamente com designação do órgão legislativo moçambicano. Daí que, para evitar qualquer dúvida na mente dos leitores, tenhamos optado por indicar entre vírgulas que é o órgão legislativo bicameral da Suíça, tornando o trecho do texto de chegada mais explícito e reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 82	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Stimulated by fears of downward mobility and loss of social status... (p. 10)	Aproveitando-se do medo da mobilidade social descendente e perda do estatuto social ... (pág.14)

No trecho do exemplo acima (82), o acréscimo, assinalado a negrito, resulta do facto de a expressão do TC “mobilidade descendente” não captar cabalmente o sentido da expressão do TP *downward mobility*. Tendo em conta o contexto optamos por a traduzir por “mobilidade social descendente”, tornando o excerto do TC mais explícito e reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 83	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...and continue to change over successive campaign speeches. (p. 20)	...continuam a mudar ao longo de sucessivos discursos de campanhas eleitorais . (pág.30)

No trecho do exemplo acima (83), o acréscimo, assinalado a negrito, resulta do facto de a palavra “campanha”, que é a equivalente do termo inglês *campaign*, ter várias acepções, a saber, conjunto de actividades sazonais ligadas à agricultura, o período correspondente a essas actividades etc. Contudo, tendo em conta o contexto optamos por a traduzir por campanha eleitoral, tornando o trecho do texto de chegada mais explícito e reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 84	
Texto de Partida	Texto de Chegada
For example, in 2016 the GOP platform is extreme in promising to promulgate ... (p. 31)	Por exemplo, em 2016, o manifesto eleitoral do Partido Republicano assume uma posição extremista ao prometer a promulgação...(pág.44)

No trecho do exemplo acima (84), o acréscimo, assinalado a negrito, resulta do facto de a palavra inglesa *platform* ter vários equivalentes na língua portuguesa, a saber: plataforma, estrado, tribuna, programa partidário, etc. Porém, tendo em conta o contexto optamos por a traduzir por “manifesto eleitoral”, tornando o excerto do texto de chegada mais explícito e reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 85	
Texto de Partida	Texto de Chegada
In the 1994 national elections, the Greens won 7 percent of the vote. (p. 21)	Nas eleições gerais de 1994, o Partido Ecologista “Os Verdes” obteve 7% dos votos. (pág. 32)

Exemplo 86	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Over recent decades, the World Values Survey shows that ... (p. 14)	Nas últimas décadas, a Pesquisa Mundial de Valores (WVS, sigla na língua inglesa) mostra que ... (pág. 21)

Exemplo 87	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...pushing the House Republican leadership further to the right... (p. 9)	...empurrando a liderança do Partido Republicano na Câmara de Representantes mais para a direita... (pág. 13)

Exemplo 88	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...such as immigration, the threat of terrorism, abortion rights, same-sex marriage , and more fluid gender identities... (p. 24)	...como a imigração, ameaça de terrorismo, direito a aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo e identidades de género mais fluidas... (pág. 35)

P3: Mudança de informação

Recorremos à esta estratégia quando acreditamos ser relevante adicionar informação, que não estava presente no TP, ao TC. Em alguns casos o uso desta estratégia consistiu na omissão de informação presente no TP que consideramos irrelevante para a compreensão do TC. Veja-se os seguintes exemplos:

Exemplo 89	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...the cynical but failed strategy that Boris Johnson followed by heading the Leave campaign ... (p. 9)	...a cínica, mas não bem-sucedida estratégia seguida por Boris Johnson ao encabeçar a campanha a favor da saída do Reino Unido da União Europeia ... (pág.13)

No trecho do exemplo acima (89), o acréscimo, assinalado a negrito, resulta do facto de a palavra inglesa *leave* ter vários equivalentes na língua portuguesa, a saber: saída, permissão, licença, etc. Tendo em conta o contexto optamos por a traduzir por “a favor da saída do Reino Unido da União Europeia”, tornando o excerto do texto de chegada mais explícito e reconhecível ao público-alvo.

Exemplo 90	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Populism is conceptualized in this study as reflecting a loose political ideology emphasizing... (p. 17)	Neste trabalho, o populismo é conceptualizado como [Ø] uma ideologia política extensa e imprecisa... (pág. 25)

Exemplo 91	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The top-right quadrant reflects the position of the Populist Right parties, such as the UK Independence Party, the Swiss People's Party (SVP), and the Polish Congress of the New Right (<i>Kongres Nowej Prawicy</i> or KNP). (p. 19)	O quadrante superior direito reflecte a posição dos partidos populistas da direita como o Partido da Independência do Reino Unido (UKIP), o Partido Popular Suíço (SVP) e o Congresso da Nova Direita da Polónia ([Ø] KNP, sigla em polaco). (pág. 29)

Os exemplos (90) e (91) ilustram os casos em recorremos à omissão de informação presente no TP que consideramos irrelevante para a compreensão do TC

P4: Mudança interpessoal

A mudança interpessoal modifica o grau de formalidade, de emotividade, de envolvimento e de léxico técnico e afins presentes no texto de partida. Vejamos os seguintes exemplos:

Exemplo 92	
Texto de Partida	Texto de Chegada
A gender gap was also evident, on average, across all GOP primaries and caucuses, 39% of men voted for Trump compared with 33% of women. (p. 5)	A diferença de género também foi evidente. Em média, em todas as eleições primárias e <i>caucuses</i> do Partido Republicano , 39% dos homens votaram em Donald Trump contra 33% das mulheres. (pág.7)

Exemplo 93	
Texto de Partida	Texto de Chegada
... exemplified by Hugo Chavez and Nicolás Maduro in Venezuela, and Evo Morales in Bolivia. (p. 6)	... tais como os presidentes Hugo Chávez e Nicolas Maduro da Venezuela, e Evo Morales na Bolívia. (pág.8)

Exemplo 94	
Texto de Partida	Texto de Chegada
By contrast others, like Ataka in Bulgaria and Jobbik in Hungary, which advocate policies of redistribution... (p. 8)	Em contrapartida, outros, como o Partido Ataka na Bulgária e o Movimento Jobbik na Hungria, que advogam políticas de redistribuição... (pág. 12)

Exemplo 95	
Texto de Partida	Texto de Chegada
... and despite decline from its glory days of empire, Britain remained a major economic and military power leading the Commonwealth. (p. 16)	... e apesar do declínio dos seus dias de glória de império, o Reino Unido permaneceu uma grande potência económica e militar liderando a <i>Commonwealth</i> . (pág. 25)

Exemplo 96	
Texto de Partida	Texto de Chegada
There are historical precedents in America exemplified by Huey Long's Share Our Wealth movement... (p. 6)	Há precedentes históricos nos Estados Unidos da América (EUA) exemplificados pelo movimento <i>Share Our Wealth</i> fundado por Huey Long... (pág. 7)

P5: Mudança elocutória

A mudança elocutória está relacionada com outras estratégias como a mudança do tempo verbal. Por exemplo, se no texto de partida o verbo se encontrar no indicativo, o tradutor poderá alterá-lo para

o imperativo, havendo, deste modo, uma mudança de pedido para ordem. Desta forma, modificará então o tom do discurso no texto de chegada. Não tivemos que recorrer a esta estratégia aquando da produção do texto de chegada no âmbito desta dissertação.

P6: Mudança de coerência

A mudança de coerência consistiu na alteração da organização lógica da informação no texto de chegada a nível conceptual. Considerem-se os seguintes exemplos:

Exemplo 97	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Hostile or intolerant attitudes towards migrants, ethnic and racial minorities, commonly directed against refugees, asylum-seekers, and guest-workers in Europe, especially towards Muslims, are expected to be an important source of resentment. (p. 15)	Espera-se que atitudes hostis ou intolerantes em relação aos imigrantes, minorias raciais e étnicas, geralmente dirigidas contra os refugiados, requerentes de asilo e os emigrantes na Europa, especialmente contra os muçulmanos, sejam uma importante fonte de ressentimento. (pág. 22)

Exemplo 98	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Though it is a frequent claim, previous studies have reported only mixed evidence linking the number of migrants in a country directly with levels of voting support for radical right parties. (p. 15)	Embora esta seja uma alegação frequente, as evidências que correlacionam o número de imigrantes num determinado país com os níveis de apoio eleitoral a partidos políticos de extrema-direita constatadas pelos estudos anteriores são inconclusivas. (pág. 23)

P7: Tradução parcial

A tradução parcial refere-se a qualquer tipo de tradução parcial, como se pode ver na exemplificação que se segue:

Exemplo 99	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Other parties on the Populist Left are illustrated by the Hungarian Jobbik (Movement for a Better Hungary) and Golden Dawn in Greece, two racists, anti-immigrant, nationalist, and euro-skeptical parties, while also advancing radical critique of global capitalism. (p. 20)	Outros partidos políticos de esquerda populista são exemplificados pelo [Ø] Movimento por uma Hungria Melhor e Aurora Dourada da Grécia, dois partidos políticos euro-cépticos, nacionalistas, anti-imigrantes e racistas, ao mesmo tempo que promovem uma crítica radical do capitalismo global. (pág. 30)

P8: Mudança de visibilidade

A presente estratégia torna o tradutor visível no texto de chegada através do recurso a notas de rodapé ou explicações diluídas no texto. Neste último caso, a explicação pode aparecer entre vírgulas, entre travessões, entre aspas ou entre parênteses. Considerem-se os seguintes exemplos:

Exemplo 100	
Texto de Partida	Texto de Chegada
The <i>Republikaner</i> , on the other hand, were stigmatized as the heirs of the Nazis and won only two percent of the vote... (p. 21)	Em contrapartida, Os Republicanos, partido político alemão de orientação nacionalista , foi estigmatizado como herdeiro dos nazistas e obteve apenas 2% dos votos... (pág. 32)

Exemplo 101	
Texto de Partida	Texto de Chegada
...the SVP became the largest party in the Federal Assembly , winning around one third of the seats. (p. 19)	...o SVP se tornou a bancada maioritária na Assembleia Federal, órgão legislativo bicameral da Suíça , com cerca de um terço dos assentos parlamentares. (pág.29)

Exemplo 102	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Finally, many parties are located in the Cosmopolitan Liberal Left, including green parties such as the Francophone Ecolo in Wallonia and the German Greens, as well as several traditional European Socialist and Social Democratic parties. (p. 20)	Finalmente, muitos partidos políticos estão posicionados à esquerda liberal e cosmopolita, incluindo partidos políticos de tendência ecologista tais como o Ecolo Francófono na Valónia, partido ecologista da região francófona da Bélgica , e “Os Verdes” da Alemanha, bem como vários partidos políticos socialistas e sociais-democratas tradicionais europeus. (pág. 90)

Exemplo 103	
Texto de Partida	Texto de Chegada
... dishonest Wall Street speculators, arrogant intellectuals... (p. 5)	...especuladores desonestos da Wall Street, mercado financeiro dos EUA , intelectuais arrogantes ... (pág. 7)

P9: Reedição

Esta estratégia ocorre quando o tradutor tem que fazer uma reedição, às vezes radical, num texto de partida mal escrito. Os erros podem ser de ortografia ou de edição no texto de partida. Não tivemos que recorrer a esta estratégia aquando da produção do texto de chegada no âmbito desta dissertação.

P10: Outras mudanças

Esta estratégia envolve mudanças do aspecto gráfico ou de dialetos. No caso do texto traduzido no âmbito desta dissertação, o formato do texto como um todo foi alterado do TP para o TC.

3.2 Tradução de títulos de livros e revistas científicas

A tradução de títulos dos livros e revistas científicas constantes na bibliografia foi possível graças ao conhecimento extralinguístico. O principal objectivo é facilitar a procura/identificação das obras citadas no texto de partida.

No que tange à tradução de obras, há duas possibilidades principais a seguir, a saber: (i) deixar o título da obra exactamente como ele está no texto de partida, ou (ii) efectuar uma busca pelo título da língua portuguesa da obra em questão e colocar esse título no texto de chegada. As duas opções têm os seus prós e contras. Um potencial leitor do texto de chegada que queira consultar um dos livros que directa ou indirectamente se faz referência num determinado texto poderá não encontrar a versão com um título não traduzido. Porém, para o título em língua portuguesa de uma obra ser colocado num texto traduzido para português, é necessário que o referido título exista numa tradução oficial, para que o leitor possa encontrar a obra numa livraria ou numa biblioteca. Às vezes, isto faz com que haja um tratamento diferenciado na tradução de títulos, na medida em que um tradutor pode encontrar o título em língua portuguesa de uma determinada obra e colocá-la na sua tradução, mas depois não encontrar nenhum título em língua portuguesa para a obra que se segue na sua tradução, o que fará com que seja necessário colocá-la na sua versão original.

Por si só nenhuma das opções é problemática, desde que o potencial leitor seja claramente informado qual foi a opção adoptada pelo tradutor. Relativamente às obras que se faz referência no texto de chegada, encontrou-se sete obras em que é de facto possível usar o título em língua portuguesa. Vejamos as sete obras e as respectivas traduções:

Exemplo 104	
Texto de Partida	Texto de Chegada
Thomas Piketty. Capital in the Twenty-First Century.	Thomas Piketty. O Capital no século XXI.
Ronald Inglehart. The Silent Revolution in Europe: Intergenerational Change in Post-industrial Societies.	Ronald Inglehart. A Revolução Silenciosa na Europa: Mudança Intergeracional nas Sociedades.
Pippa Norris and Ronald Inglehart. Sacred and Secular.	Pippa Norris e Ronald Inglehart. Sagrado e Secular.
Seymour Martin Lipset. Political Man: the social bases of politics.	Seymour Martin Lipset. O Homem Político.
Ronald Inglehart and Christian Welzel. Modernization, Cultural Change and Democracy: The Human Development Sequence.	Ronald Inglehart e Christian Welzel. Modernização, Mudança Cultural e Democracia: A Sequência do Desenvolvimento Humano.
Ronald Inglehart. Modernization and Post-modernization: Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies.	Ronald Inglehart. Modernização e pós-modernização: mudança cultural, económica e política em 43 países.
Klaus Van Beyme. Political Parties in Western Democracies.	Klaus Van Beyme. Os Partidos Políticos em Democracias Ocidentais.

Todas as sete obras para as quais foi encontrado um título de uma tradução em língua portuguesa foram traduzidas no texto de chegada e as restantes, que não se encontrou uma tradução em língua portuguesa, mantiveram os seus títulos no texto de chegada. Esta abordagem visa assegurar que os leitores interessados possam encontrar as obras referenciadas no texto de partida. Do mesmo modo, os títulos de revistas não foram traduzidos.

Na secção que ora termina fizemos a análise das questões de tradução. Especificamente, através de excertos retirados do texto traduzido no âmbito desta dissertação, exemplificamos o processo de tomada de decisões aquando da tradução, tendo constatado que a classificação das estratégias de tradução proposta por Chesterman, tida como heurística por fornecer uma metodologia para resolver os problemas de tradução,

pode ser empregada com relativa eficácia. Porém, conforme indicamos acima, não tivemos que recorrer a todas estratégias, o que poderá ser por lapso ou falta de compreensão do alcance de uma ou outra estratégia. Pois, como se sabe, as habilidades para reconhecer os problemas de tradução e para seleccionar a estratégia apropriada para cada contexto é adquirida através da prática e/ou formação. A secção que se segue apresenta as conclusões deste trabalho.

CONCLUSÃO

A presente dissertação tinha como objectivo geral fazer uma tradução comentada do texto intitulado *Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash*.

Este trabalho perseguiu dois objectivos específicos, a saber: (i) apresentar uma proposta de tradução que fosse ao encontro da língua e cultura de chegada, ou seja, uma tradução consentânea com o contexto cultural e linguístico do nosso país; e (ii) reflectir sobre os problemas encontrados aquando da tradução, apresentando, seguidamente, as estratégias que se revelaram mais adequadas para a sua resolução.

Além dos objectivos acima referidos, este trabalho visava colocar à disposição dos especialistas do tema (pesquisadores, docentes, comunicadores profissionais, etc.) e ao público mais vasto interessado no fenómeno do populismo no nosso país, a informação contida no texto traduzido no âmbito desta dissertação e contribuir para o debate que ela convoca sobre um fenómeno político sensível que é o populismo nos dias de hoje em várias regiões do mundo. A sua importância e actualidade faz com que alguns cientistas políticos especializados no tema considerem o séc. XXI como a "era do populismo".

Para resolver de uma forma eficaz e adequada os problemas de tradução que foram surgindo ao longo do trabalho desenvolvido, recorreremos ao pensamento de Benjamim (2008) e às propostas metodológicas de Chesterman (1997) e de Toury (1995).

Para Benjamim (2008) e Chesterman (1997), o texto de chegada deve ser mais simples que o texto de partida, tendo como principal objectivo passar a mensagem do mesmo para o texto de chegada, conservando, no entanto, as suas marcas textuais. Daí que, um dos objectivos do presente trabalho tenha sido apresentar uma proposta de tradução do texto de partida que fosse ao encontro da língua e cultura de chegada através de um discurso claro, simples e coerente, sem, no entanto, pôr em causa o seu rigor científico.

Tendo como base os critérios mencionados no parágrafo anterior, demos primazia à norma inicial de aceitabilidade de Toury (1995). Ou seja, privilegiamos o público a quem se destina a tradução, nomeadamente, especialistas do tema e o público mais vasto interessado no fenómeno do populismo no nosso país.

No entanto, apesar de termos optado por privilegiar a norma inicial de aceitabilidade, por vezes constatamos que este não seria o procedimento mais eficaz e adequado à tradução duma determinada unidade de tradução. Como tal, tivemos que optar por um compromisso entre a norma de aceitabilidade e a de adequação. É disto exemplo a utilização de empréstimos. No texto de chegada há presença de diversos empréstimos, tais como *Brexit, Commonwealth, checks and balances, catch-all Party, Wall Street, Tea Party* etc. Caso optássemos pela sua tradução, resultaria num apagamento da expressividade ou mesmo tornar o texto estranho e irreconhecível aos potenciais leitores. Igualmente, o recurso ao empréstimo como estratégia de tradução para unidades lexicais não existentes na língua de chegada ou não adequadas foi útil, na medida em que evitou traduções dessas unidades em perífrase, o que quebraria, de certa forma, o ritmo de leitura do potencial leitor. Contudo, embora tenhamos recorrido a ambas as normas ao longo da tradução, prevaleceu a norma inicial de aceitabilidade. O que é consentâneo com um dos objectivos desta dissertação que foi apresentar uma proposta de tradução que fosse ao encontro do contexto cultural e linguístico do nosso país.

Chegados aqui, sentimos que conseguimos concretizar os objectivos propostos nesta dissertação e que este trabalho contribuiu para o nosso contínuo esforço para melhorar as nossas competências linguísticas e de tradução. Salientar também que, num mercado de tradução cada vez mais competitivo, a qualidade e a celeridade são cruciais. E a nossa familiarização com as ferramentas de tradução assistida por computador, particularmente SDL Trados Studio, será, indiscutivelmente, uma mais-valia nos próximos projectos de tradução, pois irá permitir o aproveitamento do trabalho realizado por outros tradutores, o que vai nos ajudar a produzir traduções de boa qualidade num espaço de tempo relativamente menor devido a todos os apoios disponíveis. Esperamos receber críticas, sugestões e todo o tipo de observações que possam ajudar o aperfeiçoamento das nossas habilidades para reconhecer os problemas de tradução e para seleccionar a estratégia apropriada para cada contexto.

Ao público a quem se destina o texto traduzido, só podemos esperar que tire o máximo proveito da informação contida no texto que lhes colocamos à disposição para que possa tomar decisões informadas relativamente aos desafios socioeconómicos que o nosso país atravessa, sem que para tal se recorra a inúteis populismos. Um erro que infelizmente foi e continua a ser cometido em várias regiões do mundo. Só assim valerá a pena termos realizado este trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Primária

INGLEHART, R. F. & NORRIS, P. *Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have- Nots and Cultural Backlash*. Philadelphia: Harvard Kennedy School, 2016.

2. Secundária

ALVES, F. et al. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. 2.^a ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ARROJO, R. *Oficina de Tradução: A teoria na prática*. 4.^a ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

AUBERT, F.H. *Modalidades de Tradução: teoria e resultados*. CITRAT-FFLCH-USP. São Paulo, 1998.

BAKER, M. *In Other Words: a coursebook on translation*. London & New York: Routledge, 2005.

BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1990.

BARRACHO, C. *Temas e Ideias em Ciência Política: a questão do poder*. Lisboa: Clássica Editora, 2011.

BASSNETT, S. *Translation Studies*. 3.^a ed. London & New York: Routledge, 2002.

BERMAN, A. Translation and the Trials of the Foreign. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. 1.^a ed. Londres: Routledge, 2000.

BELL R.T. *Translation and Translating: Theory and Practice (Applied Linguistic and Language Study)*. New York: Longman, 1991.

BENJAMIN, W. *A Tarefa do Tradutor*. Lúcia Castello Branco (orgs.). Cadernos de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ/Instituto de Línguas, 2008.

BUENDÍA, M.C. *Phraseology in Specialized Language and its Representation in Enviromental Knowledge Resources*. Tese (Doutoramento em Estudos Avançados de Tradução e Interpretação). Universidade de Granada, 2013.

CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1986.

CARMO, F. *Saberes e Criatividade em Ação na Tradução Técnica*. Génesis – Revista Científica do Curso de Tradução e Interpretação do ISAI, Vol. n.º 4, 2004: 44- 58.

CATFORD, J. C. *A linguistic theory of translation*. Oxford University Press. London, 1965.

- CATFORD, J. C. *Uma Teoria Linguística da Tradução: um ensaio de linguística aplicada*. Cultrix. São Paulo, 1980.
- CHESTERMAN, A. *Mememes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam and Philadelphia, 1997.
- CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R. and ROSENBAUM, P. (eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, MA: Balisdell. p. 184 – 221, 1970.
- COUGHLIN, P. & LANGA, J. *Claro e Directo: Como Escrever um Ensaio*. 2.^a ed. Maputo, 2008.
- FARACO, C. A. & TEZZA C. *Oficina de Texto*. 8.^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- FURLAN, M. Linguagem e Tradução em Walter Benjamin. In: *Anais do XI Encontro Nacional da Anpoll, João Pessoa*, PB, p. 551 – 556, 1996.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os Segredos do Texto*. 7.^a ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- MALMJÆR, K. & WINDLE, K. *The Oxford Handbook of Translation Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- McKEOWN, K. & RADEV, D. “Collocations”. In DALE, R., MOISL, H. & SOMERS, H. (eds.) *A Handbook of Natural Language Processing*. New York: Marcel Dekker, pp. 507 – 523, 2000.
- MILTON, J. *Tradução: teoria e prática*. 2.^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. 4.^a ed. New York: Routledge, 2016.
- NEWMARK, Peter. *Approaches to translation*. Oxford and New York: Pergamon Press, 1981.
- NIDA, E. A. *Toward a Science of Translating*. Leiden: E. J. Brill, 1964.
- NOGUEIRA, D. *Técnicas de Tradução*. 1.^a ed. Santo André. 2018.
- OUSTRINOFF, M. *Tradução: história, teorias e métodos*. 3.^a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- RICOEUR, P. *On Translation*. London & New York: Routledge, 2004.
- RÓNAI, P. *A Tradução Vivida*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2012.
- SENA, O. *A engenharia do texto: um caminho rumo à prática de boa redacção*. 4.^a ed. Manaus: Editora Valer, 2011.
- SEVERINO, A.J. *Como ler um texto de filosofia*. 2.^a ed. São Paulo: PAULUS, 2009.

SOUZA, J. P. *Teorias da Tradução: Uma visão integrada*. Revista de Letras n.º 20, vol.1/2Janeiro – Dezembro, 1998.

TOROP, P. *Methodological Remarks on the Study of Translation and Translating. The Theory of Inquiry*. Manchester: John Benjamins Publishing Company, 2007.

TOURY, G. The Nature and Role of Norms in Translation. In idem, *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 53-69, 1995.

VENUTI, L. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London: Routledge, 1995.

VINAY, J. & DARBELNET, J. A Methodology for Translation. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. 1.ª ed. Londres: Routledge, 2000.

3. Dicionários

Academia das Ciências de Lisboa e Editorial. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Vol. 1. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2010.

BOBBIO, N. et al. *Dicionário de Política*. Vol. 1. 11.ª ed. Editora Universidade de Brasília, 1998.

Dicionário Universal da Língua Portuguesa. Lisboa: Texto Editora, Lda. 1995.

HERMET, G. et al. *Dicionário de Ciência Política e das Instituições Políticas*. Lisboa: Escolar Editora, 2014.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Printer Portuguesa, 2003.

GULLAND, D.M. & HINDS-HOWELL, D. *Penguin Dictionary of English Idioms*. London: Penguin Books, 2002.

Oxford Advanced Learner's Dictionary. 7.ª ed. Oxford: Oxford University Press, 2005.

4. Gramática e Prontuários

BORREGANA, A.A. *Gramática - Língua Portuguesa*. 9.ª ed. Lisboa: Texto Editores, LDA., 2007.

CUNHA, C. F. e CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 17.ª ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2002.

PINTO, J. M. C. *Portuário Ortográfico*. 8.ª ed. Lisboa: Plátano Editora, 2006.

TAVARES, S. D. e LEITE, S. A. *Gramática da Língua Portuguesa*. 1.ª ed. Lisboa: Planeta, 2015.

5. Dicionários Virtuais e Sites de Consulta Linguística

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa: www.ciberduvidas.pt

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: www.priberam.pt

Dicionário da Língua Portuguesa Infopédia – Porto Editora: www.infopedia.pt

Portal da Língua Portuguesa: www.portaldalinguaportuguesa.org

ANEXO 1

Texto traduzido no âmbito desta dissertação



HARVARD Kennedy School
JOHN F. KENNEDY SCHOOL OF GOVERNMENT

Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash

Faculty Research Working Paper Series

Ronald F. Inglehart

University of Michigan

Pippa Norris

Harvard Kennedy School

August 2016

RWP16-026

Visit the **HKS Faculty Research Working Paper Series** at:

<https://research.hks.harvard.edu/publications/workingpapers/Index.aspx>

The views expressed in the **HKS Faculty Research Working Paper Series** are those of the author(s) and do not necessarily reflect those of the John F. Kennedy School of Government or of Harvard University. Faculty Research Working Papers have not undergone formal review and approval. Such papers are included in this series to elicit feedback and to encourage debate on important public policy challenges. Copyright belongs to the author(s). Papers may be downloaded for personal use only.

Draft 7/29/16 8:20 PM

Trump, Brexit, and the rise of Populism:

Economic have-nots and cultural backlash

Ronald F. Inglehart and Pippa Norris

Ronald F. Inglehart
Institute for Social Research
University of Michigan
Ann Arbor,
Michigan, 48106-1248
RFI@umich.edu
www.worldvaluessurvey.org

Pippa Norris
McGuire Lecturer in Comparative Politics
John F. Kennedy School of Government
Harvard University
Cambridge, MA 02138
Pippa_Norris@Harvard.edu
www.pippanorris.com

Abstract: Rising support for populist parties has disrupted the politics of many Western societies. What explains this phenomenon? Two theories are examined here. Perhaps the most widely-held view of mass support for populism -- the *economic insecurity* perspective--emphasizes the consequences of profound changes transforming the workforce and society in post-industrial economies. Alternatively, the *cultural backlash* thesis suggests that support can be explained as a retro reaction by once-predominant sectors of the population to progressive value change. To consider these arguments, *Part I* develops the conceptual and theoretical framework. *Part II* of the study uses the 2014 Chapel Hill Expert Survey (CHES) to identify the ideological location of 268 political parties in 31 European countries. *Part III* compares the pattern of European party competition at national-level. *Part IV* uses the pooled European Social Survey 1-6 (2002-2014) to examine the cross-national evidence at individual level for the impact of the economic insecurity and cultural values as predictors of voting for populist parties. *Part V* summarizes the key findings and considers their implications. Overall, we find the most consistent evidence supporting the cultural backlash thesis.

Keywords: populist parties and leaders, radical right, elections, democracy, cultural value change, economic insecurity

Paper for the roundtable on “*Rage against the Machine: Populist Politics in the U.S., Europe and Latin America*”, 10.00-11.30 on Friday 2 September 2016, annual meeting of the American Political Science Association, Philadelphia.

Populist leaders like Donald Trump, Marine Le Pen, Norbert Hoffer, Nigel Farage, and Geert Wilders are prominent today in many countries, altering established patterns of party competition in contemporary Western societies. Cas Mudde argues that the impact of populist parties has been exaggerated.¹ But these parties have gained votes and seats in many countries, and entered government coalitions in eleven Western democracies, including in Austria, Italy and Switzerland.² Across Europe, as we will demonstrate, their average share of the vote in national and European parliamentary elections has more than doubled since the 1960s, from around 5.1% to 13.2%, at the expense of center parties.³ During the same era, their share of seats has tripled, from 3.8% to 12.8%. Even in countries without many elected populist representatives, these parties can still exert tremendous ‘blackmail’ pressure on mainstream parties, public discourse, and the policy agenda, as is illustrated by the UKIP’s role in catalyzing the British exit from the European Union, with massive consequences.

The electoral fortunes of populist parties are open to multiple explanations which can be grouped into accounts focused upon (1) the demand-side of public opinion, (2) the supply-side of party strategies, and (3) constitutional arrangements governing the rules of the electoral game.⁴

This study examines two theories on the demand-side. Perhaps the most widely-held view of mass support for populism -- the *economic inequality* perspective--emphasizes the consequences for electoral behavior arising from profound changes transforming the workforce and society in post-industrial economies. There is overwhelming evidence of powerful trends toward greater income and wealth inequality in the West, based on the rise of the knowledge economy, technological automation, and the collapse of manufacturing industry, global flows of labor, goods, peoples, and capital (especially the inflow of migrants and refugees), the erosion of organized labor, shrinking welfare safety-nets, and neo-liberal austerity policies.⁵ According to this view, rising economic insecurity and social deprivation among the left-behinds has fueled popular resentment of the political classes. This situation is believed to have made the less secure strata of society – low-waged unskilled workers, the long-term unemployed, households dependent on shrinking social benefits, residents of public housing, single-parent families, and poorer white populations living in inner-city areas with concentrations of immigrants-- susceptible to the anti-establishment, nativist, and xenophobic scare-mongering exploited of populist movements, parties, and leaders, blaming ‘Them’ for stripping prosperity, job opportunities, and public services from ‘Us’.

Another related account, the *cultural backlash* thesis suggests that the surge in votes for populist parties can be explained not as a purely economic phenomenon but in large part as a reaction against

progressive cultural change. This argument builds on the 'silent revolution' theory of value change, which holds that the unprecedentedly high levels of existential security experienced by the people of developed Western societies during the postwar decades brought an intergenerational shift toward post-materialist values, such as cosmopolitanism and multiculturalism, generating rising support for left-libertarian parties such as the Greens and other progressive movements advocating environmental protection, human rights, and gender equality.⁶ A large body of empirical evidence documents these developments, which first became evident in affluent societies during the early-1970s, when the postwar generation first surfaced into political relevance, bringing an era of student protest.⁷ This cultural shift has sometimes been depicted as an inexorable cultural escalator moving post-industrial societies steadily in a more progressive direction, as opportunities for college education have expanded to more and more sectors of the population and as younger cohorts have gradually replaced their parents and grandparents in the population. But it has been clear from the start that reactions to these developments triggered a counter-revolutionary retro backlash, especially among the older generation, white men, and less educated sectors, who sense decline and actively reject the rising tide of progressive values, resent the displacement of familiar traditional norms, and provide a pool of supporters potentially vulnerable to populist appeals.⁸ Sectors once culturally predominant in Western Europe may react angrily to the erosion of their privileges and status.

Yet the analytical distinction drawn between economic inequality and cultural backlash theories may also be somewhat artificial. Interactive processes may possibly link these factors, if structural changes in the workforce and social trends in globalized markets heighten economic insecurity, and if this, in turn, stimulates a negative backlash among traditionalists towards cultural shifts. It may not be an either/or question, but one of relative emphasis with interactive effects.

To consider these arguments, *Part I* unpacks the conceptual and theoretical framework. We argue that the classic economic Left-Right cleavage in party competition is overlaid today by a new Cultural cleavage dividing Populists from Cosmopolitan Liberalism. *Part II* of the study uses the 2014 Chapel Hill Expert Survey (CHES) to identify the ideological location of 268 political parties in 31 European countries. Factor analysis is used to confirm that cultural and economic items form two distinct dimensions of party competition, as theorized. The items are summed into cultural and economic scales which are then used to identify the ideological location of European political parties. The reliability of estimates is checked and confirmed using independent measures. *Part III* presents the comparison of European party competition at national-level, using these scales, along with evidence of changes over time of the old Left-Right

cleavage based on the declining salience of economic issues in party manifestos and class voting in the electorate. The cultural and economic scales generate a four-fold typology which distinguishes European parties located on the Populist Left and Populist Right. *Part IV* turns to the pooled European Social Survey 1-6 (2002-2014) to examine the cross-national evidence at individual level for the impact of economic insecurity and cultural values as predictors of contemporary voting for populist parties. Multivariate logistic regression models analyze the evidence for the economic and cultural theories, with controls. *Part V* summarizes the key findings and considers their implications.

The conclusion highlights several main findings. First, the results of analyzing the demographic and social controls confirm that *populist support in Europe is generally stronger among the older generation, men, the less educated, the religious, and ethnic majorities*, patterns confirming previous research.⁹ The exact reasons underlying these relationships remain unclear, however, and these are theoretically open to interpretation. For example, educational effects may arise from the way that schooling shapes subsequent socio-economic status, job security and salaries, and career opportunities, or it may be the way that formal learning and cognitive skills typically strengthen social tolerance and progressive values.

Looking more directly at evidence for the *economic insecurity thesis*, the results of the empirical analysis are mixed and inconsistent. Thus populist parties did receive significantly greater support among the less well-off (reporting difficulties in making ends meet) and among those with experience of unemployment, supporting the economic insecurity interpretation. But other measures do not consistently confirm the claim that populist support is due to resentment of economic inequality and social deprivation; for example, in terms of occupational class, populist voting was strongest among the petty bourgeoisie, not unskilled manual workers. Populists also received significantly *less* support (not more) among sectors dependent on social welfare benefits as their main source of household income and among those living in urban areas.

By contrast, even after applying social and demographic controls, *all of the five cultural value scales proved consistent predictors of voting support for populist parties and pointed in the expected direction*; thus populist support was strengthened by anti-immigrant attitudes, mistrust of global and national governance, support for authoritarian values, and left-right ideological self-placement. The fit of the model also improves considerably.

Overall we conclude that cultural values, combined with several social and demographic factors, provide the most consistent and parsimonious explanation for voting support for populist parties; their

contemporary popularity in Europe is largely due to ideological appeals to traditional values which are concentrated among the older generation, men, the religious, ethnic majorities, and less educated sectors of society. We believe that these are the groups most likely to feel that they have become strangers from the predominant values in their own country, left behind by progressive tides of cultural change which they do not share. Older white men with traditional values- who formed the cultural majority in Western societies during the 1950s and 1960s - have seen their predominance and privilege eroded. The silent revolution of the 1970s appears to have spawned an angry and resentful counter-revolutionary backlash today. In the longer-term, the generation gap is expected to fade over time, as older cohorts with traditional attitudes are gradually replaced in the population by their children and grand-children, adhering to more progressive values. In the short-term, however, the heated culture wars dividing young and old have the capacity to heighten generational conflict, to challenge the legitimacy of liberal democracy, and to disrupt long-established patterns of party competition.

I: Theoretical framework

The 2016 presidential election campaign in the United States reflects the phenomenon of populism. Many commentators have found it difficult to understand the rise of Donald Trump. How could such a polarizing figure and political neophyte surge to become the potential standard-bearer for the GOP – much less have any chance of entering the White House? He has been sharply attacked by conservatives such as George Will, establishment Republicans such as Jeb Bush, social liberals such as Elizabeth Warren, and socialists such as Bernie Sanders. His rhetoric peddles a mélange of xenophobic fear tactics (against Mexicans and Muslims), deep-seated misogyny, paranoid conspiracy theories about his rivals, and isolationist ‘America First’ policies abroad. His populism is rooted in claims that he is an outsider to D.C. politics, a self-made billionaire leading an insurgency movement on behalf of ordinary Americans disgusted with the corrupt establishment, incompetent politicians, dishonest Wall Street speculators, arrogant intellectuals, and politically correct liberals. The CNN exit polls across all the 2016 GOP primaries and caucuses from Iowa onwards revealed that the education gap in support for Trump was substantial; on average, only one quarter of post-graduates voted for Trump compared with almost half (45%) of those with high school education or less.¹⁰ A gender gap was also evident; on average, across all GOP primaries and caucuses, 39% of men voted for Trump compared with 33% of women. Despite being located on opposite sides of the aisle, Trump’s rhetoric taps into some of the same populist anti-elite anger articulated by Bernie Sanders when attacking big corporations, big donors, and big banks.

But Trump and Sanders are far from unique. There are historical precedents in America exemplified by Huey Long's Share Our Wealth movement and George Wallace's white backlash. And Trump's angry nativist rhetoric and nationalistic appeal fits the wave of populist leaders whose support has been swelling in many Western democracies.¹¹ During the last two decades, in many countries, parties led by populist authoritarian leaders have grown in popularity, gaining legislative seats, reaching ministerial office, and holding the balance of power. Recently we've seen notable gains for the Swiss People's Party, the Austrian Freedom Party, the Swedish Democrats, Greece's Golden Dawn, and the Danish People's Party. Both the center-left and center-right are concerned about the popularity of Marine Le Pen's Front Nationale, Matteo Salvini's Northern League, and Geert Wilders's Party for Freedom. In Eastern Europe, the success of the neo-fascist Jobbik party in Hungary pushed the ruling Fidesz party even further to the right; leading them to build a wall against the wave of migrants flooding across Europe. It's not just Europe, either; Latin America also has populist leaders on the economic left of the political spectrum, exemplified by Hugo Chavez and Nicolás Maduro in Venezuela, and Evo Morales in Bolivia.¹²

Populist parties do not have to gain many votes to exert substantial influence; in Britain, for example, the UK Independence Party won only one seat in the May 2015 general election. Nevertheless, its populist rhetoric fueled rabid anti-European and anti-immigration sentiments in Britain, pressuring the Conservatives to call the EU Brexit referendum. The escalating consequences have been profound and catastrophic both at home and abroad, instigating Britain's messy divorce from the European Union, the resignation of the Prime Minister, David Cameron, challenges to the Labour leadership, prospects for disintegration of the United Kingdom as a unitary state, deep uncertainty in financial markets, an outbreak of hate speech attacking immigrants, and calls by other populist parties to hold similar referenda over EU membership in France, the Netherlands, Germany, Denmark, and elsewhere.¹³

The concept of populism

What exactly is populism? There are many interpretations of this concept, and numerous attempts to identify the political parties and movements that fall into this category.¹⁴ Cas Mudde has been influential in the literature, suggesting that populist philosophy is a loose set of ideas that share three core features: *anti-establishment*, *authoritarianism*, and *nativism*.¹⁵ Firstly, populism is understood as a philosophy that emphasizes faith in the wisdom and virtue of ordinary people (the silent majority) over the 'corrupt' establishment. Populism reflects deep cynicism and resentment of existing authorities, whether big business, big banks, multinational corporations, media pundits, elected politicians and government officials, intellectual elites and scientific experts, and the arrogant and privileged rich.

Ordinary people are regarded as homogeneous and inherently 'good' or 'decent', in counterpart to dishonest elites ('Crooked' Hillary/'Lyn' Ted).¹⁶ Secondly, populists also characteristically display authoritarian leanings, favoring the personal power exerted by strong and charismatic leadership which is thought to reflect the will of the people. Populists also favor direct forms of majoritarian democracy for the expression of the voice of the people, through opinion polls, referenda and plebiscites, rather than the institutional checks and balances and the protection of minority rights built into processes of representative democracy.¹⁷ Finally, by 'ordinary people', populist discourse typically emphasizes nativism or xenophobic nationalism, which assumes that the 'people' are a uniform whole, and that states should exclude people from other countries and cultures. Populism favors mono-culturalism over multiculturalism, national self-interest over international cooperation and development aid, closed borders over the free flow of peoples, ideas, labor and capital, and traditionalism over progressive and liberal social values. Hence Trump's rhetoric seeks to stir up a potent mix of racial resentment, intolerance of multiculturalism, nationalistic isolationism, nostalgia for past glories, mistrust of outsiders, traditional misogyny and sexism, the appeal of forceful strong-man leadership, attack-dog politics, and racial and anti-Muslim animus. "Populism" is a standard way of referring to this syndrome, emphasizing its allegedly broad roots in ordinary people; it might equally well be described as xenophobic authoritarianism.

We view Populist values as representing one pole of a cultural continuum on which Cosmopolitan Liberal values are located at the opposite pole; this dimension is depicted heuristically on the vertical axis in Figure 1. The word 'cosmopolitan', which derives from the Greek word *kosmopolitês* ('citizen of the world'), refers to the idea that all humans increasingly live and interact within a single global community, not simply within a single polity.¹⁸ It thus captures the antithesis to nativism. The conceptual distinction between cosmopolitans and locals has been part of the social sciences ever since Robert Merton developed it to study small town America during World War II.¹⁹ Cosmopolitan values emphasize the value of open national borders, shared multicultural values, diversity of peoples and lifestyles in outward-looking and inclusive societies. Since World War II, connections among peoples of different nations have become more cosmopolitan, with multiple networks linking their lives. The belief that one lives in a homogenous nation-state is weakened by flows of workers, expatriate employees, tourists, students, refugees, and diaspora communities.

Moreover, Cosmopolitan ideas emphasizing open borders and open societies are combined with Liberal values which challenge the authoritarian component of populism, emphasizing the importance of horizontal checks and balances in the institutions of representative democracy, protection of minority

rights, participation through elections and membership of political parties, tolerance of social, intellectual, and political diversity, the process of pluralistic bargaining and compromise, the contribution of scientific expertise for rational policymaking, and the post-war architecture of global governance and international cooperation. Social liberalism is also linked with support for equal rights for women and minorities, flexible rather than fixed gender roles, fluid gender identities and LGBT rights, environmental protection, and secular rather than religious values.

Previous analyses of parties in Western Europe have often associated populism with the Right, using terms such as ‘radical right’, ‘far right’, or ‘extremist right’ parties.²⁰ But it is increasingly recognized that this fails to capture certain core features of populist parties around the world, such as in the Americas, Eastern Europe, and Asia, where populist parties often favor economic left-wing policies.²¹ For example, President Hugo Chavez was a charismatic leader railing against the ‘predatory’ political elite, economic austerity measures, and the United States when attempting a socialist revolution in Venezuela. In the United States, historically the Populist Party founded in 1891 was on the left, an anti-elite rural movement critical of capitalism, especially banks, associated with organized labor. Similarly, Donald Trump’s speeches trampling on conservative orthodoxies, by advocating protectionist trade barriers, renegotiating NAFTA, and raising import tariffs against Chinese goods, is arguably located on the Populist Left, far away from the economic philosophy of neo-conservatives, although his argument favoring business tax cuts is more right-wing. For these reasons, as illustrated in Figure 1, in this study the new cultural cleavage dividing Populists and Cosmopolitan Liberals is viewed as orthogonal to the classic economic class cleavage, which dominated West European party competition during post-war decades.

[Figures 1 and 2 about here]

Figure 2 depicts how parties are expected to map onto the value cleavages, illustrated by the case of Germany. Thus the horizontal axis depicted in this heuristic model locates Communists, Socialists and Social Democratic parties on the economic Left, favoring state management of the economy, economic redistribution through progressive taxation, and strong welfare states and public services. By contrast, Liberal, Conservative, and Christian Democratic parties on the economic Right favor free markets and private enterprise, a more modest role for the state, deregulation, and low taxation. The ideological position of green parties is predicted to be most clearly favoring Cosmopolitan Liberal values. Based on this heuristic model, some Populist parties, like the German Republikaner, UKIP, and the Swiss People’s Party (SVP), which favor markets over the state, are expected to be located on the economic Right of the horizontal axis. By contrast others, like Ataka in Bulgaria and Jobbik in Hungary, which advocate policies

of redistribution and social protection, are expected to be located on the economic Left. The next section of the paper operationalizes this model and classifies European parties based on expert assessments of their policy positions.

Why is populism on the rise?

Populism is not new; van Beyme suggests that this movement has historically experienced at least three successive waves.²² But the era during the late-twentieth century has seen a substantial resurgence in their popularity. What explains contemporary developments? Observers commonly offer historical narratives, focused upon certain events and particular circumstances, to account for the rise of individual populist parties and leaders in each case. For example, American commentators have speculated that the success of Donald Trump in the GOP primaries reflected a racist reaction to the election (and reelection) of the first African-American president to the White House.²³ It has also been thought to rest upon the appeal of the out-spoken candidate and heated rhetoric triggered by a backlash against 'No drama Obama's' reserved personality, rational control, and cool style.²⁴ It can also be regarded as the inevitable outcome of the Tea Party tilt pushing the House Republican leadership further to the right and partisan gridlock in Congress, with Trump inheriting the mantle of Sarah Palin.²⁵ Similarly, the way that Brexit catalyzed support for UKIP and populist movements elsewhere in Europe is open to nation-specific explanations, including the decision by the Conservative party leader, David Cameron, to offer a referendum on Britain's European Union membership as a way to appease Euro-skeptics within his party, the cynical but failed strategy that Boris Johnson followed by heading the 'Leave' campaign in an (unsuccessful) attempt to advance his prospects for leadership of the Conservative party, the role of the tabloid headlines in stoking euro-skepticism, public miscalculations by Leave voters under-estimating the impact of their actions, and the capacity of referenda to mobilize protest voting.

Nation-specific events such as these are proximate causes that help to explain why things worked out as they did within a given country-- but they do not explain why the vote for populist parties across many countries has roughly doubled in recent decades. A general theory is needed, to explain this.

Comparative explanations for the electoral success of populist parties can be sub-divided into three categories,²⁶ emphasizing: (i) the *institutional rules of the game* regulating the market for party competition (such as ballot access laws, effective vote thresholds, types of electoral systems, and political finance regulations);²⁷ (ii) the *supply-side* strategic appeals of party leaders and political parties as Downsian rational actors when deciding whether to emphasize either ideological or populist appeals

within this institutional context;²⁸ and/or, (iii) the *demand-side* role of voter's attitudes, values, and opinions.

Within this last category, many accounts have sought to explain the attitudes of voters.²⁹ Explanations for the factors driving *changes* in mass support for populists have commonly emphasized either (1) economic inequality and deprivation, focusing on grievances arising from structural changes transforming post-industrial economies, or (2) cultural accounts, emphasizing the role of changing cultural values. What do these theories suggest?

Theories of growing economic inequality in knowledge societies

The argument that populism reflects rising socioeconomic inequalities within affluent societies has long historical roots – for example, it was applied during the 1950s and 1960s in classic accounts by the fathers of political sociology, Seymour Martin Lipset and by Daniel Bell, to explain the appeal of fascism in Weimar Germany, Poujadism in France, and McCarthyism in the United States. Each of these movements was seen as an authoritarian reaction against modernity, with support concentrated mainly among the *petite bourgeoisie* – small entrepreneurs, shopkeepers, merchants, self-employed artisans, and independent farmers – squeezed between the growing power of big business and the collective clout of organized labor.³⁰ Stimulated by fears of downward mobility and loss of social status, fascist parties and extremist movements were thought to tap fears and insecurities among those who lost out to industrialization. As Lipset and Bell argued: “Extremist movements have much in common. They appeal to the disgruntled and psychologically homeless, to the personal failures, the socially isolated, the economically insecure, the uneducated, unsophisticated, and the authoritarian persons.”³¹

Echoing and updating these concerns, prominent contemporary theorists such as Esping-Anderson argue that during the early twenty first century affluent societies saw the emergence of a new under-class concentrated among poorly-educated populations.³² In this view, some residual elements of the appeal of authoritarian movements can still be detected among the *petit bourgeoisie*, but populist rhetoric is thought to have fallen upon its most fertile ground among the low-skilled, blue collar underclass, with low wages and minimal job security, most vulnerable to social risks, who have tumbled through the cracks of the welfare state within affluent societies.³³ Thomas Piketty's influential thesis has brought renewed attention to rising levels of wealth and income inequality.³⁴ In recent decades, the real income of most people in developed Western nations has stagnated or declined; despite substantial economic growth, the gains have gone almost entirely to the top ten percent of the population, largely to the top one percent. Economic inequality has been exacerbated by growing automation and outsourcing,

globalization and growing mobility of capital and labor, the erosion of blue-collar labor unions, neo-liberal austerity policies, the growth of the knowledge economy, and the limited capacity of democratic governments to regulate investment decisions by multinational corporations or to stem migration flows.

The contemporary version of the economic inequality argument links these developments directly with rising mass support for populism, which is understood to reflect divisions between the winners and losers from global markets, and thus whether lives are economically secure or insecure.³⁵ In this argument, economic vulnerability is conducive to in-group solidarity, conformity to group norms, and rejection of outsiders. When threatened, groups are thought to seek strong, authoritarian leaders to protect them from what are perceived as dangerous outsiders seen as threatening jobs and benefits.³⁶ Anxiety arising from contemporary events - boatloads of migrants and refugees flooding into Europe, images of the aftermath of random acts of domestic terrorism in Paris, Brussels, and Istanbul, and austerity measures-- are blamed for exacerbating economic grievances linked with rising income inequality, the loss of manufacturing jobs, and stagnant wages.

These developments are commonly assumed to have been particularly important for the electoral fortunes of European parties. In the center-right, growing secularization across the continent and empty church pews have eroded the traditional electoral base of Christian Democratic parties.³⁷ Meanwhile, on the left, social individualization and fragmentation are believed to have eroded the mass membership of traditional collective organizations, social networks, and mass movements that used to mobilize working class communities, exemplified by workers' cooperatives and trade unions.³⁸ Collective movements and organized labor, which functioned in the past as a channel for the mobilization and expression of working class grievances, have found their negotiating powers increasingly constrained by global markets and multinational corporations. Socialist and social democratic parties in the center-left have found their electoral base eroded by the shrinking numbers of industrial workers in their rust-belt heartlands, forcing them to widen their electoral appeals as catch-all parties to attract public-sector professionals.³⁹ Socially-disadvantaged groups, Betz suggests, are most prone to blame ethnic minorities and migrant populations for deteriorating conditions, loss of manufacturing jobs, and inadequate welfare services. Populists often advocate protectionist policies like trade barriers and tariffs, and they commonly attack governments for failing to provide the growing prosperity and sense of shared community that was characteristic of postwar societies (hence Trump's slogan of 'Make America Great Again'). The failure of center-left parties to restore a sense of security and prosperity to the unemployed and under-privileged in affluent societies, this account argues, means that their traditional supporters have fled to populist parties which promise

to restore the past golden age.⁴⁰ Therefore, drawing upon these arguments, the economic insecurity thesis explains populism as a product of growing income inequality, grievances among the losers from global markets, disaffection with mainstream center-left parties, and loss of faith in the capacity of the mainstream parties to respond to these concerns.⁴¹

What systematic empirical evidence would support this argument? If the economic insecurity thesis is correct, the logic predicts that mass support for populism should be observed to be concentrated among economically marginalized sectors who are the main losers from global markets, technological advances, and knowledge societies. Thus populist votes should be strongest among unskilled workers, the unemployed, those lacking college degrees, house-holds dependent on welfare benefits as their main source of income, and those living in inner-city urban areas, such as in London, Paris, Amsterdam and Munich, which typically attract some of the highest concentrations of foreign-born residents. Populist support should also be predicted by subjective feelings of economic insecurity, such as among those reporting difficulties in making ends meet.

Some previous systematic empirical evidence supports the economic argument; for example, Lubbers, Gijsberts and Scheepers report that radical right support at individual-level in Western Europe was significantly stronger among the unemployed, blue-collar workers, and less educated sectors, as well as among men.⁴² Yet these were individual not macro-level effects: for example, they did not find stronger voting for these parties in nations with higher unemployment rates.⁴³ In a five-nation comparison, Niedermayer also found that white collar employees and professionals are consistently under-represented in the electorates of radical right parties, although he also demonstrated that the proportion of blue-collar workers and those with low educational achievement varied substantially among different parties such as the Austrian FPÖ, the German Republicans, and the Danish Progress Party.⁴⁴ At the same time, however, previous research suggests several reasons to doubt the more mechanical version on the economic argument. Hence a decade ago one study concluded that: "We should look skeptically upon the idea that the radical right is purely a phenomenon of the politics of resentment among the 'new social cleavage' of low-skilled and low-qualified workers in inner-city areas, or that their rise can be attributed in any mechanical fashion to growing levels of unemployment and job insecurity in Europe. The social profile is more complex than popular stereotypes suggest."⁴⁵ Mudde is equally doubtful about purely-economic explanations for the rise of populism.⁴⁶ Moreover populist parties have also arisen in several of the most egalitarian European societies, with cradle-to-grave welfare states, containing some of the best-educated and most secure populations in the world, exemplified by Sweden and Denmark.

The cultural backlash thesis

An equally common alternative account is provided by the cultural backlash thesis. This perspective emphasizes that populist support can be explained primarily as a social psychological phenomenon, reflecting a nostalgic reaction among older sectors of the electorate seeking a bulwark against long-term processes of value change, the 'silent revolution', which has transformed Western cultures during the late twentieth century. This account predicts that support for populism will be especially strong among those holding traditional values and retro norms, including older generation and the less-educated groups left behind by progressive cultural tides.

The rise of progressive values

A substantial body of survey-based research has now documented the cultural transformation that has occurred during the last half century in Western societies, exemplified by growing support in public opinion for post-materialist over traditional values, and by the organizational expression of these values in the late-twentieth century through the rise of new cultural issues, social movements, and political parties.⁴⁷ Developments are exemplified by increased tolerance among the younger cohorts and the college educated living in Western societies for the expression of diverse forms of sexuality, LGBT rights, same-sex marriage and varied family units, and more fluid gender identities; more secular values, habits, and ethical norms; open-mindedness towards migrants, refugees, foreigners, and multicultural diversity of lifestyles, foods, and travel; and cosmopolitan support for international cooperation, humanitarian assistance, and multilateral agencies like the United Nations and EU.⁴⁸ In affluent countries, cultures have gradually been transformed by growing support for progressive post-materialist values through successive processes of generational replacement.

About 45 years ago, it was argued that "a transformation may be taking place in the political culture of advanced industrial societies. This transformation seems to be altering the basic value priorities of given generations as a result of changing conditions influencing their basic socialization."⁴⁹ Subsequent birth cohort analysis, based on hundreds of surveys carried out from 1970 to 2008, indicates that post-war birth cohorts actually did bring an intergenerational shift from Materialist to Post-materialist values, as younger cohorts gradually replaced older ones in the adult population.⁵⁰ This analysis also reveals clear period effects, reflecting current economic conditions: the intergenerational difference persist, but in times of insecurity, all cohorts shift toward more Materialist views-- and with economic recovery, they shift back toward their long-term baseline, so that across this 38-year span, given cohorts remain at least as Post-materialist as they were at the start.

The cultural shift has been linked with the rise of Green parties, as well as progressive social movements and transnational activist organizations reflecting values such as environmental protection, LGBT rights, racial and gender equality, overseas aid, and human rights. As post-materialists gradually became more numerous in the population, they brought new issues into politics, leading to a declining emphasis on social class and economic redistribution, and growing party polarization based around cultural issues and social identities.⁵¹ Post-materialists tend to emerge from the more secure and college-educated strata in Western societies and they are relatively favorable towards progressive social change and humanistic values. Over recent decades, the World Values Survey shows that Western societies have been getting steadily more Post-materialist on many social issues, especially among the younger generation and well-educated middle class.⁵² At the same time, however, citizens have also become more critical towards established political institutions and authorities, including becoming less trusting of political parties and parliaments in representative democracies.⁵³

The cultural counter-reaction to the silent revolution

These developments have been widely confirmed by survey evidence.⁵⁴ But from the start, these developments triggered negative reactions among older traditionalists who felt threatened by the erosion of the values which were once predominant. In particular, it is well-established that education, age, and gender are strong predictors of support for progressive values. Socialization theory suggests that core values are adopted during early childhood and adolescence. Age reflects the process of long-term generational turnover, as the younger birth cohort with post-materialist values, who grew up in affluent Western welfare states, gradually come to replace their parents and grandparents, who had experienced less secure upbringings during the inter-war decades. A substantial body of evidence confirms that growing up with high levels of existential security is conducive to open-mindedness, social tolerance and trust, secularization, and acceptance of diversity.⁵⁵ As well as generational cleavages, gender may also play a role in cultural trends: traditional patriarchal values about fixed sex roles, once the predominant view in Western societies, have gradually been displaced by progressive, feminist tides favoring social norms of gender equality and interchangeable sex roles in the home and workplace, more diverse forms of marriage and families, as well as societal shifts for women's roles in the knowledge economy and in politics.⁵⁶ Over time, therefore, the traditional values often held most strongly by the older generation, less educated sectors, and men have gradually become out of step with the changing cultures of contemporary Western societies, with this displacement generating resentment, anger, and a sense of loss. The more rapid the pace of value change challenging the predominant groups, the more heated the

culture wars are likely to become. This phenomenon may be linked to political developments to account for the well-established pattern whereby men are consistently found to give greater support for populist parties.⁵⁷

Hostile or intolerant attitudes towards migrants, ethnic and racial minorities, commonly directed against refugees, asylum-seekers, and guest-workers in Europe, especially towards Muslims, are expected to be an important source of resentment. Many other scholars have tied support for populist parties to attitudes towards multiculturalism and immigration.⁵⁸ For Betz, for example, the ascendancy of these parties is generated primarily by a public backlash directed against rising numbers of immigrants and asylum-seekers, and the failure of mainstream governing parties to curb these numbers and protect national identities through effective public policy regulations.⁵⁹ As Betz's claims: *"It should come as no surprise that the emergence and rise of radical right-wing populist parties in Western Europe coincided with the growing tide of immigrants and particularly the dramatic increase in the number of refugees seeking peace, security, and a better life in the affluent societies of Western Europe. The reaction to the new arrivals was an outburst of xenophobia and open racism in a majority of West European countries....This has made it relatively easy for the radical populist Right to evoke, focus, and reinforce preexisting xenophobic sentiments for political gain."* Though this is a frequent claim, previous studies have reported only mixed evidence linking the number of migrants in a country directly with levels of voting support for radical right parties.⁶⁰

At the same time, we argue that xenophobia is only one part of a much broader cultural backlash among the older generation, rejecting many other liberal and cosmopolitan values diffusing throughout post-industrial societies. This argument has started to emerge among scholars— although the role of generational change is often over-looked and the evidence remains indeterminate. Hence Ignazi theorizes that the value shift of the 1960s and 1970s was originally linked to the emergence of left-libertarian parties like the Greens, but that it also produced a reactionary backlash among those who continued to hold traditional moral values in Western Europe, a 'silent counter-revolution' that helps the populist right.⁶¹ Similarly, Bornschier has argued that a new cultural cleavage identifies extreme right parties in several West European societies.⁶² Bustikova also suggests a parallel process in Eastern Europe, where populist right success is attributed to resentment against ethno-liberal minority parties that have managed to extract policy concessions.⁶³ Hostility towards the European Union has also been depicted as due, at least in part, to perceptions that membership represents a cultural threat.⁶⁴ For example, in the

run up to the Brexit referendum, Curtice found many British people regarded EU membership as economically beneficial but they also expressed concern about the cultural consequences.⁶⁵

On the supply-side of the equation, any resentment about cultural trends needs an organizational outlet for expression. Populist movements, leaders, and parties provide a mechanism for channeling active resistance. Hence Trump's slogan 'Make America Great Again' – and his rejection of 'political correctness' - appeals nostalgically to a mythical 'golden past', especially for older white men, when American society was less diverse, U.S. leadership was unrivalled among Western powers during the Cold War era, threats of terrorism pre-9/11 were in distant lands but not at home, and conventional sex roles for women and men reflected patrimonial power relationships within the family and workforce. The Brexit Leave campaign and UKIP rhetoric also harkens back nostalgically to a time before joining the EU, more than forty years ago, when the Westminster parliament was sovereign, society was predominately white Anglo-Saxon, manufacturing factories and extracting industries – producing steel, coal, cars - still provided well-paying and secure jobs for unionized manual workers in the Midlands and North, and despite decline from its glory days of empire, Britain remained a major economic and military power leading the Commonwealth. Similar messages can be heard echoed in the rhetoric of Marine Le Pen, Geert Wilders, Donald Trump, and other populist leaders. This nostalgia is most likely to appeal to older citizens who have seen changes erode their cultural predominance and threaten their core social values, potentially provoking a response expressing anger, resentment, and political disaffection.

What evidence would support this thesis? Value change is strongly predicted by birth cohort, education and sex. If the cultural backlash thesis is true, then this argument predicts that the strongest support for populist parties will be observed among the older generation, men, those lacking college education, and among traditionalists most opposed to progressive cultural values, such as in their attitudes towards sexuality, religion, multiculturalism, cosmopolitanism, and tolerance of foreigners. Goring economic insecurity and rising levels of social inequality may also reinforce cultural shifts, suggesting an interaction effect where traditional values will be found to be strongest among poorer and older sectors of the electorate.

II: Measures and evidence

Two arguments are common in the literature seeking to explain contemporary mass support for populist parties: economic accounts, which focus on rising levels of income insecurity and grievances among the losers from global markets, and cultural accounts, which emphasize a generational backlash reacting against long-term shifts in progressive and liberal social values. To examine the individual level

survey evidence for each of these theories, we first need to establish a consistent way to distinguish and classify populist parties according to the heuristic model illustrated in Figures 1 and 2.

Populism is conceptualized in this study as reflecting a loose political ideology emphasizing faith in the ‘decent’, ‘ordinary’ or ‘little’ people over the corrupt political and corporate establishment, nationalist interests (Us) over cosmopolitanism cooperation across borders (Them), protectionist policies regulating the movement of trade, people and finance over global free trade, xenophobia over tolerance of multiculturalism, strong individual leadership over diplomatic bargaining and flexible negotiations, isolationism in foreign and defense policies over international engagement, traditional sex roles for women and men over more fluid gender identities and roles, and traditional over progressive values. The cultural cleavage divides Populism from Cosmopolitan Liberalism, which favors the free flow of people, ideas, capital, and cultures across national borders, and pluralistic forms of governance based on respect for the protection of minority rights and checks and balances in decision-making processes.

For empirical evidence to classify where parties fall on this spectrum, we turn to the 2014 Chapel Hill Expert Survey (CHES) to identify the ideological location of political parties within each country.⁶⁶ The CHES dataset asked experts knowledgeable about European political parties to estimate the ideological and policy positions of political parties in the country with which they were most familiar. The study covered in total 268 political parties in 31 European countries, including all EU member states as well as Norway, Switzerland and Turkey.⁶⁷ The most recent CHES survey was conducted between December 2014 and February 2015. Factor analysis with principle component rotation examined the dimensionality of thirteen selected indicators contained in the dataset, where experts rated the position of European parties on a range of Populist items, such as support for traditional values, liberal lifestyles, and multiculturalism, as well as their economic stance towards market deregulation, state management of the economy, and preferences for either tax cuts or public services.

[Table 1 about here]

The results of the factor analysis presented in Table 1 confirm that the cultural and the economic cleavages form two distinct and consistent dimensions of party competition, as theorized. The items listed in each column were then summed into cultural and economic scales, each standardized to 100 points. The classic scale depicted on the horizontal axis of Figure 3 below divides the economic Left (favoring regulated markets, state management of the economy, wealth redistribution, and public spending) from the economic Right (favoring deregulation, free markets, opposing redistribution, and favoring tax cuts). The cultural cleavage depicted on the vertical axis divides populists (favoring traditional social values,

opposing liberal lifestyles, promoting nationalism, favoring touch law and order, opposing multiculturalism, against immigration, opposing rights for ethnic minorities, supporting religious principles in politics, and supporting rural interests) from cosmopolitan liberals (taking the opposite position of all these indices).

To double-check the external validity and reliability of the CHES measures, the results were compared with an independent study, the Immerzeel, Lubbers, and Coffe expert judgment survey of European Political Parties, conducted in 2010.⁶⁸ This study used a similar methodology to estimate the scores of political parties in 38 European countries, with a focus on populist issues such as nationalism and immigration. The two datasets proved to be highly correlated in the perceived position of parties on the ideological scales, lending confidence to the CHES estimates.⁶⁹ In addition, for face-value validity, the list of parties ranked according to the CHES cultural scale was comparing and confirmed with previous attempts at classifying populist parties.⁷⁰ The precise dividing line between populist and other types of political party families inevitably remains somewhat fuzzy, for example where leaders from other mainstream parties adopt some of the xenophobic rhetoric or the restrictive immigration policies espoused by extremist leaders. But the comparison with the existing literature suggested that the category of 'populist parties' could be defined and operationalized empirically as those which scored more than 80 points on the standardized 100-point CHES cultural scale. The classification and scores of European populist parties included in our study are listed in Appendix A.

Finally, we turned to the pooled European Social Survey (2002-2014) to examine the cross-national micro-level evidence for both the core arguments. The advantage of this survey is that the pooled dataset across six waves contains 293,856 respondents, providing a large-enough sample of the European public in 32 countries to identify the electoral base of smaller parties with some degree of reliability. Cases were weighted by post-stratification weights including design weights. Scholars have developed several scales to measure populist attitudes in the general population.⁷¹ Supporters of populist parties are measured in this study by their voting preferences, with robustness checks used to see whether similar patterns are evident when predicting party affiliations. Multivariate logistic regression models analyze the evidence for the economic and cultural explanations.

The selected variables and the coding are listed in Technical Appendix B. The models include standard social and demographic controls, including sex, age, education, and ethnicity. Economic inequality was monitored through selected indicators of occupational class (using the Goldthorpe schema), experience of unemployment, households dependent upon social benefits (excluding pensions)

for their main source of income, urbanization, and subjective feelings of income insecurity. Principal Component Factor analysis with Varimax Rotation was used to determine the dimensionality of a range of cultural items which were included in all waves of the ESS and which were expected to be particularly salient for the division between Populist and Cosmopolitan Liberal values. Five values scales were produced through this process, including scales on attitudes towards immigration, trust in global governance, trust in national governance, authoritarian values, and left-right ideological self-placement. The value scales were each standardized to 100-points, for ease of comparison. All models were checked by tolerance tests to be free of problems of multicollinearity. The inclusion of items consistently asked across all rounds of the ESS maximized the size of the pooled sample of populist voters, and therefore strengthened confidence in the reliability of the results, although unfortunately it also restricted the full range of items which ideally could be included, for example concerning gender equality. The descriptive means and standard deviations of all the items are presented in Appendix C.

III: Classifying and comparing political parties

As a first step in the analysis, the two ideological scales from the CHES dataset can be used to compare the perceived location of European political parties, according to experts. When European parties were classified on both these scales, using the CHES data, the resulting map of European party competition is illustrated in the scatter-gram presented in Figure 3.

(Figure 3 here)

The top-right quadrant reflects the position of the *Populist Right* parties, such as the UK Independence Party, the Swiss People's Party (SVP), and the Polish Congress of the New Right (Kongres Nowej Prawicy or KNP). These are all economically libertarian and pro-market, socially conservative on traditional values, and deeply Euro-skeptic in orientation. For example, since the early-1990s, under the leadership of Christoph Blocher, the Swiss People's Party has promoted a philosophy of national conservatism, advocating a limited role for government and the welfare state. Its economic policies oppose deficit spending, government regulation of environmental protection, military engagement abroad and closer ties with NATO. On cultural issues it has highlighted euro-skepticism, strict asylum laws, and opposition to multiculturalism and immigration, for example the party pushed successfully for an initiative to ban the construction of minarets, which subsequently became an amendment to the Swiss Constitution. Chaired by Albert Rösti, following the 2015 federal elections, and spurred by fears of the European migration crisis, the SVP became the largest party in the Federal Assembly, winning around one third of the seats.

Figure 3 also shows the *Populist Left* parties, located in the top left quadrant. Many parties in this category are located in Central and Eastern Europe, exemplified by Bulgarian Ataka (Attack), which is ultra nationalist and xenophobic, especially anti-Muslim, while also advocating classic left-wing economic and social policies, such as restoring state ownership of major industries and increased spending on education, welfare and healthcare.⁷² Other parties on the Populist Left are illustrated by the Hungarian Jobbik (Movement for a Better Hungary) and Golden Dawn in Greece, two racist, anti-immigrant, nationalistic, and euro-skeptical parties, while also advancing a radical critique of global capitalism. Populist Left parties were particularly common in post-Communist Europe. Some survey evidence suggests that Trump's appeal also falls into this category: it is culturally populist, emphasizing anti-immigration policies and rhetoric, blended with some economically-left positions, for example on protecting social security and Medicare, supporting public health insurance, infrastructure spending, and protectionism on trade, although signals about his policy positions remain fluid, and continue to change over successive campaign speeches.⁷³

By contrast, the parties located in the bottom right quadrant are those which reflect the *Cosmopolitan Liberal Right*, favoring socially progressive values and neo-liberal free markets while also advocating more open borders for the free movement of capital and labor. This category is exemplified by the Lithuanian Liberals Movement of the Republic, allied with Liberals and Democrats for Europe, and Austrian NEOS (the new Austria and Liberal Forum).

Finally, many parties are located in the *Cosmopolitan Liberal Left*, including green parties such as the Francophone Ecolo in Wallonia and the German Greens, as well as several traditional European Socialist and Social Democratic parties. These parties are typically internationally-minded, supporting multilateral institutions of global governance, cooperation, and humanitarian engagement, fluid national borders and open societies, as well as economic regulation and welfare states.

The vertical axis on Figure 3 reflects the polarization between two contrasting worldviews: a Cosmopolitan Liberal outlook motivated by Post-materialist and Self-expression values—and a populist, xenophobic-authoritarian outlook. The growing prominence of Post-materialist values in the late 1960s and the 1970s stimulated a cultural backlash almost immediately. As Inglehart pointed out more than 25 years ago:

“Environmentalist parties have begun to emerge in many societies in which the electoral system doesn't tend to strangle new parties. Why? The environmentalist cause is only one of many Postmodern issues favored by Postmaterialists. This electorate is distinctive in its entire worldview:

they are relatively favorable to women's rights, handicapped groups, gay/lesbian emancipation, ethnic minorities and a number of other causes. But the environmental cause has emerged as the symbolic center of this broad cultural emancipation movement...

Nevertheless, the rise of Postmaterialist causes has given rise to negative reactions from the very start. The French student protest movement was able to paralyze the entire country in May, 1968; but it led to a massive shift of working class voters, who rallied behind De Gaulle as the guarantor of law and order, giving the Gaullists a landslide victory in the June, 1968 elections. In the same year, student protesters in the U.S. were able to bring down Lyndon Johnson, but they alienated much of the traditional Democratic Party electorate-- many of whom threw their support to a reactionary candidate, George Wallace, enabling Richard Nixon to win the Presidency. The 1972 elections were something of a replay, except that this time normally Democratic voters who were repelled by the seeming radicalism of the McGovern campaign supported Nixon: for the first time in history, white working class voters were about as likely to vote for the Republican as for the Democratic candidate. The aftermath of these events transformed the two parties, but the U.S. still has a two party system, with the same party labels as before: superficially, the system seems unchanged.

Though Postmaterialist-led parties emerged in both The Netherlands and Belgium during the 1970s, West Germany was the scene of the first breakthrough by an environmentalist party in a major industrial nation. Postmaterialist protest had manifested itself as dramatically in Germany as in the United States or France, but it was only in 1983 that the Greens were sufficiently strong and well organized to surmount Germany's 5 per cent hurdle and enter the West German parliament-- bringing a significant structural change to German politics. But more recently, the Greens have been pitted against a Republikaner party characterized by cultural conservatism and xenophobia. In the 1994 national elections, the Greens won 7 percent of the vote. The Republikaner, on the other hand, were stigmatized as the heirs of the Nazis and won only two percent of the vote, which was insufficient to win parliamentary representation. Nevertheless, xenophobic forces have already had a substantial impact on German politics, motivating the established parties to shift their policy positions in order to coopt the Republikaner electorate. These efforts even included an amendment to the German constitution: to cut down the influx of foreigners, the clause guaranteeing free right of political asylum was eliminated in 1993, in a decision supported by a two-thirds majority of the German parliament.

The rise of the Green Party in Germany has also had a major impact even though only a small portion of the electorate votes for it... Their greatest impact on German politics has been in forcing the established parties, from the Christian Democrats to the Social Democrats, to adopt pro-environmentalist positions in order to compete for the Greens' voters. The Greens and the Republikaner are located at opposite poles of a new political dimension, as Figure 2 suggests. If we simply judged by their labels, this might not seem to be the case: the Republikaner do not call themselves the Anti-Environment Party; nor do the Greens call themselves the Pro-Immigrant Party. But, in fact, their constituencies are disproportionately Materialist and Postmaterialist, respectively; and these parties adopt opposite policies on the relevant issues. The older parties are arrayed on the traditional economic Left-Right axis, established in an era when political cleavages were dominated by social class conflict. On this axis (the horizontal dimension of Figure 3) both elites and mass electorates place the Party of Democratic Socialism (the East German ex-communists) on the extreme Left, followed by the Social Democrats and the Free Democrats, with the Christian Democrats at the Right of the spectrum. Though both elites and masses tend to think of the Greens as located on the Left, they represent an entirely new Left. Traditionally, the Left parties have been based on a working class constituency, and advocated a program that called for nationalization of industry and redistribution of income. In striking contrast, the Postmaterialist Left appeals primarily to a middle class constituency and is only faintly interested in the classic program of the Left. For example, Postmaterialists are not necessarily more favorable to state ownership than are Materialists, as evidence cited below indicates. But Postmaterialists *are* intensely favorable to the Left position on Postmodern issues-- which frequently repel the traditional working class constituency of the Left.

The vertical axis on Figure 2 reflects the polarization between Postmodern and Fundamentalist values, reflecting differences in people's subjective sense of security. At one pole, we find a Postmodern openness to ethnic diversity and changing gender roles; and at the opposite pole we find an emphasis on familiar values (often rooted in traditional religion), in the face of insecurity... Fundamentalist movements continue to emerge among the less secure strata of even the most advanced industrial societies, with people reemphasizing traditional values in times of stress.”⁷⁴

A cultural backlash against Post-materialist values has been present ever since they first surfaced into political relevance in the late 1960s. But in the 1970s and 1980s, the most dramatic phenomenon was the rise of progressive movements and parties such as the Greens. In that era, cultural backlash

parties, such as France's National Front, were relatively small. Today, they have become important parties in many countries and Donald Trump has become the candidate of a major party in the U.S.

Rising voting support for populist parties

In recent decades, Populist parties have gained growing support among the electorates of developed countries. Based on ParlGov data, and applying the party classification described above, the graph in Figure 4 illustrates the growing share of the vote for both Populist Right and Populist Left parties since 1970 in national and European parliamentary elections across European countries.⁷⁵ This suggests that a rise occurred during the 1970s, and a surge of support during the 1980s and 1990s, before a subsequent slow down or levelling off in the last decade. The mean share of the vote for Populist Right parties rose from 6.7% in the 1960s to 13.4% in 2010s. During the same period, their average share of seats rose in parallel from 5.9% to 13.7%. The mean share of the vote for the Populist Left parties rose from 2.4% in the 1960s to 12.7% in 2010s, while their share of seats increased on average from 0.12 to 11.5% during the same decades. Gains were particularly dramatic following the fall of the Berlin Wall and the opening of party competition in Central and Eastern Europe. Most recently, the 2014 European Parliament elections also saw a surge of support for Populist parties such as France's National Front, Italy's Five Star Alliance, the Danish People's Party, the Austrian Freedom Party, the Dutch Party for Freedom, and the United Kingdom Independence Party.

(Figure 4 here)

The success of populists varies substantially among European societies, however, and support can prove highly volatile and erratic over time, if weakly-institutionalized parties are unable to replace a charismatic leader and if they lack a strong extra-parliamentary organizational base. Thus, in the UK, the British National Party and the National Front were both eclipsed by the UK Independence Party. Figure 4 illustrates the share of the vote for populist parties in national elections across two dozen European states from 1970 to 2016. It is apparent that their share of the vote varies even among relatively similar post-industrial knowledge economies, neighboring states with shared cultures, and states using broadly similar majoritarian or proportional electoral systems, for example the contrasts observed between Norway and Sweden, between Austria and Germany (with radical right parties heavily restricted by the German constitution), and between Britain and France. This suggest that both supply-side factors and the institutional rules of the game are important parts of the comprehensive explanations accounting for the fortunes of specific populist parties.

The changing policy agenda

Further evidence from the analysis of manifesto data also demonstrates the shifting battle-ground of European party competition and the rise of the Cultural cleavage. During post-war decades, the pattern of party competition in Western Europe was based on divisions between communist and socialist parties on the Left and economically conservative and classical liberal parties on the Right which were divided primarily over issues of Keynesian economic management, redistributive taxation, and welfare state spending. During the 1950s and 1960s, mainstream parties prioritized bread-and-butter economic and social policy issues in their policy platforms -- such as unemployment, inflation, taxation, trade union rights, public services, health-care, housing, education, and welfare -- mobilizing class cleavages and partisan affiliations in the electorate. Other policy divisions, such as those over foreign policy and international relations, usually played a more minor role in electoral politics, and these largely reinforced the economic divisions in party competition. The major political parties were established in an era when economic issues of growth, jobs, taxes and inflation were dominant and the working class was the main base of support for socialist, communist and social democratic parties.

Today economic inequality remains a major issue, dividing the winners and losers from global markets and free trade. The classic economic issues did not disappear by any means. But their relative prominence declined to such an extent that by the late-1980s, as shown in Figure 5, non-economic issues had become more prominent than economic issues in Western political party campaign platforms. The growing salience of progressive values in society has generated the gradual emergence of a new Cultural cleavage in party competition that has undermined the post-war party systems. Today, many of the most heated conflicts are cultural – based on issues such as immigration, the threat of terrorism, abortion rights, same-sex marriage, and more fluid gender identities and support for progressive change on these issues increasingly comes from well-educated younger generations of Post-materialists, largely of middle class origin.

[Figure 5 here]

Figure 5 illustrates how the issues emphasized in political party platforms evolved from 1950 to 2010, in thirteen Western democracies (Austria, Belgium, Canada, Denmark, France, Germany, Ireland, Italy, Netherlands, Norway, Sweden, Switzerland and the United States). This figure shows the declining emphasis on economic issues; party programs were dominated by these issues until around 1968, when issues raised by student protest briefly dominated the agenda. Economic issues again dominated political discussion from 1970 to the early-1980s, when non-economic issues began to take over. For the last two

decades, non-economic issues have consistently dominated party competition and rival manifesto platforms by a wide margin.

The decline of class voting

Moreover, the social class foundation of economic Left and Right party competition has also shifted. A long-standing truism of political sociology, since the classic work of Seymour Martin Lipset and Stein Rokkan, is that working class voters tend to support the parties of the Left, and middle class voters those of the Right, throughout Western society.⁷⁶ This was an accurate description of reality around 1950, but the tendency has grown steadily weaker. The rise of cultural issues tends to neutralize social class-based political polarization. The social basis of support for the new policies of the Left has increasingly come from middle class sources-- but, at the same time, a substantial share of the working class has shifted their support to populist parties.

[Figure 6 here]

As Figure 6 demonstrates, social class voting declined markedly from 1950 to 1992. If 75 per cent of the working class voted for the Left, while only 25 per cent of the middle class did so, one would obtain a class voting index of 50. This is about where the Swedish electorate was located in 1948-- but by 1990 the index had fallen to 26. Norway, Sweden and Denmark have traditionally manifested the world's highest levels of social class voting, but they all showed sharply declining levels of social class voting during this period.⁷⁷ In the United States, Great Britain, France, and West Germany in the late 1940s and early-1950s, working class voters were more likely to support the Left than middle class voters, by margins ranging from 30 to 45 percentage points. By the 1980s, class voting had fallen to the lowest levels ever recorded in Britain, France, Sweden and West Germany. By the 1990s, social class voting in most democracies was less than half as strong as it was a generation earlier. In the U.S., it had fallen so low that there was virtually no room for further decline. Income and education had become much weaker indicators of the American public's political preferences than religiosity or one's stand on abortion or same-sex marriage: by wide margins, those who opposed abortion and same-sex marriage supported the Republican Presidential candidate over the Democratic candidate. The electorate had shifted from class-based polarization toward value-based polarization. Growing emphasis on cultural issues had strongly positive consequences—but it also drew attention away from the classic economic redistribution issues. From the 1930s to the 1970s, working class-oriented parties of the center Left had played a major role in Western countries, electing governments that implemented redistributive policies, from progressive

income taxes to health care and social security programs that reduced economic inequality and increased existential security. Emphasis on these programs faded.

IV: Analyzing mass support for European populist parties

What is the mass basis of support for populist parties and, in particular, what is the role of economic and cultural factors? To examine the cross-national evidence, we draw upon the pooled European Social Survey, covering the period 2002-2014. Table 2 presents the results of logistic regression models predicting voting for a populist party in the previous national election. Model A includes the demographic and social controls, including age, sex, education, religiosity, and belonging to an ethnic minority. Model B adds several indicators closely associated with economic inequality and social deprivation, including the Goldthorpe class schema, experience of unemployment, living on benefits, urbanization, and subjective economic insecurity (reported difficulty of living on current household incomes), all of which may predict populist support. Model C adds the cultural value scales associated with populist ideology, including attitudes towards immigration, global governance, trust in national governments, authoritarian values, and self-position on the left-right ideological scale. Model D presents the full model combining all variables, including interaction effects linking attitudes with economic insecurity.

The models highlight several main findings.

First, the results in Model A with controls confirm that several standard social and demographic factors are consistently associated with voting for populist parties. Age is a significant predictor of voting support, with younger voters proving less likely to vote for populist parties than older generations (see Figure 8). This provides some initial support to the cultural change argument emphasizing generation gaps. The consistent gender gap, documented in many previous studies, is also further confirmed here, with men proving more favorable towards populist parties than women. Education also proves significant, as expected, with populist parties winning greater support from the less educated sectors of the population (although this effect becomes insignificant later in models D and E). Strength of religiosity, a strong indicator of a wide range of traditional values, is also positively associated with voting for populists. Not surprisingly, given populist xenophobic rhetoric, members of ethnic minorities are less inclined to support these parties. In short, Populist support is greatest among the older generation, men, the less educated, ethnic majority populations, and the religious. It is also noteworthy that these relationships persist as stable across successive models. This confirms the profile found in earlier studies, although the exact reasons underlying these relationships remains unclear and open to alternative interpretations.⁷⁸

Educational effects, for example, could be attributed either to their role in determining subsequent life-chances, or to the values, knowledge, and cognitive skills typically acquired from formal schooling. These findings cannot by themselves definitively rule out either the economic insecurity argument or the cultural backlash thesis.

[Table 2 and Figures 8 and 9 about here]

Model B looks more directly at whether indicators of economic insecurity are associated with voting for populists, with the controls already discussed. The results of the analysis are mixed and inconsistent across alternative measures of economic insecurity. The Goldthorpe occupational class scheme is included in the model; here the results suggest that compared with Managers and Professionals (the default category), all other class strata are positively linked with support for populist parties. But, as early sociological theories suggested, the strongest populist support (according to the Beta coefficients) remains among the petty bourgeoisie – typically small proprietors like self-employed plumbers, or family-owned small businesses, and mom-and-pop shop-keepers - not among the category of low-waged, unskilled manual workers.⁷⁹ Figure 9 illustrates this pattern. In support of the thesis, experience of unemployment was linked positively with populist voting. Subjective insecurity (reported difficulties of living on current household incomes) was also significant in this model, although the effect reversed in Model C, once cultural attitudes were added. Moreover, contrary to the economic insecurity thesis, populists received significantly *less* support (not more) among those dependent on social benefits as the main source for their household income (defined as excluding pensions, to reduce contaminating with the age effects). Populist voting support was also concentrated in rural villages, rather than inner-city urban areas which typically have higher levels of resident foreigners and social deprivation. The overall fit of Model B does not improve much from Model A alone. Further tests, for example with a different occupational class schema, also suggest that the results are sensitive to the exact model specification rather than robust. In short, the economic insecurity thesis is only partially supported by this model – with unemployment the clearest socio-economic indicator of populist voting support.

Model C enters all the five cultural value scales expected to predict voting support for populist parties, including anti-immigrant attitudes, mistrust of global governance, mistrust of national governance, support for authoritarian values, and left-right ideological self-placement. All the cultural indicators are significantly linked with populist voting and the coefficients point in the expected direction. The fit of the model (measured by Nagelkerke R^2) also improves considerably from earlier models when these variables are added, although still relatively modest, and the controls remain consistent and stable.

In summary, Model C combining social controls and cultural attitudes provides a consistent and parsimonious account of populist voting in Europe.

To explore further, Model D tests the effects of combining the economic and cultural indicators, with controls. The results largely confirm the observations made following the earlier models. The demographic and social controls and the cultural attitudes remain stable predictors of populist support. The only major change to the economic variables is that the effects of economic insecurity reverse direction.

Finally, Model E tests the effects of adding all the variables discussed so far along with interaction effects for subjective insecurity (reported difficulties of living on household income) combined with each of the attitudinal scales. The aim of this model is to explore the claim that subjective economic insecurity helps to drive traditional attitudes which, in turn, strengthen support for populist parties. The results in Model E show that the control variables remain constant except for education, which becomes insignificant. Among all the interaction terms, populist support can only be attributed to a combination of economic insecurity and authoritarian values. The other interaction effects point in the incorrect direction or become insignificant. Moreover, Model E does not greatly improve the overall goodness of fit compared with Model C.

The analysis in Table 2 leads us to conclude that Model C provides the most satisfactory and parsimonious account. This suggests that the combination of several standard demographic and social controls (age, sex, education, religiosity and ethnic minority status) with cultural values can provide the most useful explanation for European support for populist parties. Their greatest support is concentrated among the older generation, men, the religious, majority populations, and the less educated -- sectors generally left behind by progressive tides of cultural value change. The electoral success of these parties at the ballot box can be attributed mainly to their ideological and issue appeals to traditional values.

U.S. Attitudes

Can similar factors explain support for Donald Trump in the 2016 U.S presidential elections? At this stage of the contest, it obviously remains too early to tell with any certainty. Nevertheless, evidence from the U.S. component of the 2011 World Values Survey (WVS), conducted long before the 2016 campaign, throws interesting light on potential support for populism in America. Well before the Trump phenomenon, a substantial education gap can be observed in American approval of authoritarian leaders. The WVS asked whether Americans approved of "*Having a strong leader who doesn't have to bother with congress or elections.*" Figure 10 shows a consistent education gap and there has been growing support

for this statement since 2005. By the most recent wave in 2011, almost half -- 44 percent -- of U.S. non-college graduates approved of having a strong leader unchecked by elections and Congress. Only 28 percent of college graduates did so.

(Figure 10 about here)

This is not an isolated finding or a quirk of fieldwork. If we examine some classic measures of tolerance towards sexual liberalization and value change – including towards homosexuality and abortion the less-educated show much lower levels of tolerance. The education gap also appears to widen slightly over time, suggesting that differences in cultural values and social tolerance have expanded, rather than shrunk. This initial evidence has to be treated as only indicative and incomplete at present, but it will be possible to examine the basis of support for Trump more closely after the November 2016 U.S. presidential elections, when evidence from such sources as the American National Election Study become available, along with long-term data from the 7th wave of the World Values Survey.

V: Conclusions and discussion

Extensive research indicates that since about 1970, affluent Western societies have seen growing emphasis on post-materialist and self-expression values among the younger birth cohorts and the better-educated strata of society. This has brought rising emphasis on such issues as environmental protection, increased acceptance of gender and racial equality, and equal rights for the LGBT community. This cultural shift has fostered greater approval of social tolerance of diverse lifestyles, religions, and cultures, multiculturalism, international cooperation, democratic governance, and protection of fundamental freedoms and human rights. Social movements reflecting these values have brought policies such as environmental protection, same sex marriage, and gender equality in public life to the center of the political agenda, drawing attention away from the classic economic redistribution issues. But the spread of progressive values has also stimulated a cultural backlash among people who feel threatened by this development. Less educated and older citizens, especially white men, who were once the privileged majority culture in Western societies, resent being told that traditional values are ‘politically incorrect’ if they have come to feel that they are being marginalized within their own countries. As cultures have shifted, a tipping point appears to have occurred.

The story of long-term cultural change in Western societies, and the emergence of new Green parties and progressive social movements building upon these values, is a familiar one widely documented in a long-series of previous studies.⁸⁰ During the era from 1970 to 1990, the main story was the rise of Post-materialist issues. In recent decades, however, in Western democracies the backlash against cultural

change has become increasingly prominent. Throughout advanced industrial society, massive cultural changes have been occurring that seem shocking to those with traditional values. Moreover, immigration flows, especially from lower-income countries, changed the ethnic makeup of advanced industrial societies. The newcomers speak different languages and have different religions and life styles from those of the native population—reinforcing the impression that traditional norms and values are rapidly disappearing. The evidence examined in this study suggests that the rise of populist parties reflects, above all, a reaction against a wide range of rapid cultural changes that seem to be eroding the basic values and customs of Western societies. Long-term processes of generational change during the late twentieth century have catalyzed culture wars, for these changes are particularly alarming to the less educated and older groups in these countries. It is not an either/or story, for the two sets of changes may reinforce each other in part—but the evidence in this study suggests that it would be a mistake to attribute the rise of populism directly to economic inequality alone. Psychological factors seem to play a more important role. Older birth cohorts and less-educated groups support populist parties and leaders that defend traditional cultural values and emphasize nationalistic and xenophobia appeals, rejecting outsiders, and upholding old-fashioned gender roles. Populists support charismatic leaders, reflecting a deep mistrust of the ‘establishment’ and mainstream parties who are led nowadays by educated elites with progressive cultural views on moral issues.

At the same time, the study suggests several directions for further research. It is important to conduct additional robustness tests, including using alternative models of voting for leftwing and rightwing populism, and using models of partisan affiliations with populist parties (not just voting), to replicate the results and see whether these lend further confidence to the main findings reported here. The pooled ESS from 2002-2014 allows sufficient cases to examine support for smaller parties, but this strategy does not account for dynamic patterns. Further cross-national time-series evidence also needs to be scrutinized, such as from the Eurobarometer series or national election studies, to examine longer-term trends in cultural attitudes and populist voting support since the early-1970s, establishing more convincing evidence of linkages theorized between *changes* in cultural values and *changes* in populist support in Europe. All of these steps would potentially provide additional insights into this phenomenon.

It is important to understand this topic since it is apparent that the consequences of the rise of populism continue to play out and they are likely to be profound. Populist forces have already proven decisive for the outcome of the British referendum on membership in the European Union in June 2016, with their leaders igniting anti-immigrant and nativist sentiments in England. The outcome has generated

a deep financial, political, and constitutional existential crisis within the United Kingdom. Britain's decision to withdraw from the EU threatens to reenergize populist forces across Europe. Support for populism also exists in the United States, which Donald Trump has been able to exploit. His rejection of "political correctness" seems particularly appealing to older, religious white traditionalists who find themselves left behind by growing support in America for such issues as same-sex marriage, rights for transsexuals, gender equality for women in politics, and immigration rights. Moreover the rejection of progressive values is embedded among the Republican base, not simply confined to the views of Donald Trump; for example, in 2016 the GOP platform is extreme in promising to promulgate strict traditionalist views of the family and child-rearing, homosexuality and gender, demanding that lawmakers use Christianity as a guide, encouraging the teaching of the bible in public schools, opposing same-sex marriage, disapproving of gay and transgender rights, barring military women in combat, declaring pornography a 'public health crisis'.⁸¹ These retro policies appeal deeply to those intolerant of progressive values – but this is a shrinking sector swimming against the tide of generational value change in the American electorate. If the cultural backlash argument is essentially correct, then this has significant implications; the growing generational gap in Western societies is likely to heighten the salience of the cultural cleavage in party politics in future, irrespective of any improvements in the underlying economic conditions or any potential slowdown in globalization. The orthogonal pull of cultural politics generates tensions and divisions within mainstream parties, as well as allowing new opportunities for populist leaders on the left and right to mobilize electoral support, although it still remains challenging for populist parties to build an organizational base and to sustain any temporary breakthroughs if they enter government coalitions and become part of the establishment. The net result is that Western societies face more unpredictable contests, anti-establishment populist challenges to the legitimacy of liberal democracy, and potential disruptions to long-established patterns of party competition.

Table 1: Dimensions of party competition in Europe

CHES Variable name	Description	Cultural cleavage	Economic cleavage
Galtan	Favor traditional values	.943	
Sociallifestyle	Opposes liberal social lifestyles	.923	
Nationalism	Promote nationalism	.918	
Civlib_laworder	Favors tough law and order	.916	
Multiculturalism	Against multiculturalism on immigrants	.904	
Immigrate_policy	Against immigration	.880	
Ethnic_minorities	Opposes rights for ethnic minorities	.864	
Religious_principle	Supports religious principles in politics	.787	
Urban_rural	Supports rural interests	.737	
Deregulation	Favors market deregulation		.956
Econ_interven	Opposed to state economic intervention		.925
Redistribution	Opposed to wealth redistribution		.894
Spendvtax	Favor cuts in taxes and services		.890

Notes: CHES 2014 expert survey of political party positions in 31 countries, including all EU member states plus Norway, Switzerland and Turkey, Dec 2014-Feb 2015. Factor analysis with rotated varimax with Kaiser Normalization.

Source: Ryan Bakker, Erica Edwards, Liesbet Hooghe, Seth Jolly, Gary Marks, Jonathan Polk, Jan Rovny, Marco Steenbergen, and Milada Vachudova. 2015. "2014 Chapel Hill Expert Survey." Version 2015.1. Available on chesdata.eu. Chapel Hill, NC: University of North Carolina, Chapel Hill.

Table 2: Models of voting for populist parties

	A: Controls			B: Controls + Economic security			C: Controls + Cultural Values			D: Combined model			E: Interaction model		
	Beta	SE	Sig	Beta	SE	Sig	Beta	SE	Sig	Beta	SE	Sig	Beta	SE	Sig
CONTROLS															
Age (years)	.007	.001	***	.006	.001	***	.005	.001	***	.004	.001	***	.004	.001	***
Sex (male)	.380	.021	***	.341	.022	***	.319	.022	***	.286	.023	***	.289	.023	***
Education	-.086	.008	***	-.062	.009	***	-.026	.008	***	-.011	.009	N/s	-.007	.009	N/s
Religiosity	.123	.004	***	.122	.004	***	.084	.004	***	.087	.004	***	.087	.004	***
Ethnic minority	-.952	.043	***	-.915	.069	***	-.760	.069	***	-.720	.070	***	-.731	.070	***
ECONOMIC INEQUALITY															
Routine non-manual				.180	.027	***				.221	.028	***	.217	.028	***
Petite bourgeoisie				.372	.032	***				.261	.033	***	.257	.033	***
Skilled manual worker				.243	.038	***				.280	.039	***	.271	.039	***
Unskilled manual worker				.217	.035	***				.225	.036	***	.219	.036	***
Unemployed (3 months+)				.082	.025	***				.150	.025	***	.150	.025	***
Live on social benefits				-.409	.067	***				-.304	.068	***	-.289	.068	***
Subjective economic insecurity				.025	.013	*				-.081	.014	***	-.080	.088	N/s
Urbanization				-.068	.031	***				-.077	.009	***	-.078	.027	***
CULTURAL VALUE SCALES															
Anti-immigration							.016	.001	***	.016	.001	***	.024	.001	***
Mistrust global governance							.005	.001	***	.005	.001	***	.007	.001	***
Mistrust national governance							.003	.001	***	.003	.001	***	.008	.002	***
Authoritarian values							.008	.001	***	.008	.001	***	-.003	.002	N/s
Rightwing self-placement							.314	.005	***	.314	.005	***	.306	.013	***
INTERACTION VAR															
Anti-immigration * EconInsecure													-.004	.001	***
Mistrust global gov * EconInsecure													-.001	.001	N/s
Mistrust natgov * EconInsecure													-.003	.001	***
Authoritarian * EconInsecure													.005	.001	***
Rightwing * EconInsecure													.003	.006	N/s
Constant	-3.7			-4.1			-4.8			-7.1			-7.1		
Nagelkerke R ²	.032			.036			.128			.128			.130		
% correctly predicted	94.5			94.5			94.6			94.5			94.5		

Notes: Logistic regression models predicting whether respondents voted for a populist party (1) or not (0). Sig *** .001, ** .01, * .05, N/s Not significant. Note that Managerial/Professional is the excluded occupational class category. Note that ‘Subjective economic insecurity’ is measured by whether respondent reported that it was comfortable or difficult to live on their present household income, using a 4-point scale where ‘very difficult’ was high.

Source: The European Social Survey Cumulative File Rounds 1-6 (ESS1-6). **N. 182217**

Figure 1: Heuristic model of party competition in Western societies

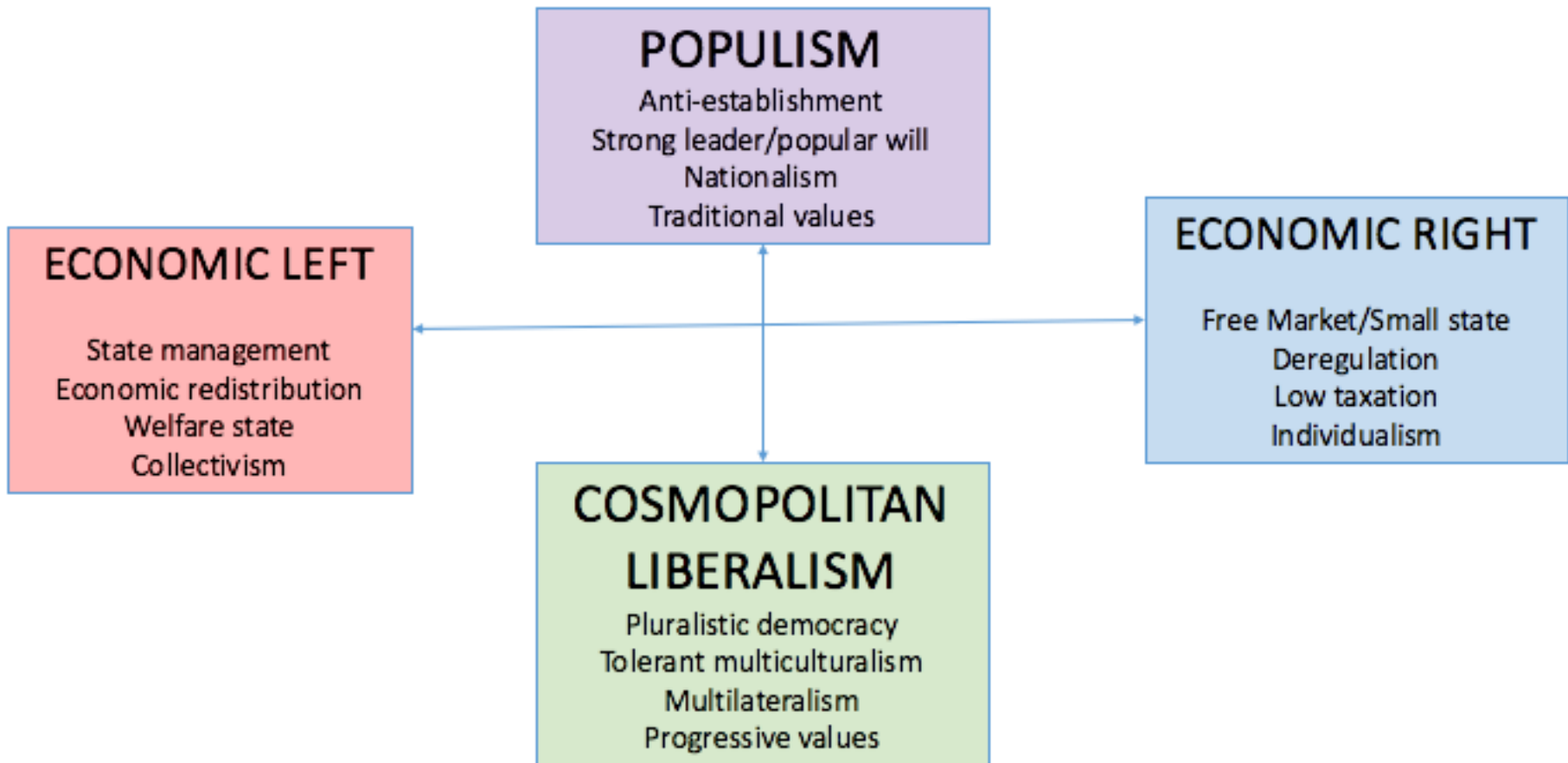
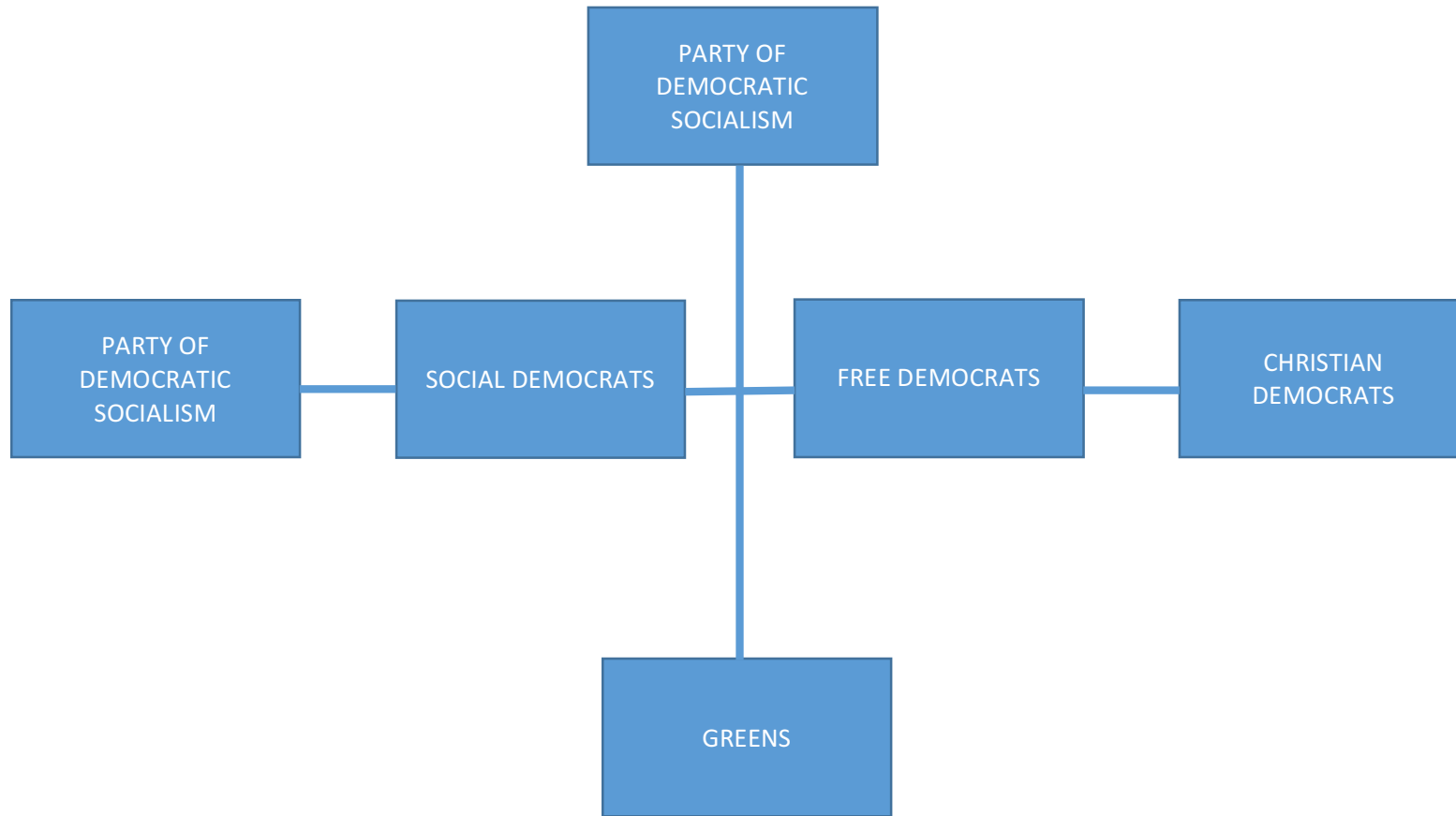
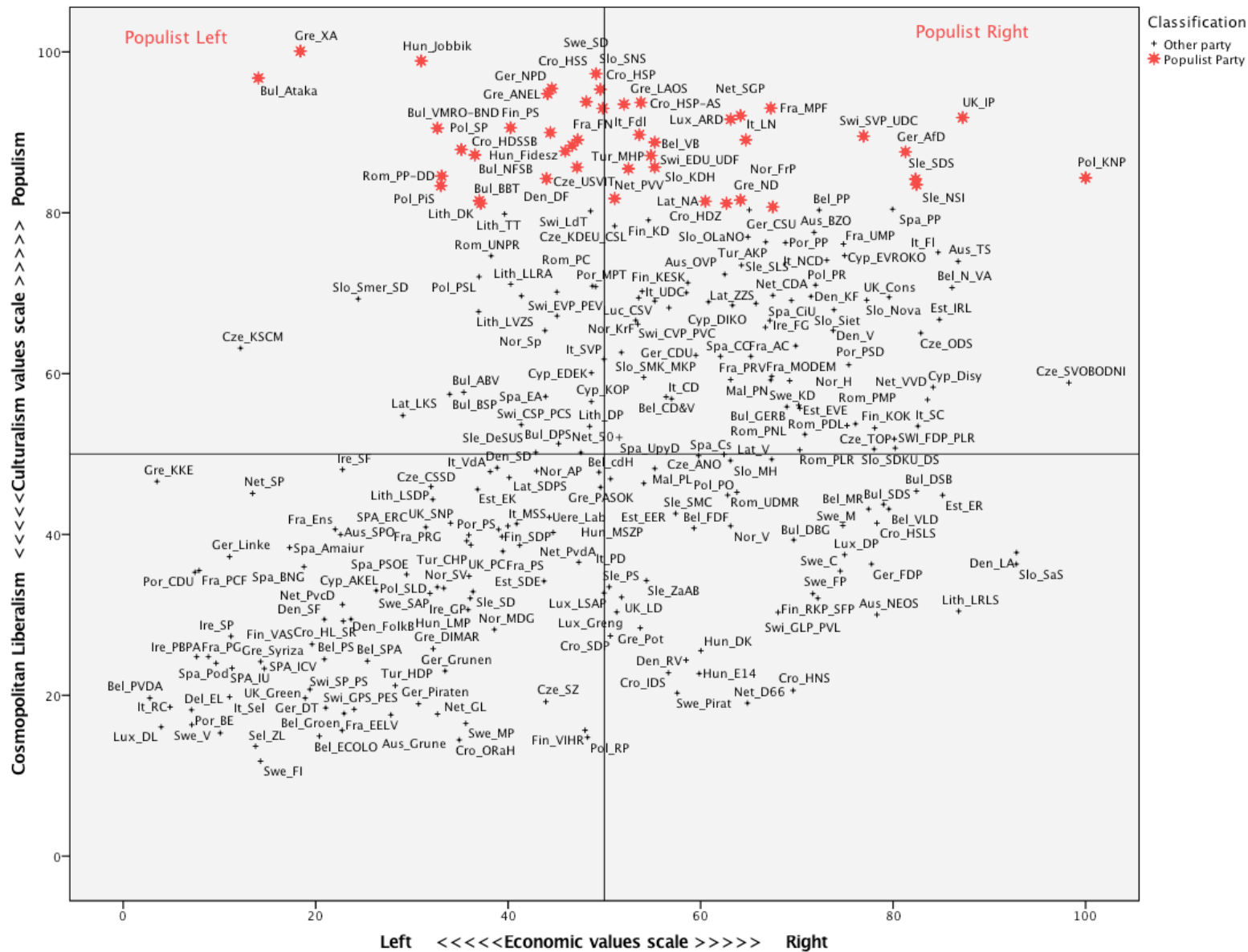


Figure 2. The Left-Right and the Cultural Value Cleavages illustrated in German party competition.



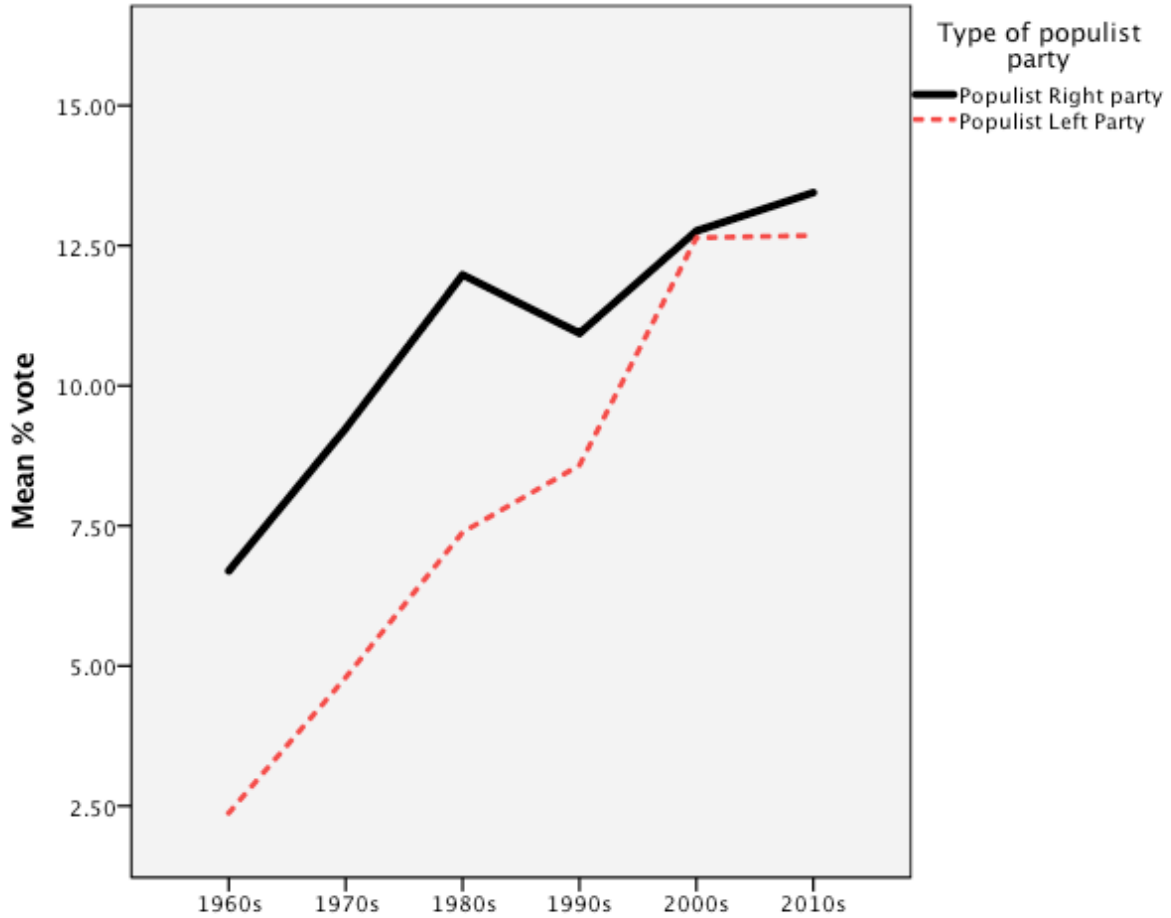
Source: Ronald Inglehart, 1997: *Modernization and Postmodernization: Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies*. Princeton: Princeton University Press. P.245 (originally Figure 8.3).

Figure 3: Classification of European political parties



Notes: For the scale components, see Table 1. Party scores on both dimensions are standardized to 100-point scales. Source: 2014 Chapel Hill Expert Survey

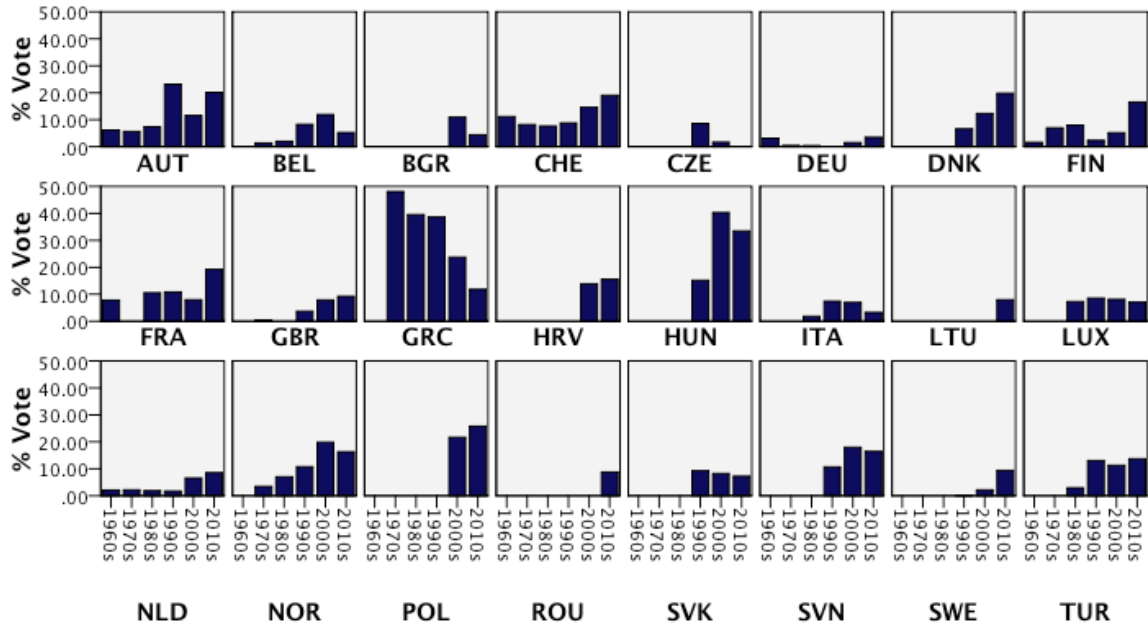
Figure 4: Mean vote share for populist parties in European societies



Note: The mean share of the vote won by Populist-Left and Populist-Right parties in national parliamentary and European parliamentary elections in 24 European societies. The classification of types of parties is based on the CHES dataset. See Table 1 for the indices.

Source: Calculated from Holger Döring and Philip Manow. 2016. *Parliaments and governments database* (ParlGov) 'Elections' dataset: <http://www.parlgov.org/>

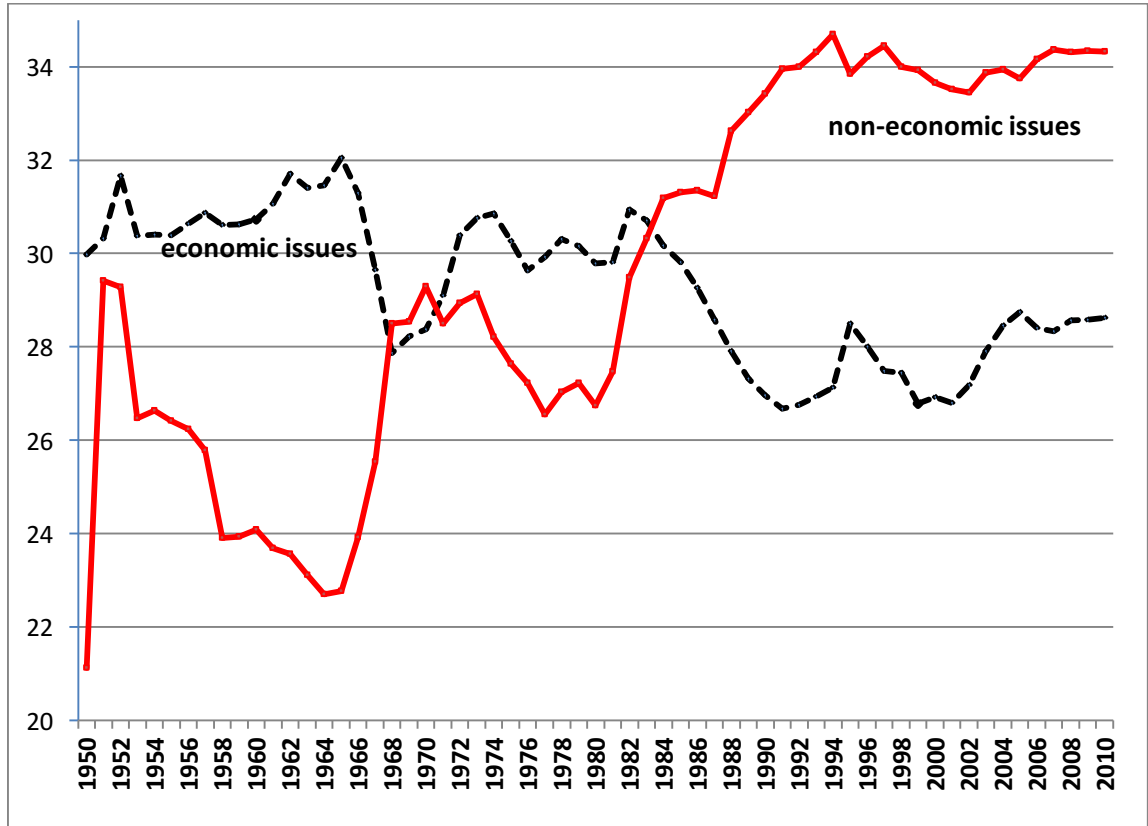
Figure 5: Voting support for populist parties by country, 1970-2016



Note: The mean share of the vote won by all types of populist parties in national parliamentary and European parliamentary elections in 24 European societies. The classification of types of parties is based on the Ches dataset. See Table 1 for the indices.

Source: Calculated from Holger Döring and Philip Manow. 2016. *Parliaments and governments database* (ParlGov) 'Elections' dataset: <http://www.parlgov.org/>

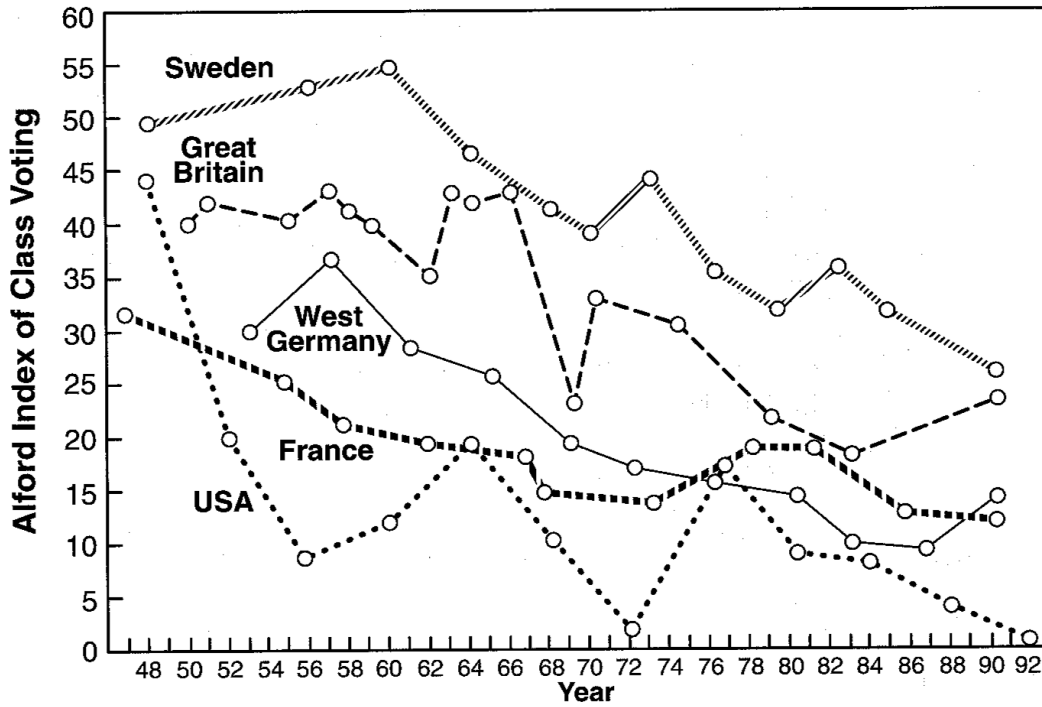
Figure 6. Rising salience of non-economic issues in the party manifestos of thirteen Western Democracies, 1950-2010



Notes: Scores on the vertical axis are calculated by counting the number of economic issues, and non-economic issues mentioned in each party’s electoral manifesto for the most recent election, weighted by each party’s share of the vote in that election, giving equal weight to each country.

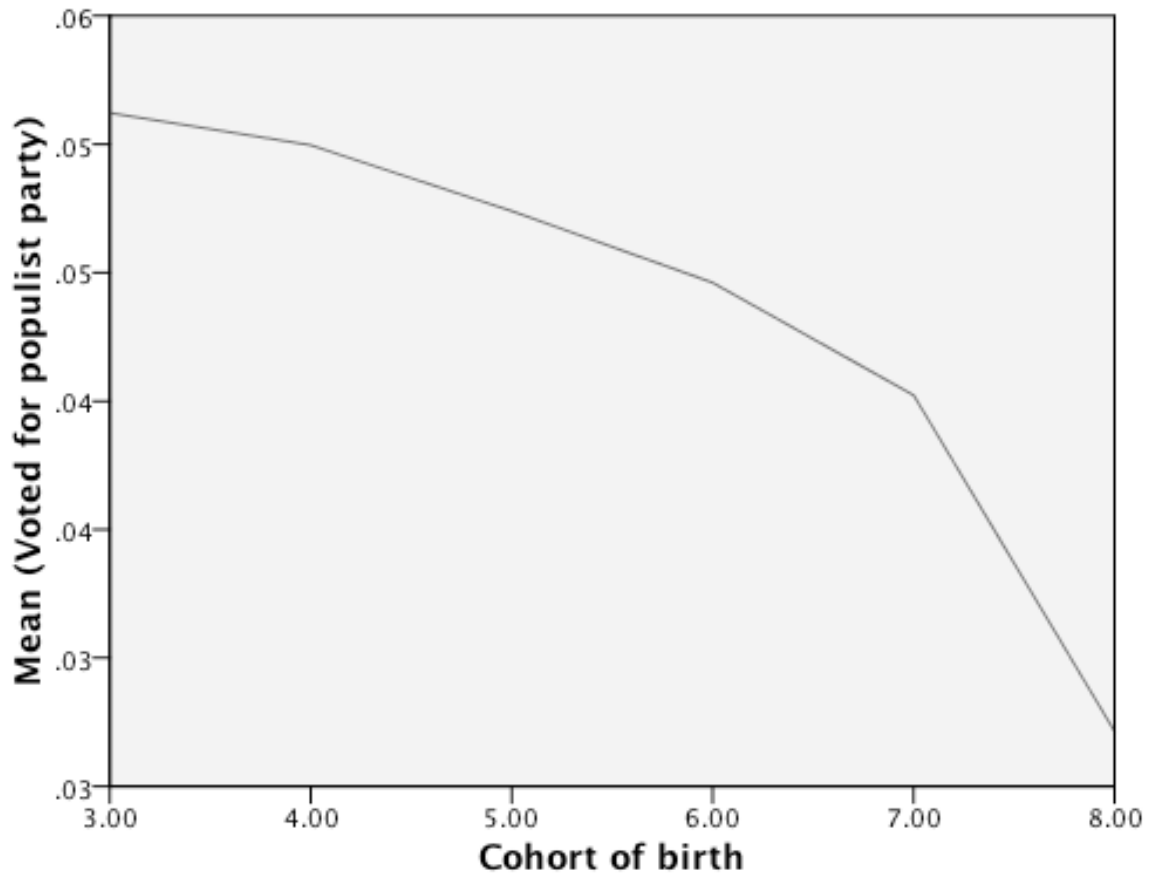
Source: Party Manifestos data from Austria, Belgium, Canada, Denmark, France, Germany, Ireland, Italy, Netherlands, Norway, Sweden, Switzerland and United States, in Zakharov (2013).

Figure 7. The trend in social class voting in five Western Democracies, 1947-1992.



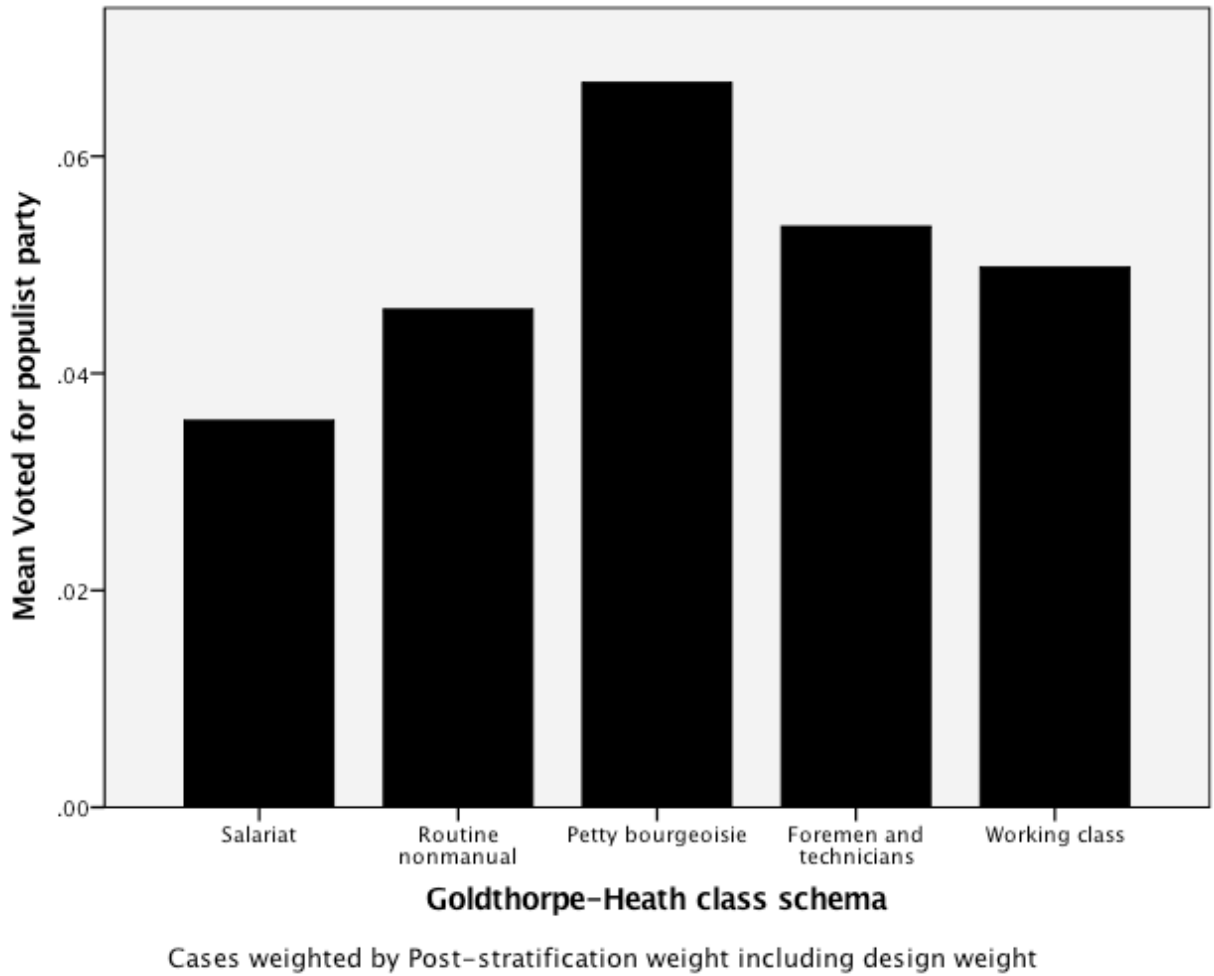
Source: Ronald Inglehart.1997. *Modernization and Postmodernization: Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies*. Princeton: Princeton University Press. p255.

Figure 8: Populist support by cohort



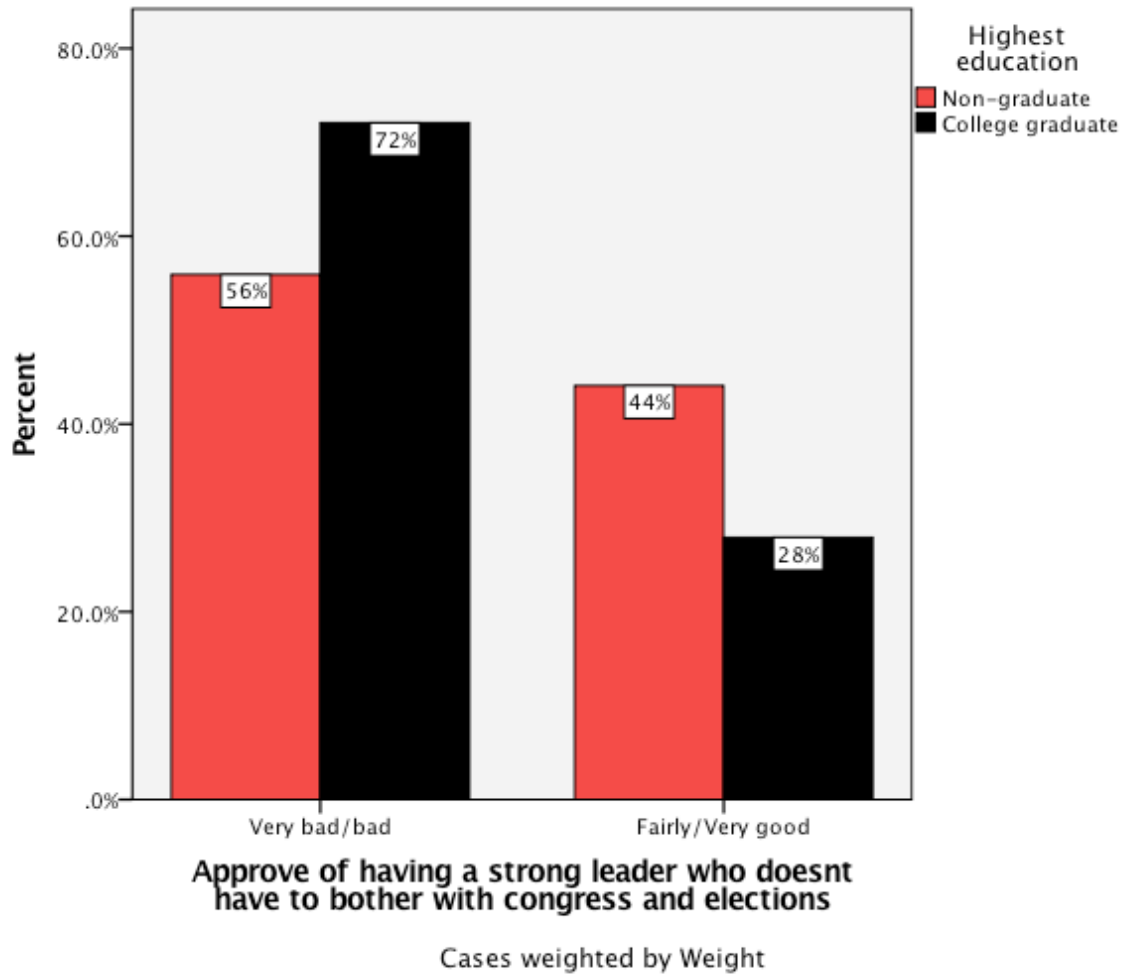
Source: ESS1-6, European Social Survey Cumulative File Rounds 1-6

Figure 9: Populist support by class



Source: ESS1-6, European Social Survey Cumulative File Rounds 1-6

Figure 10. The education gap in American approval of authoritarian leadership, 2011



Note: Q: “I’m going to describe various types of political systems and ask what you think about each as a way of governing this country. For each one, would you say it is a very good, fairly good, fairly bad or very bad way of governing this country? **Having a strong leader who does not have to bother with congress and elections.**” Proportion of Americans agreeing with either ‘Very/fairly bad or ‘very/fairly good’.

Source: World Values Survey, 6th wave (2011) www.worldvaluessurvey.org

Technical appendix A: Classification of Populist parties

Country	Party abbreviation	Name in English	Economic Left- Right party scale	Populism party scale	Classification
Austria	FPO	Freedom Party of Austria	53.6	89.7	Populist-Right
Belgium	VB	Flemish Block	54.8	87.1	Populist-Right
Bulgaria	ATAKA	Attack	14.0	96.7	Populist-Left
Bulgaria	VMRO-BND	Bulgarian National Movement	32.6	90.5	Populist-Left
Bulgaria	NFSB	National Front for the Salvation of Bulgaria	36.5	87.2	Populist-Left
Bulgaria	BBT		37.2	81.2	Populist-Left
Croatia	HSS	Croatian Peasants Party	44.4	90.0	Populist-Left
Croatia	HDSSB	Croatian Democratic Alliance of Slavonia and Baranja	46.7	88.4	Populist-Left
Croatia	HSP	Croatian Party of Rights	49.6	95.3	Populist-Left
Croatia	HSP-AS	Croatian Party of Rights – Dr. Ante Starcevic	53.8	93.7	Populist-Right
Croatia	HDZ	Croatian Democratic Union	62.7	81.2	Populist-Right
Czech Rep	USVIT	Freedom Union	47.2	85.7	Populist-Left
Denmark	DF	Danish People's Party	44.0	84.3	Populist-Left
Finland	Sp-P	Finnish Party-True Finns	40.2	90.6	Populist-Left
France	FN	National Front	47.2	89.1	Populist-Left
France	MPF	Popular Republican Movement	67.3	93.0	Populist-Right
Germany	NPD	National Democratic Party	44.5	95.4	Populist-Left
Germany	AfD	Alternative for Germany	81.3	87.6	Populist-Right
Greece	XA	Golden Dawn	18.4	100.1	Populist-Left
Greece	ANEL	Independent Greeks	44.1	94.8	Populist-Left
Greece	LAOS	Popular Orthodox Rally	52.0	93.5	Populist-Right
Greece	ND	New Democracy	64.1	81.6	Populist-Right
Greece	Syriza	Syriza			Populist-Left
Hungary	JOBBIK	Jobbik Movement for a Better Hungary	31.0	98.9	Populist-Left
Hungary	Fidesz	Fidesz Hungarian Civic Union	45.9	87.7	Populist-Left
Italy	Fdl	Brothers of Italy	49.8	93.0	Populist-Left
Italy	LN	Northern League	64.7	89.1	Populist-Right
Italy	M5S	Five Star Movement			
Latvia	NA	National Alliance	60.5	81.4	Populist-Right
Lithuania	DK	The Way of Courage	37.0	81.5	Populist-Left
Luxembourg	ADR	Alternative Democratic Reform	63.1	91.6	Populist-Right
Netherlands	PVV	Party for Freedom	51.1	81.8	Populist-Right
Netherlands	SGP	Political Reformed Party	64.1	92.1	Populist-Right
Norway	FrP	Progress Party	67.5	80.7	Populist-Right
Poland	PiS	Law and Justice	33.0	83.4	Populist-Left
Poland	SP	United Poland	35.1	87.9	Populist-Left
Poland	KNP	Congress of the New Right	101.0	84.3	Populist-Right
Romania	PP-DD	People's Party – Dan Diaconescu	33.1	84.6	Populist-Left
Slovenia	SDS	Slovenian Democratic Party	82.3	84.2	Populist-Right
Slovenia	NSI	New Slovenia – Christian People's Party	82.4	83.5	Populist-Right
Slovakia	SNS	Slovak National Party	49.1	97.3	Populist-Left
Slovakia	KDH	Christian Democratic Movement	55.2	85.7	Populist-Right
Spain		Podemos			Populist-Left
Sweden	SD	Sweden Democrats	48.1	93.8	Populist-Left
Switzerland	EDU/UDF	Federal Democratic Union of Switzerland	55.2	88.8	Populist-Right
Switzerland	SVP/UDC	Swiss People's Party	76.9	89.5	Populist-Right
Turkey	MHP	National Action Party	52.5	85.5	Populist-Right
United Kingdom	UKIP	UK Independence Party	87.2	91.8	Populist-Right
United Kingdom	NF	National Front			Populist-Right
United Kingdom	BNP	British National Party			Populist-Right

Source: Calculated from the 2014 Chapel Hill Expert Survey (CHES)

Technical appendix B: The variables and coding used in the multivariate analysis

ESS 1-6 variable	Question topic	Study coding
PARTY PREFERENCES		
Prvtcat	Party voted for a populist party in last general election in each country	Voted for a populist party (1) or not (0)
Clsppty	Feel closer to a populist party than all other parties	Close to a populist party (1) or not (0)
SOCIAL AND DEMOGRAPHIC CONTROLS		
Eduvlva	Highest level of education, ES – ISCED	Categories from low (1) to high (5)
agea	Age of respondent	In years
rlgdgr	Strength of religiosity	Low (0) to High (10)
Malesex	Sex	Male (1) Female (0)
Ethnic	Belong to minority ethnic group in country	Ethnic minority (1), not (0)
ECONOMIC INEQUALITY		
Hincsrca	Social benefits are the main source of household income	Unemployment/redundancy benefits or Any other social benefits or grants (1)/ Else (eg wages)=0.
Hincfel	Subjective economic insecurity: Reported difficulties about living on household's income	4-pt scale from 'Living comfortably on present income' (1) to 'Very difficult on present income' (4)
Uemp3m	Ever been unemployed for more than 3 months	Yes (1), No (0)
Class	ISCOCO Occupation recoded into the Goldthorpe class schema (Manager is the default category excluded in models)	Manager/prof (1), Lower managerial (2), Petty bourgeoisie(3), Skilled worker (4), Unskilled worker (5)
Urbanization	Urbanization scale	Big city (5), Suburb (4), Town (3), Village (2), Rural (1)
CULTURAL ATTITUDES		
Anti-Immigration scale	Imbgeco, imueclt, imwbcnt	Scale 0-100
imbgeco	Immigration bad or good for country's economy	Scale 0-10
imueclt	Country's cultural life undermined or enriched by immigrants	Scale 0-10
imwbcnt	Immigrants make country worse or better place to live	Scale 0-10
Mistrust of global governance	Trstun, trstep	Scale 0-100
trstun	Trust in the United Nations	Scale 0-10
trstep	Trust in the European Parliament	Scale 0-10

ESS 1-6 variable	Question topic	Study coding
Mistrust of national governance	Trstplt,stfgov,stfdem	Scale 0-100
trstplt	Trust in politicians	Scale 0-10
stfgov	How satisfied with the national government	Scale 0-10
stfdem	How satisfied with the way democracy works in country	Scale 0-10
Authoritarian values	Importance of obey, safe, rules, strong government, tradition.	Scale 0-100
Safe	Important to life in secure and safe surroundings	Scale 1-6
Rules	Important to do what is told and follow rules	Scale 1-6
Behave	Important to behave properly	Scale 1-6
Stgov	Important that government is strong and ensures safety	Scale 1-6
Trad	Important to follow traditions and customs	Scale 1-6
Rightwing ideology scale	Rightwing self-placement on the left-right ideological scale	Left (0) to right (10),

Notes: Items were selected to be consistent across all rounds of the survey, unless otherwise noted. Scales were summed from each of the relevant items and standardized to 100-points for ease of comparison.

Source: ESS1-6, European Social Survey Cumulative File Rounds 1-6

Technical appendix C: Descriptive statistics and distribution of all variables

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
CONTROLS					
Age of respondent, calculated years	292,463	14	99	45.53	18.560
Sex (1=men, 0=women)	293,570	.00	1.00	.4813	.49965
Highest education, low to high	292,120	1.00	5.00	3.0414	1.33303
Member of ethnic minority	293,856	.00	1.00	.0600	.23742
Strength of religiosity	291,072	0	10	4.77	2.978
ECONOMIC INSECURITY					
Class: Routine Non-Manual	293,856	.00	1.00	.2562	.43655
Class: Petty bourgeoisie	293,856	.00	1.00	.1136	.31736
Class: Skilled manual	293,856	.00	1.00	.0910	.28768
Class: Unskilled manual	293,856	.00	1.00	.1362	.34305
Experience of unemployment	293,856	.00	1.00	.2600	.43862
Main household income: state benefits	293,856	.00	1.00	.0394	.19461
Feeling about household's income	286,189	1	4	2.10	.892
Urbanization	292,891	1	5	2.87	1.228
CULTURAL VALUES					
Anti-Immigration scale	264,585	.00	99.00	49.8010	21.25399
Mistrust of Global governance scale	246,837	.00	100.00	48.0717	23.37193
Mistrust of national governance	269,430	.00	99.00	42.1833	20.69676
Authoritarian values scale	272,694	16.50	99.00	72.5757	14.35910
Placement on left right scale	248,697	0	10	5.16	2.205
Valid N (listwise)	183,237				

Source: ESS1-6, European Social Survey Cumulative File Rounds 1-6

Note: The authors are most grateful for Holger Döring for access to the updated ParlGiv dataset and to Alessandro Nai, Anaid Flesken and Mark Franklin for comments on an earlier draft of the paper.

¹ Cas Mudde. 2013. 'Three decades of populist radical right parties in Western Europe: So what?' *European Journal of Political Research* 52: 1-19; Cas Mudde. 2014. 'Fighting the system? Populist radical right parties and party system change.' *Party Politics*. 20(2): 217-226.

² S.L. De Lange 2012 'New alliances: why mainstream parties govern with radical right-wing populist parties.' *Political Studies* 60:899–918

³ Calculated from Holger Döring and Philip Manow. 2016. *Parliaments and governments database* (ParlGov) 'Elections' dataset: <http://www.parlgov.org/>

⁴ See, for example, overviews of the literature in Hans-Georg Betz. 1994. *Radical Rightwing Populism in Western Europe*. New York: St Martin's Press; Piero Ignazi. 2003. *Extreme right parties in Western Europe*. New York: Oxford University Press; Herbert Kitschelt with Anthony J. McGann. 1995. *The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis*. Ann Arbor: University of Michigan; Pippa Norris. 2005. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market*. New York: Cambridge University Press; Cas Mudde. 2007. *Populist Radical Right Parties in Europe*. NY: Cambridge University Press; Ruth Wodak, Majid Khosravi-Nik and Brigitte Mral. Eds. 2013. *Right-Wing Populism in Europe*. London: Bloomsbury; Carlos de la Torre. Ed. 2015. *The Promise and Perils of Populism: Global Perspectives*. Lexington, KY: University of Kentucky Press; Matt Golder. 2016. 'Far Right Parties in Europe.' *Annual Review of Political Science* 19:477-97.

⁵ See, for example, Thomas Piketty. 2014. *Capital*. Cambridge, MA: Bellnap Press; Jacob Hacker. 2006. *The Great Risk Shift: The New Economic Insecurity and the Decline of the American Dream* NY: Oxford University Press.

⁶ Ronald Inglehart. 1977. *The Silent Revolution*. Princeton: Princeton University Press.

⁷ Ronald Inglehart. 1990. *Cultural Shift in Advanced Industrial Society*. Princeton: Princeton University; Ronald Inglehart. 1997. *Modernization and Postmodernization: Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies*. Princeton: Princeton University Press; Ronald Inglehart and Christian Welzel, 2005. *Modernization, Cultural Change and Democracy: The Human Development Sequence*. New York: Cambridge University Press; Pippa Norris and Ronald Inglehart. 2011. *Sacred and Secular*. NY: Cambridge University Press.

⁸ Ronald Inglehart. 1990. *Cultural Shift in Advanced Industrial Society*. Princeton: Princeton University; Ronald Inglehart. 1997. *Modernization and Postmodernization: Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies*. Princeton: Princeton University Press.

⁹ Pippa Norris. 2005. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market*. New York: Cambridge University Press

¹⁰ Pippa Norris. 11 March 2016. 'Its not just Donald Trump: Authoritarian populist is rising across the West. Here's Why.' *Washington Post/Monkey Cage*. Estimates calculated from <http://edition.cnn.com/election/primaries/polls>

¹¹ Cas Mudde. 26 August 2015. 'The Trump phenomenon and the European populist radical right.' *Monkey Cage/Washington Post*. <https://www.washingtonpost.com/blogs/monkey-cage/wp/2015/08/26/the-trump-phenomenon-and-the-european-populist-radical-right/>

¹² Karen Remmer. 2012. 'The rise of leftist-populist governance in Latin America: The roots of electoral change.' *Comparative Political Studies*, 45: 947-972.

¹³ European Council on Foreign Relations. 2016. *The World According to Europe's Insurgent Parties*. London: European Council on Foreign Relations. www.ecfr.eu

¹⁴ Cas Mudde. 2007. *Populist Radical Right Parties in Europe*. NY: Cambridge University Press.

¹⁵ Cas Mudde. 2007. *Populist Radical Right Parties in Europe*. NY: Cambridge University Press.

¹⁶ Margaret Canovan, 1981. *Populism*. New York: Harcourt, Brace, Jovanovich; Robert Barr. 2009. 'Populists, outsiders and anti-establishment politics.' *Party Politics* 15(1): 29-48.

- ¹⁷ D. Albertazzi & D. McDonnell (Eds.), *Twenty-first century populism: The spectre of Western European democracy*. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan; Yves Mény, and Y. Surel, Y. 2002. *Democracies and the populist challenge*. Basingstoke, UK: Palgrave; A. Zaslove. 2008. 'Here to stay? Populism as a new party type.' *European Review* 16: 319-336.
- ¹⁸ For useful discussions of the concept, see Ulf Hannerz. 1990. 'Cosmopolitans and locals in world culture.' In *Global Culture: Nationalism, globalization and modernity*. Ed. Mike Featherstone. London: Sage; John Tomlinson. *Globalization and Culture*. Chicago: University of Chicago Press; Steven Vertovec and Robin Cohen. Eds. 2002. *Conceiving Cosmopolitanism: Theory, Context and Practice*. Oxford: Oxford University Press.
- ¹⁹ Robert Merton. 1957. *Social Theory and Social Structure*. Glencoe, IL: Free Press.
- ²⁰ Herbert Kitschelt, 1997. *The radical right in Western Europe: A comparative analysis*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.
- ²¹ Carlos de la Torre. Ed. *The Promise and Perils of Populism: Global Perspectives*. Lexington, KT: University of Kentucky Press; Karen Remmer. 2012. 'The rise of leftist-populist governance in Latin America: The roots of electoral change.' *Comparative Political Studies*, 45: 947-972; Erdem S. Aytac and Ziva Onis. 2014. 'Varieties of populism in a changing global context: The divergent paths of Erdogan and Kirchnerismo.' *Comparative Politics* 47(1): 41-49.
- ²² Klaus Van Beyme. 1985. *Political Parties in Western Democracies*. New York: St. Martin's Press.
- ²³ https://www.washingtonpost.com/opinions/trumps-many-bigoted-supporters/2016/04/01/1df763d6-f803-11e5-8b23-538270a1ca31_story.html
- ²⁴ <http://www.wsj.com/articles/president-obama-created-donald-trump-1457048679>
- ²⁵ <http://nymag.com/daily/intelligencer/2016/05/donald-trump-is-the-tea-party.html>. Theda Skocpol and V. Williamson. 2012. *The Tea Party and The Remaking of Republican Conservatism*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- ²⁶ Pippa Norris. 2005. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market*. New York: Cambridge University Press.
- ²⁷ For example, Arend Lijphart. 1994. *Electoral Systems and Party Systems*. Oxford: Oxford University Press; Pippa Norris. 2005. *Electoral Engineering*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ²⁸ See, in particular, Herbert Kitschelt with Anthony J. McGann. 1995. *The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis*. Ann Arbor: University of Michigan
- ²⁹ Pippa Norris. 2005. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market*. New York: Cambridge University Press; Agnes Akkerman, Cas Mudde, and Andrej Zaslove. 2014. 'How Populist Are the People? Measuring Populist Attitudes in Voters.' *Comparative Political Studies* 47:1324-53 Mark Elchardus, and Bram Spruyt. 2016. 'Populism, Persistent Republicanism and Declinism: An Empirical Analysis of Populism as a Thin Ideology.' *Government & Opposition* 51:111-33.
- ³⁰ Seymour Martin Lipset. 1960. *Political Man: The Social Basis of Politics*. New York: Doubleday; Daniel Bell. Ed. *The Radical Right*. 3rd ed. New Brunswick, NJ: Transaction Publisher (first published in 1955 as *The New America Right*, subsequently expanded in the 2nd edition in 1963).
- ³¹ Seymour Martin Lipset. 1960. *Political Man: The Social Basis of Politics*. New York: Doubleday Chapters 4 and 5. p.175. See also Daniel Bell. Ed. *The Radical Right*. 3rd ed. New Brunswick, NJ: Transaction Publisher (first published in 1955 as *The New America Right*, subsequently expanded in the 2nd edition in 1963); W. Sauer. 1967. 'National Socialism: Totalitarianism or fascism?' *American Historical Review* 73(4): 404-424.
- ³² See, for example, G. Esping-Anderson. 1990. *The Three Worlds of Welfare Capitalism*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- ³³ Hans-Georg Betz. 1994. *Radical Rightwing Populism in Western Europe*. New York: St Martin's Press. Chapters 1 and 5; Piero Ignazi. 2003. *Extreme right parties in Western Europe*. New York: Oxford University Press. See also Herbert Kitschelt with Anthony J. McGann. 1995. *The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis*. Ann

Arbor: University of Michigan. Table 2.11; J.G. Anderson and T. Bjorkland. 1990. 'Structural changes and new cleavages: The Progress Parties in Denmark and Norway.' *Acta Sociologica*. 33(3): 195-217.

³⁴ Thomas Piketty. 2014. *Capital*. Cambridge, MA: Bellnap Press.

³⁵ Simon Bornschier. 2010. *Cleavage Politics and the Populist Right: The New Cultural Conflict in Western Europe*. Philadelphia: Temple University Press.

³⁶ See Ronald F. Inglehart. 2016. 'Modernization, existential security and cultural change: Reshaping human motivations and society.' In M. Gelfand, C.Y. Chiu & Y-Y Hong. (Eds.) *Advances in Culture and Psychology*. New York: Oxford University Press.

³⁷ Pippa Norris and Ronald Inglehart. 2011. *Sacred and Secular*. 2nd Ed. NY: Cambridge University Press.

³⁸ Michael Keating and David McCrone (Editors). 2015. *The Crisis of Social Democracy*. Edinburgh: University of Edinburgh Press.

³⁹ Russell J. Dalton and Martin Wattenberg. 2002. *Parties without Partisans: Political Change in Advanced Industrial Democracies*. NY: Oxford University Press.

⁴⁰ Hans-Georg Betz. 1994. *Radical Rightwing Populism in Western Europe*. New York: St Martin's Press.

⁴¹ Michael Hirsh. 28 Feb 2016. 'Why Trump and Sanders were inevitable.' *Politico Magazine* <http://www.politico.com/magazine/story/2016/02/why-donald-trump-and-bernie-sanders-were-inevitable-213685>; *The Economist*. 2 April 2016. 'European Social Democracy: Rose thou art sick.' <http://www.economist.com/news/briefing/21695887-centre-left-sharp-decline-across-europe-rose-thou-art-sick>

⁴² Seymour Martin Lipset. 1960. *Political Man: The Social Basis of Politics*. New York: Doubleday; Hans-Georg Betz. 1994. *Radical Rightwing Populism in Western Europe*. New York: St Martin's Press; Marcel Lubbers, Mérove Gijsberts, and Peer Scheepers, 2002. 'Extreme right-wing voting in Western Europe.' *European Journal of Political Research* 41 (3): 345-378. Table 4.

⁴³ Marcel Lubbers, Mérove Gijsberts, and Peer Scheepers, 2002. 'Extreme right-wing voting in Western Europe.' *European Journal of Political Research* 41 (3): 345-378. See also Marcel Lubbers and Peers Scheepers. 2001. 'Explaining the trend in extreme right-wing voting: Germany 1989-1998.' *European Sociological Review* 17 (4): 431-449; Pia Knigge. 1998. 'The ecological correlates of right-wing extremism in Western Europe.' *European Journal of Political Research* 34:249-79.

⁴⁴ Oskar Niedermayer. 1990. 'Sozialstruktur, politische Orientierungen und die Uterstutzung extrem rechter Parteien in Westeuropa.' *Zeitschrift fur Parlamentsfragen* 21(4): 564-82; Herbert Kitschelt with Anthony J. McGann. 1995. *The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis*. Ann Arbor: University of Michigan. Table 2.11.

⁴⁵ Ibid p147.

⁴⁶ Cas Mudde. 2007. *Populist Radical Right Parties in Europe*. NY: Cambridge University Press. Chapter 5.

⁴⁷ Ronald Inglehart. 1990. *Cultural Shift in Advanced Industrial Society*. Princeton: Princeton University; Ronald Inglehart. 1997. *Modernization and Postmodernization: Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies*. Princeton: Princeton University Press; Ronald Inglehart and Pippa Norris, 2004. *Rising Tide: Gender Equality in Global Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press. Ronald Inglehart and Christian Welzel, 2005. *Modernization, Cultural Change and Democracy: The Human Development Sequence*. New York: Cambridge University Press.

⁴⁸ Pippa Norris and Ronald Inglehart. 2009. *Cosmopolitan Communications*. NY: Cambridge University Press.

⁴⁹ Ronald Inglehart. 1971. 'The silent revolution in Europe: Intergenerational change in post-industrial societies.' *American Political Science Review* 65(4): 991-1017.

⁵⁰ Ronald F. Inglehart, 2008. 'Changing Values among Western Publics, 1970-2006: Post-materialist Values and the Shift from Survival Values to Self- Expression Values.' *West European Politics* 31(1-2): 130-46.

-
- ⁵¹ Ronald F. Inglehart, 1997 *Modernization and Postmodernization: Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies*. Princeton: Princeton University Press.
- ⁵² For details, see <http://www.worldvaluessurvey.org/>
- ⁵³ Pippa Norris. Ed. *Critical Citizens*. NY: Oxford University Press; Pippa Norris. 2011. *Democratic Deficit*. New York: Cambridge University Press.
- ⁵⁴ Ronald Inglehart. 1990. *Cultural Shift in Advanced Industrial Society*. Princeton: Princeton University; Ronald Inglehart. 1997. *Modernization and Postmodernization: Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies*. Princeton: Princeton University Press; Ronald Inglehart and Christian Welzel, 2005. *Modernization, Cultural Change and Democracy: The Human Development Sequence*. New York: Cambridge University Press; Pippa Norris and Ronald Inglehart. 2011. *Sacred and Secular*. NY: Cambridge University Press.
- ⁵⁵ Ronald Inglehart. 1997. *Modernization and Postmodernization: Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies*. Princeton: Princeton University Press; Ronald Inglehart and Christian Welzel, 2005. *Modernization, Cultural Change and Democracy: The Human Development Sequence*. New York: Cambridge University Press.
- ⁵⁶ Ronald Inglehart and Pippa Norris. 2003. *Rising Tide*. NY: Cambridge University Press.
- ⁵⁷ Terri E. Givens. 2004. 'The radical right gender gap.' *Comparative Political Studies* 37 (1): 30-54.
- ⁵⁸ For a discussion, see Hans-Georg Betz. 1994. *Radical Rightwing Populism in Western Europe*. New York: St Martin's Press. Chapter 3; Roger Karapin. 2002. 'Far right parties and the construction of immigration issues in Germany.' In *Shadows Over Europe: The Development and Impact of the Extreme Right in Western Europe*. Eds. Martin Schain, Aristide Zolberg, and Patrick Hossay. Houndsmill: Palgrave Macmillan; Rachel Gibson, Ian McAllister, and T. Swenson. 2002. 'The politics of race and immigration in Australia: One Nation voting in the 1998 Election.' *Ethnic and Racial Studies* 25 (5): 823-844; Cas Mudde. 1999. 'The single-issue party thesis: Extreme right parties and the immigration issue.' *West European Politics*. 22(3):182-197; R.A. DeAngelis. 2003. 'A rising tide for Jean-Marie, Jorg, and Pauline? Xenophobic populism in comparative perspective.' *Australian Journal of Politics and History* 49 (1): 75-92; Rachel Gibson. 2002. *The Growth of Anti-Immigrant Parties in Western Europe*. Lewiston, NY: The Edwin Mellen Press; Rachel Gibson. 1995. 'Anti-immigrant parties: The roots of their success.' *Current World Leaders* 38(2):119-30.
- ⁵⁹ See, for example, Jeff Crisp. 2003. 'The closing of the European gates? The new populist parties of Europe.' In Sarah Spencer. Ed. 2003. *The Politics of Migration*. Oxford: Blackwell; Grete Brochmann and Tomas Hammar. Eds. 1999. *Mechanisms of immigration control: a comparative analysis of European regulation policies*. New York: Berg.
- ⁶⁰ For a discussion, see Thomas F. Pettigrew.1998. 'Reactions toward the new minorities of Western Europe.' *Annual Review of Sociology* 24:77-103; Rachel Gibson. 2002. *The Growth of Anti-Immigrant Parties in Western Europe*. Lewiston, NY: The Edwin Mellen Press; Herbert Kitschelt, with Anthony J. McGann. 1995. *The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis*. Ann Arbor: University of Michigan; Marcel Lubbers, Mérove Gijsberts, and Peer Scheepers, 2002. 'Extreme right-wing voting in Western Europe.' *European Journal of Political Research* 41 (3): 345-378; Pippa Norris. 2005. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market*. New York: Cambridge University Press.
- ⁶¹ Pierre Ignazi. 1992. 'The silent counter-revolution: hypotheses on the emergence of extreme right-wing parties in Europe.' *European Journal of Political Research* 22:3-34; Pierre Ignazi. 2003. *Extreme Right Parties in Western Europe*. Oxford: Oxford University Press.
- ⁶² Simon Bornschier. 2010. *Cleavage Politics and the Populist Right: The New Cultural Conflict in Western Europe*. Philadelphia: Temple University Press.
- ⁶³ L. Bustikova. 2014. 'Revenge of the radical right.' *Comparative Political Studies* 47:1738-65.
- ⁶⁴ L.M. McLaren, L.M., 2002. 'Public support for the European Union: cost/benefit analysis or perceived cultural threat?' *Journal of Politics*, 64(2): 551-566.
- ⁶⁵ John Curtice. 2015. 'A Question of Culture or Economics? Public Attitudes to the European Union in Britain.' *Political Quarterly* 87(2): 209-218.

-
- ⁶⁶ Ryan Bakker, Erica Edwards, Liesbet Hooghe, Seth Jolly, Gary Marks, Jonathan Polk, Jan Rovny, Marco Steenbergen, and Milada Vachudova. 2015. "2014 Chapel Hill Expert Survey." Version 2015.1. Available on chesdata.eu. Chapel Hill, NC: University of North Carolina, Chapel Hill.
- ⁶⁷ The CHES and the ESS datasets overlapped in coverage for 28 European countries but there were four countries contained in the pooled ESS which were not classified in CHES (Ukraine, Russia, Iceland and Israel). In these cases, other sources were used to classify populist parties, including Tim Immerzeel, Marcel Lubbers, and Hilde Coffe. 2011. *Expert Judgment Survey of European Political Parties*. Utrecht: Utrecht University and other reference works.
- ⁶⁸ Tim Immerzeel, Marcel Lubbers, and Hilde Coffe. 2011. *Expert Judgment Survey of European Political Parties*. Utrecht: Utrecht University.
- ⁶⁹ The results of the CHES and the Immerzeel et al estimates for the ideological position of parties were compared and the simple correlations were strong ($R=.85^{***}$) for the cultural scale and also for the L-R scales ($R=.88^{***}$).
- ⁷⁰ Comparisons were drawn with populist parties listed in Cas Mudde. 2007. *Populist Radical Right Parties in Europe*. NY: Cambridge University Press.
- ⁷¹ Agnes Akkerman, Cas Mudde, and Andrej Zaslove. 2014. 'How populist are the people? Measuring populist attitudes in voters.' *Comparative Political Studies* 47:1324–53.
- ⁷² [https://en.wikipedia.org/wiki/Attack_\(political_party\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Attack_(political_party))
- ⁷³ Michael Tesler. January 27 2016. 'A newly released poll shows the populist power of Donald Trump.' *The Washington Post/Monkey Cage*. https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2016/01/27/a-newly-released-poll-shows-the-populist-power-of-donald-trump/?tid=a_inl
- ⁷⁴ Ronald Inglehart, 1997. *Modernization and Postmodernization: Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies*. Princeton: Princeton University Press. Pp.243-246.
- ⁷⁵ Holger Döring and Philip Manow. 2016. *Parliaments and governments database* (ParlGov) 'Elections' dataset: <http://www.parlgov.org/>
- ⁷⁶ Stein Rokkan and Martin Lipset. 1967. *Party Systems and Voter Alignments*. New York: Free Press; Seymour Martin Lipset. 1960. *Political Man*. NY: Doubleday; Stein Rokkan. 1970. *Citizens, Elections, Parties: Approaches to the Comparative Study of the Processes of Development*. Oslo: Universitetsforlaget. See also Geoffrey Evans. Ed. *The end of class politics? Class voting in comparative context*. Oxford: Oxford University Press.
- ⁷⁷ Ole Borre. 1984. 'Critical electoral change in Scandinavia.' In Dalton, Russell J., Flanagan, Scott C., and Beck, P. A.(eds.), *Electoral Change in Advanced Industrial Democracies*. Princeton: Princeton University Press: 330-364.
- ⁷⁸ Pippa Norris. 2005. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market*. New York: Cambridge University Press.
- ⁷⁹ An alternative social class scheme was examined in the models using a five-fold categorization to classify ISCOCO occupations, including (i) Managers and Professions, (ii) Lower managerial, (iii) Other white collar, (iv) Skilled working class, and (v) Unskilled working class. This suggests that support for populist parties was stronger among skilled manual, not the unskilled manual workers with lower pay and less secure conditions.
- ⁸⁰ Ronald Inglehart. 1984. 'The changing structure of political cleavages in Western society.' In R.J. Dalton, S. Flanagan and P.A. Beck. (eds.). *Electoral change in advanced industrial democracies*. Princeton: Princeton University Press; Russell J. Dalton. 2013. *Citizen Politics: Public Opinion and Political Parties in advanced industrial Democracies*. Washington DC: CQ Press.
- ⁸¹ NY Times Editorial Board. 18 July 2016. 'The most extreme Republican platform in memory.' *New York Times*. <http://www.nytimes.com/2016/07/19/opinion/the-most-extreme-republican-platform-in-memory.html?action=click&pgtype=Homepage&clickSource=story-heading&module=opinion-c-col-right-region®ion=opinion-c-col-right-region&WT.nav=opinion-c-col-right-region>

ANEXO 2

Proposta de tradução

PROPOSTA DE TRADUÇÃO

Trump, Brexit e a ascensão do populismo: pobres e revolta cultural Harvard Kennedy School - Série de Documentos de Trabalho de Pesquisa da Faculdade

Resumo: O crescente apoio a partidos políticos populistas alterou a política de muitos países ocidentais.¹ Como explicar este fenómeno? Este texto analisa duas teorias. Talvez a teoria mais generalizada de apoio das massas ao populismo - a perspectiva da insegurança económica - enfatiza as consequências das profundas transformações da força laboral e da sociedade em economias pós-industriais. Alternativamente, a teoria da revolta cultural sugere que o apoio a populistas pode ser visto como uma resistência de sectores da população anteriormente predominantes à mudança progressiva de valores. Para analisar estes argumentos, o texto está organizado em cinco secções. A primeira apresenta o enquadramento conceptual e teórico. A segunda recorre ao *Chapel Hill Expert Survey (CHES)* realizado em 2014 para identificar o posicionamento ideológico de 268 partidos políticos em 31 países europeus. A terceira compara a tendência da competição de partidos políticos europeus ao nível nacional. A quarta usa os dados agrupados do Inquérito Social Europeu 1-6 (2002-2014) para analisar a evidência transnacional do impacto da insegurança económica e dos valores culturais como preditores de voto em partidos políticos populistas ao nível de cada país. A quinta e última sintetiza as principais constatações e analisa as suas implicações. Em geral, constatamos que as evidências da tese de revolta cultural são as mais consistentes.

Palavras-chave: partidos políticos e líderes populistas, direita radical, eleições, democracia, mudança de valores culturais, insegurança económica.

Este estudo foi preparado para a mesa redonda sobre "Fúria contra o sistema político: política populista nos Estados Unidos da América (EUA), Europa e América Latina", 10h00 - 11h30 na Sexta-feira, 2 de Setembro de 2016, Reunião Anual da Associação Americana de Ciência Política, Filadélfia.

Actualmente, líderes populistas como Donald Trump, Marine Le Pen, Norbert Hoffer, Nigel Farage e Geert Wilders são proeminentes em muitos países, alterando os padrões

¹ Europa, América do Norte e Austrália.

33 estabelecidos de competição partidária em sociedades ocidentais contemporâneas. Cas Mudde
34 argumenta que o impacto dos partidos políticos populistas tem sido exagerado². Mas estes
35 partidos políticos conquistaram votos e assentos parlamentares em muitos países, e fizeram parte
36 de governos de coligação em onze democracias ocidentais, incluindo na Áustria, Itália e Suíça³.
37 Em toda a Europa, como iremos demonstrar, a sua quota média de votos nas eleições
38 parlamentares nacionais e europeias subiu mais do que o dobro desde 1960, de cerca de 5,1%
39 para 13,2%, graças aos partidos políticos do centro⁴. Durante o mesmo período, o número dos
40 seus assentos triplicou, de 3,8% para 12,8%. Mesmo em países sem muitos representantes
41 populistas eleitos, estas formações políticas ainda podem exercer uma enorme pressão de
42 "chantagem" sobre os principais partidos políticos, o discurso público e a agenda de políticas de
43 governação, como demonstra o papel do Partido de Independência do Reino Unido (UKIP) em
44 impulsionar a saída do Reino Unido da União Europeia, com enormes consequências.

45 As perspectivas eleitorais dos partidos políticos populistas têm várias explicações
46 possíveis que podem ser agrupadas em três categorias, a saber: (i) lado da demanda da opinião
47 pública, (ii) lado da oferta de estratégias partidárias, e (iii) disposições constitucionais que regem
48 as regras do sistema eleitoral⁵.

49 O presente artigo analisa duas teorias relativas à demanda. Talvez a visão mais
50 generalizada que justifica o apoio das massas ao populismo – a teoria da desigualdade económica
51 – enfatiza as consequências no comportamento eleitoral decorrente de profundas transformações
52 da força de trabalho e da sociedade em economias pós-industriais. Há uma convincente evidência

² Cas Mudde. 2013. 'Three decades of populist radical right parties in Western Europe: So what?' *European Journal of Political Research* 52: 1-19; Cas Mudde. 2014. 'Fighting the system? Populist radical right parties and party system change.' *Party Politics*. 20(2): 217-226.

³ S.L. De Lange 2012 'New alliances: why mainstream parties govern with radical right-wing populist parties.' *Political Studies* 60:899-918.

⁴ Holger Döring e Philip Manow. 2016. Calculado a partir dos dados sobre eleições da base de dados de parlamentos e governos europeus (ParlGov): <http://www.parlgov.org/>

⁵ Veja-se, por exemplo, as revisões de literatura em Hans-Georg Betz. 1994. *Radical Rightwing Populism in Western Europe*. New York: St Martin's Press; Piero Ignazi. 2003. *Extreme right parties in Western Europe*. New York: Oxford University Press; Herbert Kitschelt e Anthony J. McGann. 1995. *The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis*. Ann Arbor: University of Michigan; Pippa Norris. 2005. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market*. New York: Cambridge University Press; Cas Mudde. 2007. *Populist Radical Right Parties in Europe*. NY: Cambridge University Press; Ruth Wodak, Majid Khosravi-Nik e Brigitte Mral. Orgs. 2013. *Right-Wing Populism in Europe*. London: Bloomsbury; Carlos de la Torre. Org. 2015. *The Promise and Perils of Populism: Global Perspectives*. Lexington, KT: University of Kentucky Press; Matt Golder. 2016. 'Far Right Parties in Europe.' *Annual Review of Political Science* 19:477-97.

53 de fortes tendências para uma maior desigualdade de rendimento e da riqueza no ocidente,
54 baseada no crescimento da economia do conhecimento, automação tecnológica e o colapso da
55 indústria transformadora, circulação global de mão-de-obra, bens, pessoas e capital
56 (especialmente a afluência de emigrantes e refugiados), a erosão de organizações sindicais, a
57 redução de redes de segurança social e de políticas de austeridade neoliberais⁶. Segundo esta
58 perspectiva, o aumento da insegurança económica e da privação social entre os desfavorecidos
59 estimula o ressentimento popular contra as classes políticas. Acredita-se que esta situação fez
60 com que os grupos sociais menos seguros da sociedade – trabalhadores menos qualificados com
61 baixos salários, desempregados de longa duração, famílias dependentes da assistência social em
62 retracção, moradores de habitações sociais, famílias monoparentais, e as populações brancas
63 mais pobres que vivem em aglomerados urbanos com concentrações de imigrantes – se
64 tornassem susceptíveis ao alarmismo *anti-establishment*, nativista e xenófobo explorado pelos
65 movimentos, partidos e líderes populistas, acusando os estrangeiros de privar-lhes da
66 prosperidade, oportunidades de trabalho e serviços públicos.

67 Outro argumento relacionado com o fenómeno do populismo, a tese da revolta cultural,
68 sugere que o aumento repentino de votos a favor de partidos políticos populistas pode ser
69 explicado não como uma questão meramente económica, mas em grande medida como uma
70 reacção contra a progressiva mudança cultural. Este argumento baseia-se na teoria da "revolução
71 silenciosa" da mudança de valores que defende que os altos níveis de segurança existencial sem
72 precedentes experimentados pelos países desenvolvidos do Ocidente durante as décadas do pós-
73 guerra trouxeram uma mudança intergeracional para valores do pós-materialismo, como o
74 cosmopolitismo e o multiculturalismo, gerando um crescente apoio a partidos políticos
75 libertários de esquerda como os partidos ecológicos "Os Verdes" e outros movimentos
76 progressistas que advogam a protecção do ambiente, direitos humanos e igualdade de género⁷.
77 Inúmeras evidências empíricas documentam estes desenvolvimentos, que primeiro tornou-se
78 evidente nos países desenvolvidos durante o início da década de 1970, quando a geração pós-
79 guerra começou a ganhar relevância política, trazendo consigo uma experiência de protesto

⁶ Veja-se, por exemplo, Thomas Piketty. 2014. O Capital no século XXI. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca; Jacob Hacker. 2006. *The Great Risk Shift: The New Economic Insecurity and the Decline of the American Dream* NY: Oxford University Press.

⁷ Ronald Inglehart. 2012. A Revolução Silenciosa: Mudança Intergeracional nas Sociedades Pós-Industriais. São Paulo: Revista de Sociologia e Política.

80 estudantil⁸. Nalgumas vezes, esta mudança cultural foi descrita como uma escada rolante
81 inexorável que progressivamente movimenta as sociedades pós-industriais numa direcção mais
82 progressista à medida que as oportunidades de formação superior se expandiram para cada vez
83 mais sectores da população e as gerações mais jovens têm gradualmente substituído os seus pais
84 e avós na população. Mas ficou claro desde o início que as reacções a estes desenvolvimentos
85 desencadearam uma reacção contra-revolucionária, especialmente entre a geração mais velha,
86 homens de raça branca, e sectores com baixo nível de escolaridade, que pressentem a retracção e
87 activamente rejeitam a crescente onda de valores progressistas, ressentem a alteração de normas
88 familiares tradicionais, e constituem um conjunto de apoiantes potencialmente vulneráveis aos
89 apelos populistas⁹. Os sectores anteriormente predominantes sob ponto de vista cultural na
90 Europa Ocidental podem reagir com ira à erosão dos seus privilégios e posição social.

91 Todavia, a distinção analítica estabelecida entre as teorias de desigualdade económica e
92 revolta cultural também pode ser um tanto artificial. Os processos interactivos podem,
93 possivelmente, ligar estes factores, se as mudanças estruturais na força de trabalho e tendências
94 sociais em mercados globalizados aumentar a insegurança económica, e se isso, por sua vez,
95 estimular uma reacção negativa entre os conservadores em relação às mudanças culturais. Não
96 pode ser uma questão de uma ou outra, mas uma de relativa ênfase com efeitos interactivos.

97 Para compreender estes argumentos, a 1.^a secção analisa o enquadramento conceptual e
98 teórico. Argumentamos que a clássica divisão económica esquerda-direita na competição
99 partidária hoje está sobreposta pela nova clivagem cultural que divide os populistas do
100 liberalismo cosmopolita. A 2.^a secção do estudo usa o CHES realizado em 2014 para identificar a
101 localização ideológica de 268 partidos políticos em 31 países europeus. Recorre-se à análise de
102 factores para confirmar que, conforme teorizado, os itens culturais e económicos são duas
103 dimensões distintas da concorrência partidária. Os itens são somados em escalas culturais e
104 económicas que depois são usadas para identificar o posicionamento ideológico dos partidos
105 políticos europeus. A fiabilidade das estimativas é verificada e confirmada com recurso às

⁸ Ronald Inglehart. 1990. *Cultural Shift in Advanced Industrial Society*. Princeton: Princeton University; Ronald Inglehart. 2001. *Modernização e pós-modernização: mudança cultural, económica e política em 43 países*. Madrid: CIS; Ronald Inglehart e Christian Welzel, 2009. *Modernização, Mudança Cultural e Democracia: A Sequência do Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Editora Francis; Pippa Norris e Ronald Inglehart. 2009. *Sagrado e Secular*. São Paulo: Editora Francis.

⁹ Ronald Inglehart. 1990. *Cultural Shift in Advanced Industrial Society*. Princeton: Princeton University; Ronald Inglehart. 2001. *Modernização e pós-modernização: mudança cultural, económica e política em 43 países*. Madrid: CIS.

106 medidas independentes. Usando estas escalas, a 3.^a secção apresenta a comparação da
107 concorrência entre partidos políticos europeus a nível nacional, juntamente com a evidência de
108 mudanças ao longo do tempo da antiga divisão esquerda-direita baseada na diminuição da
109 importância das questões económicas nos manifestos dos partidos políticos e no eleitorado. As
110 escalas culturais e económicas geram uma tipologia quadruplicada que distingue partidos
111 políticos europeus cujo posicionamento ideológico está à esquerda e à direita populista. A 4.^a
112 secção recorre aos dados agregados das rondas 1-6 do Inquérito Social Europeu (2002-2014)
113 para analisar a evidência transnacional a nível individual do impacto da insegurança económica e
114 valores culturais como preditores de voto contemporâneo a partidos políticos populistas. Com
115 grupos de controlo, os modelos de regressão logística multivariada analisam as evidências das
116 teorias económica e cultural. A 5.^a secção resume as constatações principais e analisa as suas
117 implicações.

118 A conclusão destaca várias constatações principais. Em primeiro lugar, os resultados da
119 análise de controlos demográficos e sociais confirmam que o apoio aos populistas na Europa é
120 geralmente mais forte entre a geração mais velha, homens, pessoas com baixo nível de
121 escolaridade, maiorias religiosas e étnicas, tendências que confirmam as pesquisas anteriores¹⁰.
122 Contudo, as razões exactas subjacentes a estas relações mantêm-se pouco claras e teoricamente
123 sujeitas a várias interpretações. Por exemplo, os efeitos da educação formal podem se colocar
124 pela forma como a escolarização determina a futura situação socioeconómica, segurança do
125 emprego e salarial, e oportunidades de se fazer carreira profissional, ou pode ser a forma como a
126 educação formal e as competências cognitivas tipicamente reforçam a tolerância social e valores
127 progressistas.

128 Analisando minuciosamente as evidências da tese da insegurança económica, os
129 resultados da análise empírica são inconclusivos e inconsistentes. Os partidos políticos populistas
130 não tiveram um apoio significativamente maior de pessoas desfavorecidas (reportando
131 dificuldades para fazer face às suas despesas) e entre indivíduos com experiência de desemprego,
132 corroborando a interpretação da insegurança económica. Mas outras medidas não confirmam
133 consistentemente a afirmação de que o apoio aos populistas deva-se ao ressentimento decorrente
134 da desigualdade económica e da privação social. Por exemplo, em termos de classe ocupacional,

¹⁰ Pippa Norris. 2005. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market*. New York: Cambridge University Press.

135 o voto aos populistas foi mais forte entre a pequena burguesia e não entre trabalhadores braçais
136 não especializados. Os populistas também tiveram muito menos apoio (não mais) entre sectores
137 dependentes de assistência social para a sua sobrevivência e entre aqueles que vivem em zonas
138 urbanas.

139 Pelo contrário, mesmo após se aplicar os controlos demográficos e sociais, ficou provado
140 que todas as cinco escalas de valores culturais são preditores consistentes de voto em partidos
141 políticos populistas, o que é consistente com o esperado. Portanto, o apoio populista foi
142 reforçado por atitudes anti-imigrantes, desconfiança em relação à governação nacional e global,
143 apoio a valores autoritários e auto-posicionamento ideológico esquerda-direita. O ajuste do
144 modelo também melhora consideravelmente.

145 No cômputo geral, concluímos que os valores culturais, conjugados com vários factores
146 demográficos e sociais, oferecem uma explicação mais consistente e moderada para o voto em
147 partidos políticos populistas. A sua actual popularidade na Europa é, em grande parte, devido a
148 apelos ideológicos a favor de valores conservadores que estão concentrados entre a geração mais
149 velha, homens, religiosos e maiorias étnicas e grupos menos escolarizados da sociedade.
150 Acreditamos que estes são os grupos mais propensos a sentir que se tornaram estranhos em
151 relação aos valores predominantes no seu próprio país, deixados para trás por vagas progressistas
152 de mudança cultural que não compartilham. Homens brancos mais velhos com valores
153 conservadores - que constituíam a maioria cultural nas sociedades ocidentais durante as décadas
154 de 1950 e 1960 – viram o seu predomínio e privilégio serem corroídos. A revolução silenciosa da
155 década de 1970 parece ter provocado uma reacção contra-revolucionária irada e ressentida até
156 hoje. A longo prazo, espera-se que o fosso de gerações se desvaneça progressivamente, à medida
157 que pessoas mais velhas com atitudes conservadoras forem gradualmente substituídas na
158 população por seus filhos e netos, que se identificam com os valores progressistas. No entanto, a
159 curto prazo, as guerras culturais inflamadas que dividem jovens e idosos têm o potencial de
160 exacerbar o conflito geracional, desafiar a legitimidade da democracia liberal, e perturbar os
161 padrões de competição partidária há muito tempo estabelecidos.

162

163

164

165

166 **I: Enquadramento teórico**

167

168 A campanha eleitoral presidencial de 2016 nos EUA reflecte o fenómeno do populismo.
169 Muitos analistas tiveram dificuldade em entender a ascensão de Donald Trump. Como é que uma
170 figura polarizadora e novata na política pode de repente se tornar o potencial candidato do
171 Partido Republicano - muito menos ter alguma possibilidade de entrar na Casa Branca? Donald
172 Trump foi severamente atacado por conservadores tais como George Will, republicanos
173 ortodoxos como Jeb Bush, social-liberais como Elizabeth Warren, e socialistas como Bernie
174 Sanders. A sua retórica desenvolve e defende uma mescla de táticas xenófobas de medo (contra
175 mexicanos e muçulmanos), misoginia arreigada, teorias de conspiração paranóicas sobre os seus
176 rivais e políticas isolacionistas "América em primeiro lugar" no exterior. O seu populismo está
177 enraizado em alegações de que ele é um estranho ao poder político de *Washington D.C.*, um
178 bilionário bem-sucedido por mérito próprio a liderar um movimento insurgente em nome dos
179 americanos comuns revoltados com o *establishment* corrupto, políticos incompetentes,
180 especuladores desonestos da *Wall Street*, mercado financeiro dos EUA, intelectuais arrogantes e
181 liberais politicamente correctos. As sondagens à boca das urnas da CNN em todas as eleições
182 primárias e *caucuses* do Partido Republicano de 2016, do Estado de Iowa em diante revelaram
183 que o fosso no nível de escolaridade nos apoiantes de Trump era substancial. Em média, apenas
184 um quarto dos pós-graduados votaram em Trump, contra quase metade (45%) de eleitores com
185 ensino médio ou menos¹¹. A diferença de género também foi evidente. Em média, em todas as
186 eleições primárias e *caucuses* do Partido Republicano, 39% dos homens votaram em Donald
187 Trump contra 33% das mulheres. Apesar de estar localizado em lados opostos da coxia, a
188 retórica de Trump recorre à mesma fúria populista anti-elite articulada por Bernie Sanders ao
189 atacar grandes corporações, grandes doadores e bancos.

190 Mas Trump e Sanders estão longe de serem os únicos. Há precedentes históricos nos
191 Estados Unidos da America (EUA) exemplificados pelo movimento *Share Our Wealth* fundado
192 por Huey Long e a oposição de George Wallace à política de integração racial. E a retórica
193 nativista exaltada de Trump e o apelo nacionalista encaixam-se na onda de líderes populistas

¹¹ Pippa Norris. 11 de Março de 2016. 'Its not just Donald Trump: Authoritarian populist is rising across the West. Here's Why.' Washington Post/Monkey Cage. Estimates calculated from <http://edition.cnn.com/election/primaries/polls>

194 cujo apoio tem vindo a aumentar em muitas democracias ocidentais¹². Durante as duas últimas
195 décadas, em muitos países, partidos políticos liderados por líderes autoritários populistas
196 cresceram em popularidade, ganhando assentos legislativos, assumindo ministérios e mantendo o
197 equilíbrio do poder. Recentemente, vimos ganhos notáveis do Partido Popular Suíço, Partido da
198 Liberdade da Áustria, Partido dos Democratas Suecos, Aurora Dourada da Grécia e o Partido
199 Popular Dinamarquês. Tanto o centro-esquerda quanto o centro-direita estão preocupados com a
200 popularidade da Frente Nacional de Le Pen, Liga Norte de Matteo Salvini e Partido para a
201 Liberdade na Europa do Leste de Geert Wilders. Na Europa do Leste, o sucesso do partido
202 neofascista Jobbik na Hungria levou o partido no poder *Fidesz* a se posicionar mais à direita;
203 levando-o a construir um muro contra a vaga de imigrantes que estavam a inundar toda a Europa.
204 E, não é apenas a Europa, a América Latina também tem líderes populistas posicionados à
205 esquerda económica do espectro político, tais como os presidentes, Hugo Chávez e Nicolás
206 Maduro na Venezuela, e Evo Morales na Bolívia¹³.

207 Os partidos políticos populistas não precisam de ganhar muitos votos para exercer uma
208 influência substancial. No Reino Unido, por exemplo, o UKIP ganhou apenas um assento
209 parlamentar nas eleições gerais de Maio de 2015. Todavia, a sua retórica populista incentivou
210 sentimentos anti-europeus e anti-imigrantes violentos no Reino Unido, pressionando o Partido
211 Conservador a convocar o referendo sobre o *Brexit*. As crescentes consequências têm sido
212 profundas e catastróficas tanto no Reino Unido como no estrangeiro, instigando a saída
213 conturbada do Reino Unido da UE, a renúncia do primeiro-ministro, David Cameron, desafios à
214 liderança do Partido Trabalhista, perspectivas de desintegração do Reino Unido como um estado
215 unitário, profunda incerteza nos mercados financeiros, explosão de discursos de ódio contra os
216 imigrantes e os apelos de outros partidos políticos populistas para a realização de referendos
217 semelhantes sobre a permanência ou não na UE na França, Holanda, Alemanha, Dinamarca e
218 outros países¹⁴.

¹² Cas Mudde. 26 de Agosto de 2015. 'The Trump phenomenon and the European populist radical right.' *Monkey Cage/Washington Post*. <https://www.washingtonpost.com/blogs/monkey-cage/wp/2015/08/26/the-trumpphenomenon-and-the-european-populist-radical-right/>

¹³ Karen Remmer. 2012. 'The rise of leftist-populist governance in Latin America: The roots of electoral change.' *Comparative Political Studies*, 45: 947-972.

¹⁴ European Council on Foreign Relations. 2016. *The World According to Europe's Insurgent Parties*. London: European Council on Foreign Relations. www.ecfr.eu

219 **O conceito de populismo**

220

221 O que é exactamente o populismo? Existem muitas interpretações deste conceito, e
222 inúmeras tentativas de identificar os partidos e movimentos políticos que se enquadram nesta
223 categoria¹⁵. Cas Mudde tem sido influente na literatura sobre o populismo, sugerindo que a
224 filosofia populista é um conjunto de ideias vagas que partilham três características principais, a
225 saber: nativismo, autoritarismo e *anti-establishment*¹⁶. Em primeiro lugar, o populismo é
226 entendido como uma filosofia que enfatiza a fé na sabedoria e virtude de pessoas comuns (a
227 maioria silenciosa) relativamente à classe dirigente "corrupta". O populismo reflecte um
228 profundo cinismo e ressentimento em relação à actual classe dominante, desde grandes empresas,
229 bancos, corporações multinacionais, especialistas em órgãos de comunicação social, políticos
230 eleitos e funcionários públicos, elites intelectuais, cientistas e os ricos privilegiados e arrogantes.

231 As pessoas comuns são consideradas como homogéneas e inerentemente "boas" ou
232 "decentes", em contraste com as elites desonestas (Hillary "desonesta"/Ted "mentiroso")¹⁷. Em
233 segundo lugar, geralmente os populistas também apresentam tendências autoritárias, preferindo o
234 poder pessoal exercido por uma liderança forte e carismática tida como reflectindo a vontade do
235 povo. Os populistas também privilegiam formas directas de democracia maioritária para a
236 expressão da voz do povo, através de pesquisas de opinião, referendos e plebiscitos, em vez de
237 *checks and balances* institucionais e a protecção dos direitos das minorias através da sua
238 incorporação em processos de democracia representativa¹⁸. Finalmente, por "pessoas comuns", o
239 discurso populista geralmente enfatiza nativismo ou nacionalismo xenófobo, que assume que os
240 "povos" são uma unidade homogénea, e que os países devem excluir indivíduos de outros países
241 e culturas. O populismo favorece o monoculturalismo em relação ao multiculturalismo; o
242 interesse nacional relativamente à cooperação internacional e ajuda ao desenvolvimento;

¹⁵ Cas Mudde. 2007. *Populist Radical Right Parties in Europe*. NY: Cambridge University Press.

¹⁶ Cas Mudde. 2007. *Populist Radical Right Parties in Europe*. NY: Cambridge University Press.

¹⁷ Margaret Canovan, 1981. *Populism*. New York: Harcourt, Brace, Jovanovich; Robert Barr. 2009. 'Populists, outsiders and anti-establishment politics.' *Party Politics* 15(1): 29-48.

¹⁸ D. Albertazzi e D. McDonnell (Orgs.), *Twenty-first century populism: The spectre of Western European democracy*. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan; Yves Mény e Y. Surel, Y. 2002. *Democracies and the populist challenge*. Basingstoke, UK: Palgrave; A. Zaslove. 2008. 'Here to stay? Populism as a new party type.' *European Review* 16: 319-336.

243 fronteiras fechadas em relação à livre circulação de pessoas, ideias, mão-de-obra e capital; e
244 tradicionalismo sobre valores sociais liberais e progressistas. Daí a retórica de Trump procure
245 suscitar uma forte mistura de ressentimento racial, intolerância em relação ao multiculturalismo,
246 isolacionismo nacionalista, nostalgia de glórias passadas, desconfiança de estrangeiros,
247 misoginia e sexismo tradicional, apelo à liderança forte, política de ataque pessoal e a
248 animosidade racial e anti-muçulmana. O "populismo" é um modo padrão de se referir a essa
249 síndrome, enfatizando as supostas profundas raízes nas pessoas comuns. Igualmente pode ser
250 descrito como autoritarismo xenófobo.

251 Consideramos os valores populistas como representando um extremo de um *continuum*
252 cultural em que os valores cosmopolitas liberais estão localizados no extremo oposto. Esta
253 dimensão é representada heurísticamente no eixo vertical na Figura 1. A palavra "cosmopolita",
254 que deriva da palavra grega *kosmopolites* ("cidadão do mundo") refere-se à ideia de que todos os
255 seres humanos vivem e interagem cada vez mais dentro de uma única comunidade global, e não
256 simplesmente dentro de uma única organização política¹⁹. Assim, a palavra cosmopolita capta a
257 antítese do nativismo. A distinção conceptual entre cosmopolitas e habitantes locais faz parte das
258 ciências sociais desde que Robert Merton a desenvolveu para estudar pequenos grupos sociais
259 americanos durante a II Guerra Mundial²⁰. Os valores cosmopolitas enfatizam o valor de
260 fronteiras nacionais abertas, valores multiculturais partilhados, diversidade de pessoas e estilos
261 de vida em sociedades inclusivas e voltadas para fora. Desde a II Guerra Mundial, as ligações
262 entre pessoas de diferentes países se tornaram mais cosmopolitas, com as suas vidas ligadas por
263 múltiplas redes. A crença de que alguém vive num estado-nação homogéneo é posta em causa
264 pela circulação de trabalhadores, mão-de-obra estrangeira, turistas, estudantes, refugiados e
265 comunidades da diáspora.

266 Além disso, as ideias cosmopolitas que enfatizam fronteiras e sociedades abertas estão
267 alinhadas com valores liberais que desafiam a componente autoritária do populismo, enfatizando
268 a importância de *checks and balances* horizontais nas instituições de democracia representativa,
269 protecção de direitos das minorias, participação através de eleições e filiação partidária,

¹⁹ Para discussões úteis sobre o conceito, veja-se Ulf Hannerz. 1990. 'Cosmopolitans and locals in world culture.' In *Global Culture: Nationalism, globalization and modernity*. Ed. Mike Featherstone. London: Sage; John Tomlinson. *Globalization and Culture*. Chicago: University of Chicago Press; Steven Vertovec e Robin Cohen. Eds. 2002. *Conceiving Cosmopolitanism: Theory, Context and Practice*. Oxford: Oxford University Press.

²⁰ Robert Merton. 1957. *Social Theory and Social Structure*. Glencoe, IL: Free Press.

270 tolerância em relação à diversidade social, intelectual e política, o processo de negociação
271 pluralista e cedência, a contribuição do conhecimento científico para a elaboração de políticas
272 públicas racionais e a arquitectura pós-guerra da governação global e cooperação internacional.
273 O liberalismo social também está ligado ao apoio à igualdade de direitos da mulher e das
274 minorias, papéis de género flexíveis e não fixos, identidades de género fluidas e direitos de
275 lésbicas, gays, bissexuais e transexuais (LGBT), protecção ambiental, e valores seculares ao
276 invés de religiosos.

277 Estudos anteriores sobre partidos políticos na Europa Ocidental frequentemente
278 associaram o populismo com a direita, usando termos como partidos de "direita radical",
279 "extrema-direita" ou "extremistas de direita"²¹. Mas é cada vez mais aceite que esta abordagem
280 não consegue captar certas características fundamentais dos partidos políticos populistas em todo
281 o mundo, como nas Américas, Europa Oriental e Ásia, onde os partidos políticos populistas
282 geralmente estão a favor de políticas económicas de esquerda²². Por exemplo, o presidente Hugo
283 Chávez era um líder carismático que se insurgiu contra a elite política "predatória", medidas de
284 austeridade económicas e os EUA quando tentativa fazer uma revolução socialista na Venezuela.
285 Historicamente, nos EUA, o Partido Populista fundado em 1891 era de esquerda, um movimento
286 rural anti-elite crítico do capitalismo, especialmente bancos, associado às organizações sindicais.
287 Do mesmo modo, os discursos do Donald Trump espezinhando as ortodoxias conservadoras,
288 advogando barreiras comerciais proteccionistas, renegociação do NAFTA e aumento das tarifas
289 de importação de produtos chineses, estão indiscutivelmente localizados à esquerda populista,
290 longe da filosofia económica dos neo-conservadores, embora o seu argumento a favor de cortes
291 nos impostos às empresas norte-americanas seja mais de direita. Por estas razões, conforme
292 ilustrado na Figura 1, neste estudo, a nova clivagem cultural dividindo populistas e liberais
293 cosmopolitas é vista como irrelevante à clássica divisão de classes económicas que dominou a
294 competição partidária da Europa Ocidental durante as décadas de pós-guerra.

²¹ Herbert Kitschelt, 1997. *The radical right in Western Europe: A comparative analysis*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.

²² Carlos de la Torre (Org.). *The Promise and Perils of Populism: Global Perspectives*. Lexington, KT: University of Kentucky Press; Karen Remmer. 2012. 'The rise of leftist-populist governance in Latin America: The roots of electoral change.' *Comparative Political Studies*, 45: 947-972; Erdem S. Aytac e Ziva Onis. 2014. 'Varieties of populism in a changing global context: The divergent paths of Erdogan and Kirchnerismo.' *Comparative Politics* 47(1): 41-49.

295 A Figura 2 mostra como é que se espera que os partidos políticos mapeiem as clivagens
296 de valores, ilustrado pelo caso da Alemanha. Assim, o eixo horizontal representado neste modelo
297 heurístico localiza os comunistas, socialistas e partidos social-democratas na esquerda
298 económica, defensores da gestão estatal da economia, redistribuição económica através de
299 tributação progressiva, e estados de bem-estar social e serviços públicos fortes. Contrariamente,
300 os partidos políticos liberais, conservadores e cristãos-democratas localizados à direita
301 económica, defendem mercados livres e empresas privadas, um papel mais modesto para o
302 Estado, desregulamentação e baixa tributação. Prevê-se que o posicionamento ideológico dos
303 partidos ecologistas “Os Verdes” esteja mais claramente a favor de valores liberais cosmopolitas.
304 Baseado neste modelo heurístico, prevê-se que alguns partidos políticos populistas, como Os
305 Republicanos da Alemanha, o UKIP e o Partido Popular Suíço (SVP), que privilegiam os
306 mercados relativamente ao Estado, estejam posicionados à direita económica do eixo horizontal.
307 Em contrapartida, outros partidos políticos, como o Partido *Ataka* na Bulgária e o Movimento
308 *Jobbik* na Hungria, que advogam políticas de redistribuição e de protecção social, devem estar
309 posicionados à esquerda económica. A próxima secção deste texto operacionaliza este modelo e
310 classifica os partidos políticos europeus com base em avaliações de especialistas do tema sobre
311 os seus posicionamentos políticos.

312

313 **O que explica a ascensão do populismo?**

314

315 O populismo não é novo. van Beyme sugere que historicamente este movimento passou
316 por pelo menos três vagas sucessivas²³. Mas o fim do séc. XX testemunhou um ressurgimento
317 substancial da sua popularidade. O que explica os actuais desenvolvimentos? Os observadores
318 geralmente apresentam narrativas históricas, centradas em certos eventos e circunstâncias
319 particulares, para explicar o surgimento de partidos e líderes populistas em cada caso. Por
320 exemplo, os comentadores americanos especularam que o sucesso de Donald Trump nas eleições
321 primárias do Partido Republicano reflectiu uma reacção racista à eleição (e reeleição) de Barack
322 Obama, o primeiro presidente afro-americano dos EUA.²⁴. Também se pensou que se deveu ao

²³ Klaus Van Beyme. 1986. Os Partidos Políticos em Democracias Ocidentais. Madrid: CIS.

²⁴ https://www.washingtonpost.com/opinions/trumps-many-bigoted-supporters/2016/04/01/1df763d6-f803-11e5-8b23-538270a1ca31_story.html

323 poder apelativo do candidato franco e a retórica acalorada desencadeada por uma reacção contra
324 a simpatia, controlo racional e personalidade reservada de Obama²⁵. Também pode ser visto
325 como o resultado inevitável da pressão do movimento *Tea Party* empurrando a liderança do
326 Partido Republicano dos EUA na Câmara de Representantes mais para a direita e bloqueio
327 partidário no Congresso, com Trump herdando o manto de Sarah Palin²⁶. Da mesma maneira, a
328 forma como o *Brexit* impulsionou o apoio a favor do UKIP e dos movimentos populistas em
329 outros países da Europa se presta a explicações específicas de cada país, incluindo a decisão do
330 líder do Partido Conservador, David Cameron, de convocar um referendo sobre a permanência
331 ou não do Reino Unido na União Europeia como forma de apaziguar os euro-cépticos no seio do
332 seu partido. A cínica, mas não bem-sucedida estratégia seguida por Boris Johnson ao encabeçar a
333 campanha a favor da saída do Reino Unido da UE numa tentativa (sem sucesso) de melhorar as
334 suas perspectivas de liderar o Partido Conservador. O papel desempenhado pelas manchetes de
335 tablóides no estímulo do euro-cepticismo, erros de cálculo públicos dos apoiantes da saída do
336 Reino Unido da UE, subestimando o impacto das suas acções e o poder que os referendos têm de
337 mobilizar o voto de protesto.

338 Eventos específicos como estes em cada país são causas próximas que ajudam a explicar
339 as razões de as coisas terem ocorrido duma determinada maneira num determinado país - mas
340 não explicam a duplicação do voto em partidos políticos populistas em todo o mundo nas últimas
341 décadas. Para explicar este fenómeno ao nível global é necessária uma teoria geral.

342 As explicações comparativas para o sucesso eleitoral dos partidos políticos populistas
343 podem ser subdivididas em três categorias²⁷, que enfatizam: (i) as regras do jogo institucionais
344 que regulam o mercado da concorrência partidária (como as leis de acesso à votação,
345 coeficientes eleitorais efectivos, tipos de sistemas eleitorais e regulamentos de financiamento
346 político)²⁸; (ii) os apelos estratégicos do lado da oferta de partidos e líderes políticos como
347 actores racionais downsianos quando decidem enfatizarem ou não os apelos ideológicos, ou

²⁵ <http://www.wsj.com/articles/president-obama-created-donald-trump-1457048679>

²⁶ <http://nymag.com/daily/intelligencer/2016/05/donald-trump-is-the-tea-party.html>.

Theda Skocpol e V. Williamson. 2012. *The Tea Party and The Remaking of Republican Conservatism*. Oxford, UK: Oxford University Press.

²⁷ Pippa Norris. 2005. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market*. New York: Cambridge University Press.

²⁸ Por exemplo, Arend Lijphart. 1994. *Electoral Systems and Party Systems*. Oxford: Oxford University Press; Pippa Norris. 2005. *Electoral Engineering*. Cambridge: Cambridge University Press.

348 populistas no âmbito deste contexto institucional²⁹; e/ou, (iii) o papel do lado da demanda das
349 opiniões, valores e atitudes do eleitor.

350 Nesta última categoria, muitas narrativas procuram explicar as atitudes dos eleitores³⁰. As
351 explicações de factores que impulsionam as mudanças no apoio das massas a populistas têm
352 geralmente enfatizado (i) a privação e a desigualdade económicas, com foco nos ressentimentos
353 decorrentes de mudanças estruturais que estão a transformar as economias pós-industriais, ou (ii)
354 explicações culturais, enfatizando o papel da mudança de valores culturais. O que é que sugerem
355 estas duas teorias?

356

357 **Teorias da crescente desigualdade económica em sociedades do conhecimento**

358

359 O argumento de que o populismo reflecte a crescente desigualdade socioeconómica nos
360 países desenvolvidos tem profundas raízes históricas. Por exemplo, foi usado durante as décadas
361 de 1950 e 1960 em narrativas clássicas pelos fundadores da sociologia política, Seymour Martin
362 Lipset e Daniel Bell, para explicar a atracção do fascismo na República de Weimar, pujadismo
363 na França e macarthismo, movimento comunista dos anos 1950, nos EUA. Cada um destes
364 movimentos foi visto como uma reacção autoritária contra a modernidade, com apoio
365 concentrado principalmente entre a pequena burguesia - pequenos empreendedores, lojistas,
366 comerciantes, artesãos por conta própria e agricultores independentes – apertados entre o
367 crescente poder das grandes empresas e a influência colectiva dos sindicatos de trabalhadores³¹.
368 Aproveitando-se do medo da mobilidade social descendente e perda do estatuto social,
369 considerava-se que os partidos fascistas e movimentos extremistas exploravam o medo e a
370 insegurança entre aqueles que perderam com a industrialização. Como foi argumentado por
371 Lipset e Bell: "Os movimentos extremistas têm muito em comum. Eles atraem às pessoas

²⁹ Veja-se, em particular, *Herbert Kitschelt e Anthony J. McGann. 1995. The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis. Ann Arbor: University of Michigan.*

³⁰ *Pippa Norris. 2005. Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market. New York: Cambridge University Press; Agnes Akkerman, Cas Mudde, e Andrej Zaslove. 2014. 'How Populist Are the People? Measuring Populist Attitudes in Voters.' Comparative Political Studies 47:1324–53 Mark Elchardus e Bram Spruyt. 2016. 'Populism, Persistent Republicanism and Declinism: An Empirical Analysis of Populism as a Thin Ideology.' Government & Opposition 51:111–33.*

³¹ Seymour Martin Lipset. 1967. *O Homen Político*. Rio de Janeiro: Zahara Editores; *Daniel Bell (Org.). The Radical Right. 3rd ed. New Brunswick, NJ: Transaction Publisher (first published in 1955 as The New America Right, subsequently expanded in the 2nd edition in 1963).*

372 descontentes e psicologicamente perturbadas, fracassadas, socialmente isoladas,
373 economicamente inseguras, não escolarizadas, não sofisticadas e autoritárias”³².

374 Recuperando e actualizando estas preocupações, proeminentes teóricos contemporâneos
375 como Esping-Anderson argumentam que no início do séc. XXI, os países desenvolvidos
376 testemunharam o surgimento de uma nova classe social muito pobre entre populações com baixo
377 nível de escolaridade³³. Nesta perspectiva, alguns elementos residuais do apelo dos movimentos
378 autoritários ainda podem ser encontrados entre a pequena burguesia, mas pensa-se que a retórica
379 populista encontrou um terreno mais fértil entre operários da classe baixa com baixo nível de
380 qualificações, com salários baixos e mínima segurança no emprego, mais vulneráveis a riscos
381 sociais, e que foram esquecidos pelos estados de bem-estar social em países desenvolvidos³⁴. A
382 influente tese de Thomas Piketty trouxe uma atenção renovada sobre os crescentes níveis de
383 riqueza e de desigualdade de rendimento³⁵. Apesar do crescimento económico substancial nas
384 últimas décadas, o rendimento real da maioria das pessoas em países desenvolvidos no Ocidente
385 estagnou ou diminuiu, os ganhos foram quase inteiramente para 10% da população,
386 principalmente para o percentil do topo. A desigualdade económica tem sido exacerbada pela
387 crescente automação e terceirização, globalização e a crescente mobilidade de capital e da mão-
388 de-obra, erosão de sindicatos de operários, políticas neoliberais de austeridade, crescimento da
389 economia do conhecimento e a capacidade limitada de governos democráticos de regular as
390 decisões de investimentos das corporações multinacionais ou de estancar os fluxos migratórios.

391 A versão contemporânea do argumento da desigualdade económica vincula estes
392 desenvolvimentos directamente com o crescente apoio das massas ao populismo, o que é tido
393 como reflexo das divisões entre os vencedores e perdedores dos mercados globais, o que

³² Seymour Martin Lipset. 1967. *O Homen Político*. Rio de Janeiro: Zahara Editores, Capítulos 4 e 5. Veja também *Daniel Bell (Org.). The Radical Right. 3rd ed. New Brunswick, NJ: Transaction Publisher (first published in 1955 as The New America Right, subsequently expanded in the 2nd edition in 1963); W. Sauer. 1967. 'National Socialism: Totalitarianism or fascism?' American Historical Review 73(4): 404-424.*

³³ Veja-se, por exemplo, *G. Esping-Anderson. 1990. The Three Worlds of Welfare Capitalism. Princeton, NJ: Princeton University Press.*

³⁴ *Hans-Georg Betz. 1994. Radical Rightwing Populism in Western Europe. New York: St Martin's Press. Capítulo 1 e 5; Piero Ignazi. 2003. Extreme right parties in Western Europe. New York: Oxford University Press. Veja também Herbert Kitschelt e Anthony J. McGann. 1995. The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis. Ann Arbor: University of Michigan. Table 2.11; J.G. Anderson e T. Bjorkland. 1990. 'Structural changes and new cleavages: The Progress Parties in Denmark and Norway.' Acta Sociologica. 33(3): 195-217.*

³⁵ Thomas Piketty. 2014. *O Capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca

394 determina se os estilos de vida são economicamente seguros ou não³⁶. Neste argumento, a
395 vulnerabilidade económica é conducente à conformidade com as normas de solidariedade de
396 pequenos grupos e à rejeição de estrangeiros. Quando se sentem ameaçados, pensa-se que estes
397 grupos buscam líderes fortes e autoritários para os proteger dos que são tidos como estrangeiros
398 perigosos vistos como ameaça aos empregos e benefícios³⁷. A ansiedade decorrente de eventos
399 recentes – embarcações cheias de imigrantes e refugiados que inundam a Europa, imagens das
400 consequências de actos aleatórios de terrorismo doméstico em Paris, Bruxelas e Istambul, e
401 medidas de austeridade – é tida como a causa da exacerbação das injustiças económicas ligadas à
402 crescente desigualdade de rendimento, perda de empregos na indústria manufactureira e salários
403 estagnados.

404 Estes desenvolvimentos são geralmente tidos como tendo sido particularmente
405 importantes para as perspectivas eleitorais de partidos políticos europeus. No centro-direita, a
406 crescente secularização em todo o continente e os bancos vazios das igrejas corromperam a base
407 eleitoral tradicional dos partidos democráticos cristãos³⁸. No entanto, à esquerda, acredita-se que
408 a individualização e fragmentação sociais tenham corroído a participação das massas em
409 organizações tradicionalmente colectivas, redes sociais e movimentos de massa que costumavam
410 mobilizar a classe trabalhadora, exemplificada pelas cooperativas e sindicatos de trabalhadores³⁹.
411 Os movimentos colectivos e sindicatos de trabalhadores que no passado funcionaram como um
412 canal para a mobilização e expressão dos descontentamentos da classe trabalhadora, constatam
413 que os seus poderes de negociação estão a ficar cada vez mais limitados pelos mercados globais
414 e corporações multinacionais. Os partidos socialistas e social-democratas no centro-esquerda
415 viram a sua base eleitoral corroída por causa do cada vez menor número de trabalhadores
416 industriais em zonas passando por desaceleração da indústria manufactureira; forçando-lhes a
417 alargar as suas promessas eleitorais como partidos *catch-all* para atrair profissionais do sector

³⁶ Simon Borschier. 2010. *Cleavage Politics and the Populist Right: The New Cultural Conflict in Western Europe*. Philadelphia: Temple University Press.

³⁷ Veja-se Ronald F. Inglehart. 2016. 'Modernization, existential security and cultural change: Reshaping human motivations and society.' In M. Gelfand, C.Y. Chiu & Y-Y Hong. (Orgs.) *Advances in Culture and Psychology*. New York: Oxford University Press.

³⁸ Pippa Norris e Ronald Inglehart. 2009. *Sagrado e Secular*. São Paulo: Editora Francis.

³⁹ Michael Keating e David McCrone (Orgs.). 2015. *The Crisis of Social Democracy*. Edinburgh: University of Edinburgh Press.

418 público⁴⁰. Betz sugere que grupos socialmente desfavorecidos são os mais propensos a culpar
419 minorias étnicas e comunidades de imigrantes pela deterioração de condições, perda de
420 empregos na indústria manufactureira e serviços de assistência social inadequados.
421 Frequentemente os populistas advogam políticas proteccionistas, como tarifas e barreiras
422 comerciais, e geralmente atacam os governos por não proporcionarem uma crescente
423 prosperidade e sentido de comunidade partilhada que era característica de sociedades do pós-
424 guerra (daí o slogan de Trump: "Fazer a América grande novamente"). De acordo com esta
425 narrativa, o que o fracasso dos partidos políticos de centro-esquerda na restauração do sentido de
426 segurança e prosperidade para os desempregados e desfavorecidas nos países desenvolvidos, faz
427 com que os seus apoiantes tradicionais fujam para partidos políticos populistas que lhes
428 prometem restaurar a antiga era dourada⁴¹. Portanto, com base nestes argumentos, a tese de
429 insegurança económica explica o populismo como um resultado da crescente desigualdade de
430 rendimento, sentimento de injustiça entre os perdedores de mercados globais, descontentamento
431 com os principais partidos políticos de centro-esquerda e perda de confiança na capacidade dos
432 principais partidos políticos de responder a estas preocupações⁴².

433 Que evidências empíricas sistemáticas sustentam este argumento? Se a tese de
434 insegurança económica estiver correcta, a lógica prevê que o apoio das massas ao populismo
435 deva estar concentrado entre os sectores economicamente marginalizados que são os principais
436 perdedores dos mercados globais, avanços tecnológicos e sociedades do conhecimento. Assim, o
437 voto em populistas devia se verificar com maior incidência entre os trabalhadores não
438 qualificados, desempregados, pessoas sem formação superior, agregados familiares dependentes
439 da segurança social para a sua sobrevivência e aqueles que vivem em aglomerados urbanos em
440 cidades como Londres, Paris, Amesterdão e Munique, que geralmente atraem algumas das
441 maiores concentrações de residentes nascidos no exterior. O apoio a partidos políticos populistas

⁴⁰ Russell J. Dalton e Martin Wattenberg. 2002. *Parties without Partisans: Political Change in Advanced Industrial Democracies*. NY: Oxford University Press.

⁴¹ Hans-Georg Betz. 1994. *Radical Rightwing Populism in Western Europe*. New York: St Martin's Press.

⁴² Michael Hirsh. 28 de Fevereiro de 2016. 'Why Trump and Sanders were inevitable.' *Politico Magazine* <http://www.politico.com/magazine/story/2016/02/why-donald-trump-and-bernie-sanders-were-inevitable-213685>; *The Economist*. 2 de Abril de 2016. 'European Social Democracy: Rose thou art sick.' <http://www.economist.com/news/briefing/21695887-centre-left-sharp-decline-across-europe-rose-thou-art-sick>

442 também deveria ser previsto através de sentimentos subjectivos de insegurança económica,
443 como, por exemplo, entre aqueles que têm dificuldades para fazer face às suas despesas.

444 Algumas evidências empíricas sistemáticas anteriores apoiam o argumento económico.
445 Por exemplo, Lubbers, Gijsberts e Scheepers reportam que o apoio na direita radical a nível de
446 cada país na Europa Ocidental era significativamente mais forte entre os desempregados,
447 operários e os sectores menos escolarizados, assim como entre os homens⁴³. No entanto, estes
448 foram efeitos ao nível de cada país e não transnacional: por exemplo, os autores não constataram
449 maior número de eleitores a votarem em partidos políticos populistas nos países com taxas de
450 desemprego mais elevadas⁴⁴. Numa comparação de cinco países, Niedermayer também constatou
451 que profissionais e trabalhadores de colarinho branco estão consistentemente sub-representados
452 nos eleitores de partidos radicais de direita, embora tenha também demonstrado que a proporção
453 de operários e de indivíduos com baixo nível de escolaridade variou substancialmente entre
454 diferentes partidos como o FPÖ da Áustria, Os Republicanos da Alemanha e o Partido do
455 Progresso da Dinamarca⁴⁵. No entanto, simultaneamente, pesquisas anteriores sugerem várias
456 razões para se duvidar da versão mais mecanicista do argumento económico. Por exemplo, um
457 estudo realizado há uma década atrás concluiu o seguinte: "devemos olhar com cepticismo a
458 ideia de que a direita radical é puramente um fenómeno da política de ressentimento entre a
459 "nova clivagem social" de trabalhadores com baixo nível de competências e de qualificações em
460 aglomerados urbanos, ou que o seu aumento possa ser atribuído mecanicamente a crescentes
461 níveis de desemprego e insegurança no emprego na Europa. As evidências indicam que o perfil
462 social é mais complexo do que os estereótipos populares sugerem"⁴⁶. Além do mais, os partidos

⁴³ Seymour Martin Lipset. 1967. *O Homem Político*. Rio de Janeiro: Zahara Editores; Hans-Georg Betz. 1994. *Radical Rightwing Populism in Western Europe*. New York: St Martin's Press; Marcel Lubbers, Mérove Gijsberts e Peer Scheepers, 2002. 'Extreme right-wing voting in Western Europe.' *European Journal of Political Research* 41 (3): 345-378. Table 4.

⁴⁴ Marcel Lubbers, Mérove Gijsberts e Peer Scheepers, 2002. 'Extreme right-wing voting in Western Europe.' *European Journal of Political Research* 41 (3): 345-378. Veja também Marcel Lubbers e Peers Scheepers. 2001. 'Explaining the trend in extreme right-wing voting: Germany 1989-1998.' *European Sociological Review* 17 (4): 431-449; Pia Knigge. 1998. 'The ecological correlates of right-wing extremism in Western Europe.' *European Journal of Political Research* 34:249-79.

⁴⁵ Oskar Niedermayer. 1990. 'Sozialstruktur, politische Orientierungen und die Uterstützung extrem rechter Parteien in Westeuropa.' *Zeitschrift für Parlamentsfragen* 21(4): 564-82; Herbert Kitschelt e Anthony J. McGann. 1995. *The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis*. Ann Arbor: University of Michigan. Table 2.11.

⁴⁶ Cas Mudde. 2007. *Populist Radical Right Parties in Europe*. NY: Cambridge University Press. Capítulo 5.

463 políticos populistas também surgiram em várias nações europeias mais igualitárias, com políticas
464 de bem-estar social desde o nascimento até à morte, com algumas das populações melhor
465 instruídas e mais seguras do mundo, como a Suécia e a Dinamarca.

466

467 A tese de revolta cultural

468

469 Uma narrativa alternativa igualmente comum está contida na tese de revolta cultural. Esta
470 perspectiva enfatiza que o apoio aos populistas pode ser explicado principalmente como um
471 fenómeno psicológico social, reflectindo uma reacção nostálgica entre os sectores mais velhos do
472 eleitorado que procuram um baluarte contra processos de longo prazo de mudança de valores, a
473 "revolução silenciosa", que transformou as culturas europeias no fim do séc. XX. Esta narrativa
474 prevê que o apoio ao populismo seja especialmente forte entre aqueles que mantêm valores
475 conservadores e normas anacrónicas, incluindo a geração mais velha e os grupos menos
476 instruídos deixados para trás por vagas culturais progressistas.

477

478 A ascensão de valores progressistas

479

480 Um volume considerável de pesquisas baseadas em inquéritos documentou a
481 transformação cultural que ocorreu durante o último meio século nas sociedades ocidentais,
482 exemplificada por um crescente apoio da opinião pública dos valores pós-materialistas em
483 relação aos conservadores, e pela expressão organizacional destes valores no fim do séc. XX
484 através do aumento de novas questões culturais, movimentos sociais e de partidos políticos⁴⁷.
485 Estes desenvolvimentos são exemplificados pelo aumento da tolerância entre as gerações mais
486 jovens e com formação superior vivendo em sociedades ocidentais pela expressão de diversas
487 formas de sexualidade, direitos da comunidade LGBT, casamento entre pessoas do mesmo sexo
488 e agregados familiares variados e identidades de género mais fluidas; valores, hábitos e normas
489 éticas mais seculares; abertura de mentalidade em relação aos imigrantes, refugiados,
490 estrangeiros e diversidades multiculturais de estilos de vida, alimentos e viagens; e apoio
491 cosmopolita à cooperação internacional, assistência humanitária e agências multilaterais como a

⁴⁷ Ronald Inglehart. 1991. *Mudança Cultural em Sociedades Industriais Avançadas*. Madrid: Centro de Investigação Sociológica; Ronald Inglehart. 2001. *Modernização e pós-modernização: mudança cultural, económica e política em 43 países*. Madrid: CIS; Ronald Inglehart and Pippa Norris, 2004. *Rising Tide: Gender Equality in Global Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press. Ronald Inglehart e Christian Welzel, 2009. *Modernização, Mudança Cultural e Democracia: A Sequência do Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Editora Francis.

492 Organização das Nações Unidas (ONU) e a UE⁴⁸. Nos países desenvolvidos, as culturas foram
493 gradualmente transformadas pelo crescente apoio aos valores pós-materialistas progressistas
494 através de processos sucessivos de renovação geracional.

495 Há cerca de 45 anos, argumentou-se que "uma transformação podia estar a ocorrer na
496 cultura política dos países desenvolvidos. Esta transformação parece estar a alterar as prioridades
497 de valores básicos de certas gerações como resultado da alteração de condições que influenciam
498 a sua socialização básica"⁴⁹. A análise subsequente de coortes de nascimento, com base em
499 centenas de inquéritos realizados no período que vai de 1970 a 2008, indica que as coortes de
500 nascimento do pós-guerra realmente trouxeram uma mudança intergeracional de valores
501 materialistas para pós-materialistas, à medida que as coortes mais jovens gradualmente
502 substituíram as mais velhas na população adulta⁵⁰. Esta análise também revela efeitos claros do
503 período em causa, reflectindo as actuais condições económicas: a diferença intergeracional
504 persiste, mas em períodos de insegurança, todas as coortes tendem a mudar para posições mais
505 materialistas e com a recuperação económica, voltam para a posição inicial de longo prazo, de
506 modo que, durante este período de 38 anos, determinadas coortes, pelo menos permanecem tão
507 pós-materialistas como o eram no início.

508 A mudança cultural tem sido vinculada à ascensão de partidos ecologistas “Os Verdes”,
509 bem como de movimentos sociais progressistas e organizações internacionais de activistas que
510 defendem valores como a protecção ambiental, direitos da comunidade LGBT, igualdade racial e
511 de género, ajuda externa e direitos humanos. À medida que os pós-materialistas se tornaram
512 gradualmente mais numerosos na população, trouxeram novas questões à política, levando a uma
513 diminuição de ênfase na classe social e redistribuição económica, e crescente polarização
514 partidária baseada em questões culturais e identidades sociais⁵¹. Os pós-materialistas tendem a
515 emergir de grupos sociais mais estáveis e com formação superior em sociedades ocidentais e são
516 relativamente favoráveis à mudança social progressista e valores humanistas. Nas últimas

⁴⁸ Pippa Norris and Ronald Inglehart. 2009. *Cosmopolitan Communications*. NY: Cambridge University Press.

⁴⁹ Ronald Inglehart. 2012. A Revolução Silenciosa: Mudança Intergeracional nas Sociedades Pós-Industriais. São Paulo: Revista de Sociologia e Política.

⁵⁰ Ronald F. Inglehart, 2008. 'Changing Values among Western Publics, 1970 - 2006: Post-materialist Values and the Shift from Survival Values to Self- Expression Values.' *West European Politics* 31(1-2): 130-46.

⁵¹ Ronald Inglehart. 2001. Modernização e pós-modernização: mudança cultural, económica e política em 43 países. Madrid: CIS.

517 décadas, a Pesquisa Mundial de Valores (WVS, sigla na língua inglesa) mostra que, as
518 sociedades ocidentais estão constantemente a ficar cada vez mais pós-materialistas em muitas
519 questões sociais, especialmente entre a geração mais jovem e a classe média com alto nível de
520 escolaridade⁵². Contudo, simultaneamente, os cidadãos também se tornaram mais críticos em
521 relação às instituições e autoridades políticas estabelecidas, tendo, inclusive, começado a
522 depositar menos confiança nos partidos políticos e parlamentos em democracias
523 representativas⁵³.

524

525 A contra-revolução cultural à revolução silenciosa

526

527 Estes desenvolvimentos foram amplamente confirmados por evidências produzidas
528 através de inquéritos⁵⁴. Mas, desde o início, estes desenvolvimentos provocaram reacções
529 negativas entre os indivíduos conservadores mais velhos que se sentiram ameaçados pela erosão
530 de valores anteriormente predominantes. Em particular, está suficientemente comprovado que a
531 escolarização, idade e o género são fortes preditores do apoio de valores progressistas. A teoria
532 da socialização sugere que os valores fundamentais são adoptados durante a primeira infância e
533 na adolescência. A idade reflecte o processo de mudança geracional de longo prazo, à medida
534 que as coortes de nascimento mais jovens com valores pós-materialistas, que cresceram em
535 países desenvolvidos de bem-estar social ocidentais, gradualmente substituem os seus pais e
536 avós, que tiveram uma infância menos estável durante as décadas entre o fim da I Guerra
537 Mundial e o início da II Guerra Mundial. Evidências substanciais confirmam que crescer com
538 altos níveis de segurança existencial propicia a mente aberta, tolerância e confiança sociais,
539 secularização e aceitação da diversidade⁵⁵. À semelhança das clivagens geracionais, o género

⁵² Para mais detalhes veja-se <http://www.worldvaluessurvey.org/>

⁵³ Pippa Norris. Ed. *Critical Citizens*. NY: Oxford University Press; Pippa Norris. 2011. *Democratic Deficit*. New York: Cambridge University Press.

⁵⁴ Ronald Inglehart. 1991. *Mudança Cultural em Sociedades Industriais Avançadas*. Madrid: CIS; Ronald Inglehart. 2001. *Modernização e pós-modernização: mudança cultural, económica e política em 43 países*. Madrid: Centro de Investigação Sociológica; Ronald Inglehart e Christian Welzel, 2009. *Modernização, Mudança Cultural e Democracia: A Sequência do Desenvolvimento Humano*. Brasília: Editora Francis; Pippa Norris and Ronald Inglehart. 2009. *Sagrado e Secular*. São Paulo: Editora Francis.

⁵⁵ Ronald Inglehart. 2001. *Modernização e pós-modernização: mudança cultural, económica e política em 43 países*. Madrid: CIS; Ronald Inglehart e Christian Welzel, 2009. *Modernização, Mudança Cultural e Democracia: A Sequência do Desenvolvimento Humano*. Brasília: Editora Francis.

540 também pode desempenhar um papel nas tendências culturais: os valores patriarcais
541 conservadores sobre papéis sexuais fixos, que eram predominantes nas sociedades ocidentais,
542 foram gradualmente substituídos por correntes progressistas e feministas a favor de normas
543 sociais de igualdade de género e papéis sexuais intercambiáveis no lar e no local de trabalho,
544 formas mais diversas de casamento e constituição de famílias, bem como mudanças sociais em
545 relação aos papéis da mulher na economia do conhecimento e na política⁵⁶. Portanto, ao longo do
546 tempo, os valores conservadores geralmente defendidos mais intensamente pela geração mais
547 velha, sectores com baixo nível de escolaridade e os homens, gradualmente tornaram-se
548 desfasados com as culturas das sociedades ocidentais contemporâneas em processo de mudança,
549 com este desfasamento a gerar ressentimento, fúria e uma sensação de perda. Quanto mais rápido
550 o ritmo de mudança de valores desafiando os grupos predominantes, mais exaltadas poderão se
551 tornar as guerras culturais. Este fenómeno pode ser associado aos desenvolvimentos políticos
552 para explicar o padrão bem estabelecido de consistentemente os homens serem os maiores
553 apoiantes de partidos políticos populistas⁵⁷.

554 Espera-se que atitudes hostis ou intolerantes em relação aos imigrantes, minorias raciais e
555 étnicas, geralmente dirigidas contra os refugiados, requerentes de asilo e os emigrantes na
556 Europa, especialmente contra os muçulmanos, sejam uma importante fonte de ressentimento.
557 Muitos outros especialistas do tema ligaram o apoio a partidos políticos populistas às atitudes em
558 relação ao multiculturalismo e à imigração⁵⁸. Para Betz, por exemplo, a ascendência destes
559 partidos políticos é, acima de tudo, causada por uma revolta popular contra o aumento do
560 número de imigrantes e requerentes de asilo, e o fracasso dos principais partidos políticos no
561 poder na contenção destes números e protecção de identidades nacionais através de regulamentos

⁵⁶ Ronald Inglehart and Pippa Norris. 2003. *Rising Tide*. NY: Cambridge University Press.

⁵⁷ Terri E. Givens. 2004. 'The radical right gender gap.' *Comparative Political Studies* 37 (1): 30-54.

⁵⁸ Para uma discussão veja-se Hans-Georg Betz. 1994. *Radical Rightwing Populism in Western Europe*. New York: St Martin's Press. Capítulo 3; Roger Karapin. 2002. 'Far right parties and the construction of immigration issues in Germany.' In *Shadows Over Europe: The Development and Impact of the Extreme Right in Western Europe*. Eds. Martin Schain, Aristide Zolberg e Patrick Hossay. Houndsmill: Palgrave Macmillan; Rachel Gibson, Ian McAllister e T. Swenson. 2002. 'The politics of race and immigration in Australia: One Nation voting in the 1998 Election.' *Ethnic and Racial Studies* 25 (5): 823-844; Cas Mudde. 1999. 'The single-issue party thesis: Extreme right parties and the immigration issue.' *West European Politics*. 22(3):182-197; R.A. DeAngelis. 2003. 'A rising tide for Jean-Marie, Jorg, and Pauline? Xenophobic populism in comparative perspective.' *Australian Journal of Politics and History* 49 (1): 75-92; Rachel Gibson. 2002. *The Growth of Anti-Immigrant Parties in Western Europe*. Lewiston, NY: The Edwin Mellen Press; Rachel Gibson. 1995. 'Anti-immigrant parties: The roots of their success.' *Current World Leaders* 38(2):119-30.

562 de políticas de governação eficazes⁵⁹. De acordo com Betz: "não devia constituir surpresa que o
563 surgimento e a ascensão de partidos políticos populistas de extrema-direita na Europa Ocidental
564 tenham coincidido com a crescente vaga de imigrantes e particularmente com o aumento
565 dramático do número de refugiados a procura de paz, segurança e uma vida melhor nos países
566 desenvolvidos da Europa Ocidental. A reacção às novas chegadas foi uma explosão de xenofobia
567 e racismo aberto na maioria dos países da Europa Ocidental... Isto tornou relativamente fácil
568 para os populistas de extrema-direita evocarem, focalizarem e reforçarem sentimentos xenófobos
569 pré-existentes para a obtenção de ganhos políticos". Embora esta seja uma alegação frequente, as
570 evidências que correlacionam o número de imigrantes num determinado país com os níveis de
571 apoio eleitoral a partidos políticos de extrema-direita constatadas pelos estudos anteriores são
572 inconclusivas⁶⁰.

573 Simultaneamente, argumentamos que a xenofobia é apenas uma parte de uma revolta
574 cultural muito mais ampla entre a geração mais velha, que rejeita muitos outros valores liberais e
575 cosmopolitas dispersos em todas as sociedades pós-industriais. Este argumento começou a
576 emergir entre os especialistas do tema - embora o papel da mudança geracional seja muitas vezes
577 negligenciado e a evidência continue inconclusiva. Daí que Ignazi teorize que a mudança de
578 valores das décadas de 1960 e 1970 estava originalmente vinculada ao surgimento de partidos
579 políticos libertários de esquerda como os partidos ecológicos "Os Verdes", mas que também
580 produziu uma revolta reaccionária entre os que continuaram a defender valores morais
581 conservadores na Europa Ocidental, uma "contra-revolução silenciosa" que ajudou os populistas
582 de direita⁶¹. Do mesmo modo, Bornschier argumentou que uma nova clivagem cultural identifica

⁵⁹ Veja-se, por exemplo, Jeff Crisp. 2003. *The closing of the European gates? The new populist parties of Europe.* In Sarah Spencer (Org.). 2003. *The Politics of Migration.* Oxford: Blackwell; Grete Brochmann e Tomas Hammar (Orgs.). 1999. *Mechanisms of immigration control: a comparative analysis of European regulation policies.* New York: Berg.

⁶⁰ Para uma discussão veja-se Thomas F. Pettigrew. 1998. *Reactions toward the new minorities of Western Europe.* *Annual Review of Sociology* 24:77-103; Rachel Gibson. 2002. *The Growth of Anti-Immigrant Parties in Western Europe.* Lewiston, NY: The Edwin Mellen Press; Herbert Kitschelt, with Anthony J. McGann. 1995. *The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis.* Ann Arbor: University of Michigan; Marcel Lubbers, Mérove Gijsberts, and Peer Scheepers, 2002. *Extreme right-wing voting in Western Europe.* *European Journal of Political Research* 41 (3): 345-378; Pippa Norris. 2005. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market.* New York: Cambridge University Press.

⁶¹ Pierre Ignazi. 1992. *The silent counter-revolution: hypotheses on the emergence of extreme right-wing parties in Europe.* *European Journal of Political Research* 22:3-34; Pierre Ignazi. 2003. *Extreme Right Parties in Western Europe.* Oxford: Oxford University Press.

583 partidos políticos de extrema-direita em vários países da Europa Ocidental⁶². Bustikova também
584 sugere um processo paralelo na Europa Oriental, onde o sucesso da direita populista é atribuído
585 ao ressentimento contra os partidos políticos etno-liberais minoritários que têm conseguido obter
586 concessões nas políticas públicas⁶³. A hostilidade em relação à UE também foi descrita como
587 sendo devido, pelo menos em parte, à percepção de que ser-se membro da UE representa uma
588 ameaça cultural⁶⁴. Por exemplo, nas vésperas do referendo sobre o *Brexit*, Curtice constatou que
589 muitos britânicos consideravam a filiação do Reino Unido na EU economicamente benéfica, mas
590 também expressaram preocupação relativamente às consequências culturais⁶⁵.

591 Do lado da oferta da equação, qualquer ressentimento sobre as tendências culturais,
592 precisa de uma plataforma organizacional para se expressar. Os partidos políticos, líderes e
593 movimentos populistas proporcionam um mecanismo de canalização da resistência activa. Daí o
594 slogan de Trump "Fazer a América grande novamente" - e a sua rejeição do "politicamente
595 correcto" – faça lembrar nostálgicamente um mítico "passado dourado", especialmente para
596 homens brancos mais velhos, quando a sociedade americana era menos diversificada, a liderança
597 dos EUA não tinha nenhum rival entre as potências ocidentais durante o período da guerra fria,
598 as ameaças de terrorismo antes do 11 de Setembro (data do ataque às Torres Gémeas e ao
599 Pentágono em 2001) era uma realidade em terras longínquas, mas não nos EUA, e os papéis
600 sexuais convencionais para mulheres e homens reflectiam relações de poder patrimonial no seio
601 da família e na força laboral. A campanha a favor da saída do Reino Unido da UE e a retórica do
602 UKIP também recorre nostálgicamente ao período anterior à entrada do Reino Unido na UE, há
603 mais de quarenta anos, quando o parlamento de Westminster era soberano, a sociedade era
604 predominantemente composta por brancos anglo-saxónicos, as indústrias extractivas e
605 manufactureiras - produzindo aço, carvão, carros – ainda ofereciam empregos bem remunerados
606 e seguros para trabalhadores braçais sindicalizados em Midlands e no Norte, e apesar do declínio
607 dos seus dias de glória como império, o Reino Unido permaneceu uma grande potência

⁶² Simon Bornschieer. 2010. *Cleavage Politics and the Populist Right: The New Cultural Conflict in Western Europe*. Philadelphia: Temple University Press.

⁶³ L. Bustikova. 2014. 'Revenge of the radical right.' *Comparative Political Studies* 47:1738–65.

⁶⁴ L.M. McLaren, L.M., 2002. 'Public support for the European Union: cost/benefit analysis or perceived cultural threat?' *Journal of Politics*, 64(2): 551-566.

⁶⁵ John Curtice. 2015. 'A Question of Culture or Economics? Public Attitudes to the European Union in Britain.' *Political Quarterly* 87(2): 209 - 218.

608 económica e militar liderando a *Commonwealth*. A repetição de mensagens semelhantes pode ser
609 ouvida na retórica de Marine Le Pen, Geert Wilders, Donald Trump e de outros líderes
610 populistas. É mais provável que esta nostalgia atraia cidadãos mais velhos que viram mudanças
611 corroer o seu domínio cultural e ameaçar os seus valores sociais essenciais, potencialmente
612 provocando uma resposta expressando fúria, ressentimento e descontentamento político.

613 Quais são as evidências desta tese? A mudança de valores está fortemente correlacionada
614 com a coorte de nascimento, educação e sexo. Se a tese da revolta cultural for correcta, este
615 argumento prevê que o apoio mais forte a partidos políticos populistas seja observado entre a
616 geração mais velha, homens, indivíduos sem formação superior, e entre os conservadores que
617 mais se opõem aos valores culturais progressistas, tais como nas suas atitudes em relação à
618 sexualidade, religião, multiculturalismo, cosmopolitismo e tolerância de estrangeiros. A
619 crescente insegurança económica e os crescentes níveis de desigualdade social também podem
620 reforçar as mudanças culturais, sugerindo um efeito combinado onde os valores conservadores
621 serão mais fortes entre os mais pobres e sectores mais velhos do eleitorado.

622

623 **II: Metodologia e evidências**

624

625 Na literatura que procura explicar o actual apoio das massas a partidos políticos
626 populistas são frequentes dois argumentos: teorias económicas, que se concentram nos crescentes
627 níveis de insegurança de rendimento e descontentamentos entre os perdedores dos mercados
628 globais e as teorias culturais, que enfatizam uma revolta geracional contra mudanças de longo
629 prazo nos valores sociais liberais e progressistas. Para analisar ao nível de cada país as
630 evidências de pesquisa para cada uma destas teorias, primeiro precisamos de estabelecer uma
631 forma consistente de distinguir e classificar os partidos políticos populistas de acordo com o
632 modelo heurístico ilustrado nas Figuras 1 e 2.

633 Neste trabalho, o populismo é conceptualizado como uma ideologia política extensa e
634 imprecisa enfatizando a fé nas pessoas "decentes", "comuns" ou "pequenas" e não na classe
635 dirigente política e corporativa corruptas; interesses nacionalistas (Nós) sobre a cooperação
636 cosmopolita entre países (Eles); políticas proteccionistas regulando o movimento do comércio,
637 pessoas e finanças sobre o livre comércio global; a xenofobia sobre a tolerância de
638 multiculturalismo; forte liderança individual sobre negociações diplomáticas e flexíveis;
639 isolacionismo em políticas de defesa e de relações internacionais sobre o envolvimento

640 internacional; papéis sexuais tradicionais para homens e mulheres sobre identidades e papéis de
641 género mais fluidos; e valores conservadores sobre valores progressistas. A clivagem cultural
642 separa o populismo do liberalismo cosmopolita, que defende a livre circulação de pessoas, ideias,
643 capitais e culturas para além das fronteiras nacionais, e formas pluralistas de governação
644 baseadas no respeito pela protecção dos direitos das minorias e *checks and balances* nos
645 processos de tomada de decisões.

646 Para obter as evidências empíricas da classificação de partidos políticos neste espectro,
647 recorremos ao CHES realizado em 2014 para identificar o posicionamento ideológico dos
648 partidos políticos em cada país⁶⁶. O CHES convidou especialistas conhecedores de partidos
649 políticos europeus para avaliarem as posições ideológicas e de políticas públicas de partidos
650 políticos no país que lhes fosse mais familiar. No total, o estudo abrangeu 268 partidos políticos
651 em 31 países europeus, incluindo todos os Estados-membros da UE, bem como a Noruega, Suíça
652 e Turquia⁶⁷. O mais recente inquérito do CHES foi realizado entre Dezembro de 2014 e
653 Fevereiro de 2015. A análise factorial com a rotação de componentes principais avaliou a
654 dimensionalidade de treze indicadores seleccionados da base de dados, onde os especialistas do
655 tema classificaram a posição de partidos políticos europeus numa série de itens populistas, como,
656 por exemplo, a defesa de valores conservadores, estilos de vida liberais e multiculturalismo, bem
657 como a sua posição económica em relação à desregulamentação do mercado, gestão estatal da
658 economia e preferências por cortes de impostos ou serviços públicos.

659 Em conformidade com o teorizado, os resultados da análise factorial apresentados na
660 Tabela 1 confirmam que as clivagens económicas e culturais são duas dimensões distintas e
661 consistentes da competição partidária. Os itens listados em cada coluna foram depois somados
662 em duas escalas, económica e cultural, cada uma padronizada para 100 pontos. A escala clássica
663 representada no eixo horizontal da Figura 3 abaixo divide a esquerda económica (a favor de
664 mercados regulamentados, gestão estatal da economia, redistribuição de riqueza e gastos

⁶⁶ Ryan Bakker, Erica Edwards, Liesbet Hooghe, Seth Jolly, Gary Marks, Jonathan Polk, Jan Rovny, Marco Steenbergen & Milada Vachudova. 2015. "2014 Chapel Hill Expert Survey." Versão 2015.1. Disponível em chesdata.eu. Chapel Hill, NC: University of North Carolina, Chapel Hill.

⁶⁷ Os dados da CHES e ESS se sobrepuseram na cobertura de 28 países europeus, mas havia quatro países contidos nos dados agrupados do ESS que não foram classificados no CHES (Ucrânia, Rússia, Islândia e Israel). Nesses casos, foram usadas outras fontes para classificar os partidos políticos populistas, incluindo Tim Immerzeel, Marcel Lubbers & Hilde Coffe. 2011. *Expert Judgment Survey of European Political Parties*. Utrecht: Utrecht University e outros trabalhos de referência.

665 públicos) da direita económica (a favor da desregulamentação, mercados livres, contra a
666 redistribuição e a favor de cortes de impostos). A clivagem cultural representada no eixo vertical
667 divide os populistas (a favor de valores sociais conservadores, contra estilos de vida liberais,
668 promotores do nacionalismo, a favor da lei e ordem, contra o multiculturalismo, contra a
669 imigração, contra os direitos das minorias étnicas, a favor da inclusão de princípios religiosos na
670 política e apoiantes de interesses do meio rural) dos liberais cosmopolitas (assumindo uma
671 posição oposta em todos estes índices).

672 Para confirmar a validade e a fiabilidade externas dos cálculos do CHES, os resultados
673 foram comparados com um estudo independente, a pesquisa de opinião especializada de partidos
674 políticos europeus de Immerzeel, Lubbers e Coffe, realizada em 2010⁶⁸. Este estudo usou uma
675 metodologia semelhante para calcular os pontos de partidos políticos em 38 países europeus,
676 com enfoque em questões populistas, como o nacionalismo e a imigração. As duas bases de
677 dados provaram estar altamente correlacionadas relativamente à posição de partidos políticos nas
678 escalas ideológicas, confirmando os resultados do CHES⁶⁹. Além disso, para a validade do valor
679 nominal, a lista dos partidos políticos classificados de acordo com a escala cultural CHES foi
680 comparada e confirmada com as tentativas anteriores de classificar os partidos políticos
681 populistas⁷⁰. A separação exacta entre partidos políticos populistas e outros tipos de famílias de
682 partidos políticos permanece inevitavelmente por ser melhor definida, por exemplo, onde líderes
683 de outros principais partidos políticos adoptam algumas das retóricas xenófobas ou as políticas
684 restritivas de imigração defendidas por líderes extremistas. Mas a comparação com a literatura
685 existente sugeriu que a categoria de partidos políticos populistas poderia ser definida e
686 operacionalizada empiricamente como aqueles que obtiveram acima de 80 pontos na escala
687 cultural padronizada de CHES de 100 pontos. A classificação e a pontuação dos partidos
688 políticos populistas europeus incluídos no nosso estudo estão listadas no Anexo A.

⁶⁸ Tim Immerzeel, Marcel Lubbers & Hilde Coffe. 2011. *Expert Judgment Survey of European Political Parties*. Utrecht: Utrecht University.

⁶⁹ Os resultados das estimativas da CHES e Immerzeel et al. relativamente ao posicionamento ideológico dos partidos políticos foram comparados, tendo se constando correlações simples fortes ($R = 0,85$ ***) para a escala cultural e também para a escala esquerda-direita ($R = 0,88$ * **).

⁷⁰ As comparações foram feitas com partidos políticos populistas listados em Cas Mudde. 2007. *Populist Radical Right Parties in Europe*. NY: Cambridge University Press.

689 Finalmente, recorreremos aos dados agregados do Inquérito Social Europeu (2002-2014)
690 para analisar a evidência transnacional de nível micro para ambos os argumentos principais. Este
691 inquérito tem a vantagem de os dados agregados de seis rondas totalizarem 293.856 inquiridos,
692 constituindo uma amostra suficientemente grande da população europeia em 32 países para se
693 identificar a base eleitoral de partidos políticos mais pequenos com algum grau de fiabilidade. Os
694 casos foram ponderados por pesos de pós-estratificação, incluindo pesos de desenho. Os
695 especialistas do tema desenvolveram várias escalas para medir as atitudes populistas na
696 população em geral⁷¹. Neste estudo, os apoiantes de partidos políticos populistas são avaliados
697 com base nas suas intenções de voto, usando as verificações de robustez para ver se padrões
698 similares são evidentes ao prever as filiações partidárias. Os modelos de regressão logística
699 multivariada analisam as evidências das explicações culturais e económicas.

700 As variáveis seleccionadas e a codificação estão listadas no Anexo Técnico B. Os
701 modelos incluem controlos demográficos e sociais padrões, incluindo sexo, idade, escolarização
702 e etnia. A desigualdade económica foi monitorada através de indicadores seleccionados de classe
703 ocupacional (usando o esquema de classes de Goldthorpe), experiência de desemprego,
704 agregados familiares dependentes da assistência social (excluindo pensões) para a sua
705 sobrevivência, urbanização e sentimentos subjectivos de insegurança de rendimento. Recorreu-se
706 à análise factorial de componentes principais com a rotação varimax para determinar a
707 dimensionalidade duma série de itens culturais que foram incluídos em todas as rondas do ESS e
708 que se esperava que fossem particularmente salientes relativamente à divisão entre os valores
709 populistas e liberais cosmopolitas. Através deste processo, produziu-se cinco escalas de valores,
710 incluindo escalas sobre atitudes em relação à imigração, confiança na governação global,
711 confiança na governação nacional, valores autoritários e auto-posicionamento ideológico
712 esquerda-direita. Para facilitar a comparação, cada uma das escalas de valores foi padronizada
713 em 100 pontos. Para que a análise não tivesse problemas de multicolinearidade, todos os
714 modelos foram submetidos a testes de avaliação da multicolinearidade. A inclusão de itens que
715 consistentemente constam em todas as rondas do ESS maximizou o tamanho da amostra
716 agregada de eleitores populistas e, portanto, reforçou a confiança na fiabilidade dos resultados.
717 Embora, infelizmente, também tenha restringido a série total de itens que, idealmente, poderiam

⁷¹ Agnes Akkerman, Cas Mudde & Andrej Zaslove. 2014. 'How populist are the people? Measuring populist attitudes in voters.' *Comparative Political Studies* 47:1324–53.

718 ser incluídos, por exemplo, em relação à igualdade de género. As médias descritivas e os
719 desvios-padrão de todos os itens são apresentados no Anexo C.

720

721 **III: Classificação e comparação de partidos políticos**

722

723 De acordo com os especialistas do tema, como primeiro passo da análise, as duas escalas
724 ideológicas do conjunto de dados do CHES podem ser usadas para comparar o posicionamento
725 ideológico dos partidos políticos europeus. Após a classificação dos partidos políticos em ambas
726 as escalas, usando os dados do CHES, o mapa resultante da competição partidária europeia está
727 ilustrado no gráfico de dispersão apresentado na Figura 3.

728 O quadrante superior direito reflecte a posição dos partidos populistas da direita como o
729 Partido da Independência do Reino Unido (UKIP), o Partido Popular Suíço (SVP) e o Congresso da
730 Nova Direita da Polónia (KNP, sigla em polaco). Todos estes partidos políticos são
731 economicamente libertários e pró-mercado, socialmente conservadores relativamente aos valores
732 tradicionais, e de orientação profundamente eurocética. Por exemplo, desde o início dos anos de
733 1990, sob a liderança de Christoph Blocher, o SVP promoveu uma filosofia de conservadorismo
734 nacional, defendendo um papel limitado para o governo e o estado de bem-estar social. As suas
735 políticas económicas se opõem ao défice público, regulação governamental da protecção
736 ambiental, envolvimento militar no exterior e laços mais estreitos com a OTAN. Relativamente
737 às questões culturais, o SVP destacou o euro-cepticismo, leis do asilo estritas, e a oposição ao
738 multiculturalismo e à imigração. Por exemplo, esta formação política advogou com sucesso por
739 uma iniciativa para proibir a construção de minaretes, que posteriormente se tornou uma emenda
740 à Constituição Sueca. Liderado por Albert Rösti, após as eleições gerais de 2015, e estimulado
741 pelo medo da crise de migração europeia, o SVP se tornou a bancada maioritária na Assembleia
742 Federal, órgão legislativo bicameral da Suíça, com cerca de um terço dos assentos parlamentares.

743 A Figura 3 também mostra os partidos políticos populistas de esquerda, posicionados no
744 quadrante superior esquerdo. Muitos partidos políticos nesta categoria estão localizados na
745 Europa Central e Oriental, como, por exemplo, o partido *Ataka (Attack)* da Bulgária, que é
746 xenófobo e ultranacionalista, em especial anti-muçulmanos, ao mesmo tempo que advoga
747 políticas sociais e económicas clássicas de esquerda como o restabelecimento da propriedade
748 estatal das principais indústrias e o aumento das despesas com a educação, assistência social e

749 saúde⁷². Outros partidos políticos de esquerda populista são exemplificados pelo Movimento por
750 uma Hungria Melhor e Aurora Dourada da Grécia, dois partidos políticos euro-cépticos,
751 nacionalistas, anti-imigrantes e racistas, ao mesmo tempo que promovem uma crítica radical do
752 capitalismo global. Os partidos políticos populistas de esquerda eram particularmente comuns na
753 Europa pós-comunista. Evidências de algumas pesquisas sugerem que o poder apelativo de
754 Trump também se enquadra nesta categoria: é culturalmente populista, enfatizando retóricas e
755 políticas anti-imigração, combinadas com algumas posições económicas de esquerda, como, por
756 exemplo, na protecção da segurança social e assistência médica, apoiando o seguro de saúde
757 público, despesas em infra-estrutura e proteccionismo no comércio, embora os sinais sobre os
758 seus posicionamentos políticos permaneçam inconstantes e continuem a mudar ao longo de
759 sucessivos discursos de campanhas eleitorais⁷³.

760 Contrariamente, os partidos políticos posicionados no quadrante inferior direito são
761 aqueles que reflectem a direita liberal cosmopolita, a favor de valores socialmente progressistas e
762 mercados livres neoliberais, defendendo simultaneamente fronteiras mais abertas para a livre
763 circulação de capital e da mão-de-obra. Esta categoria é exemplificada pelo Movimento Liberal
764 da República da Lituânia, aliado ao Partido da Aliança dos Liberais e Democratas pela Europa e
765 NEOS-A Nova Áustria (a Nova Áustria e o Fórum Liberal).

766 Finalmente, muitos partidos políticos estão posicionados à esquerda liberal e cosmopolita,
767 incluindo partidos políticos de tendência ecologista tais como o Ecolo Francófono na Valónia,
768 partido ecologista da região francófona da Bélgica, e “Os Verdes” da Alemanha, bem como
769 vários partidos políticos socialistas e sociais-democratas tradicionais europeus. Estes partidos
770 políticos são tipicamente abertos ao mundo, apoiando instituições multilaterais de governação
771 global, cooperação e engajamento humanitário, fronteiras nacionais fluidas e sociedades abertas,
772 bem como regulação económica e estados de bem-estar social.

773 O eixo vertical na Figura 3 reflecte a polarização entre duas visões de mundo opostas:
774 uma perspectiva liberal cosmopolita motivada pelos valores pós-materialistas e de auto-
775 expressão e outra autoritária-xenófoba e populista. A crescente proeminência de valores pós-

⁷² [https://en.wikipedia.org/wiki/Attack_\(political_party\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Attack_(political_party))

⁷³ Michael Tesler. 27 de Janeiro de 2016. 'A newly released poll shows the populist power of Donald Trump.' *The Washington Post/Monkey Cage*. https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2016/01/27/a-newlyreleased-poll-shows-the-populist-power-of-donald-trump/?tid=a_inl

776 materialistas no fim da década de 1960 e na década de 1970 estimulou uma revolta cultural quase
777 que imediatamente. Como indicou Inglehart há mais de 25 anos:

778 “Os partidos políticos ecologistas começaram a surgir em muitos países em que o sistema
779 eleitoral não tende a estrangular novos partidos. Porquê? A causa ecológica é apenas uma das
780 muitas questões pós-modernas preferidas pelos pós-materialistas. Este eleitorado é distinto em
781 toda a sua visão de mundo: é relativamente favorável aos direitos da mulher, pessoas portadoras
782 de deficiências, emancipação de homossexuais/lésbicas, minorias étnicas e uma série de outras
783 causas. Mas a causa ecológica surgiu como o centro simbólico deste amplo movimento de
784 emancipação cultural...”

785 No entanto, desde o início, o surgimento de causas pós-materialistas provocou reacções
786 negativas. O movimento de protesto estudantil francês conseguiu paralisar todo o país em Maio
787 de 1968; mas levou a uma enorme mudança dos eleitores da classe trabalhadora, que apoiaram
788 De Gaulle como garante da lei e da ordem, dando aos Gaullistas uma vitória expressiva nas
789 eleições de Junho de 1968. No mesmo ano, as manifestações estudantis nos EUA conseguiram
790 derrubar Lyndon Johnson, mas alienaram grande parte do eleitorado tradicional do Partido
791 Democrata - muitos dos quais passaram a apoiar um candidato reaccionário, George Wallace,
792 permitindo que Richard Nixon fosse eleito presidente dos EUA. As eleições de 1972 foram, de
793 algum modo, uma repetição, excepto que, desta vez, eleitores que normalmente votavam no
794 Partido Democrata que foram repelidos pelo aparente radicalismo da campanha George
795 McGovern votaram em Richard Nixon: pela primeira vez na história, os eleitores da classe
796 trabalhadora branca estavam tão inclinados a votar num candidato republicano como num
797 democrata. As consequências destes eventos transformaram os dois partidos, mas os EUA
798 continuam com um sistema de dois partidos políticos, com os dois partidos tendo os mesmos
799 rótulos que antes: superficialmente, o sistema parece inalterado.

800 Embora os partidos políticos pós-materialistas tenham surgido na Holanda e na Bélgica
801 durante a década de 1970, a Alemanha Ocidental foi o primeiro país a testemunhar a entrada de
802 um partido ecologista no parlamento de uma das nações mais industrializadas do mundo. Os
803 protestos pós-materialistas manifestaram-se tão dramaticamente na Alemanha como nos EUA ou
804 França, mas foi apenas em 1983 que o Partido Ecologista “Os Verdes” da Alemanha estava
805 suficientemente forte e bem organizado para superar o obstáculo de 5% de votos, imposto pela
806 legislação alemã e entrar no parlamento da Alemanha Ocidental – introduzindo uma mudança

807 estrutural significativa na política alemã. Mas, mais recentemente, o Partido Ecologista “Os
808 Verdes” foi obrigado a competir com o Os Republicanos caracterizado pela xenofobia e
809 conservadorismo cultural. Nas eleições gerais de 1994, o Partido Ecologista “Os Verdes” obteve
810 7% dos votos. Em contrapartida, Os Republicanos, partido político alemão de orientação
811 nacionalista, por outro lado, foram estigmatizados como herdeiros dos nazistas e obtiveram
812 apenas 2% dos votos, o que foi insuficiente para garantir uma representação parlamentar.
813 Todavia, as forças xenófobas já tiveram um impacto substancial na política Alemã, incentivando
814 os principais partidos políticos a mudar os seus posicionamentos políticos para atrair o eleitorado
815 Republicano. Estes esforços inclusive incluíram uma emenda à constituição Alemã: para reduzir
816 a afluência de estrangeiros, a cláusula que garante o direito de asilo político sem
817 condicionalismos foi eliminada em 1993, numa decisão apoiada por uma maioria de dois terços
818 do parlamento Alemão.

819 Ainda que apenas uma pequena porção do eleitorado vote no Partido Ecologista “Os
820 Verdes” na Alemanha, a sua ascensão também já teve um grande impacto... O seu maior
821 impacto na política Alemã foi ter conseguido forçar os principais partidos políticos, desde os
822 cristãos-democratas aos sociais-democratas, a adoptar posições pró-ambientais para poder
823 competir pelo eleitorado do Partido Ecologista “Os Verdes”. Como sugere a Figura 2, o Partido
824 Ecologista “Os Verdes” e Os Republicanos, estão localizados em pólos opostos de uma nova
825 dimensão política. Se julgássemos apenas pelos seus rótulos, isto poderia não parecer o caso: Os
826 Republicanos não se consideram um partido político anti-ambiental; nem “Os Verdes” um
827 partido político pró-imigrantes. Mas, de facto, os seus eleitorados são desproporcionalmente
828 materialistas e pós-materialistas, respectivamente. E estes partidos adoptam políticas opostas
829 sobre questões relevantes. Os partidos políticos mais antigos estão dispostos no eixo económico
830 tradicional esquerda-direita, fundados numa era em que as clivagens políticas eram dominadas
831 por conflitos de classes sociais. Neste eixo (a dimensão horizontal da Figura 3) ambos os
832 eleitorados, elites e massas, colocam o Partido Social-Democrata (ex-comunistas da Alemanha
833 Oriental) no extremo esquerdo, seguido pelos sociais-democratas e os democratas livres, com os
834 democratas cristãos à direita do espectro. Embora ambos os eleitorados, as elites e as massas,
835 tendam a considerar que os partidos ecologistas “Os Verdes” estão posicionados à esquerda,
836 estes representam uma esquerda totalmente nova. Tradicionalmente, os partidos políticos de
837 esquerda basearam-se em círculos eleitorais da classe trabalhadora e advogaram um programa

838 que exigia a nacionalização da indústria e redistribuição de rendimento. Num contraste
839 impressionante, a esquerda pós-materialista atrai principalmente um eleitorado da classe média e
840 está apenas vagamente interessada no programa clássico de esquerda. Por exemplo, como
841 indicam as evidências citadas abaixo, os pós-materialistas não são necessariamente mais
842 favoráveis à propriedade estatal que os materialistas. Mas os pós-materialistas são
843 profundamente favoráveis à posição da esquerda em questões pós-modernas – que amiúde
844 repelem a classe trabalhadora, tradicional eleitorado da esquerda.

845 O eixo vertical na Figura 2 reflecte a polarização entre os valores pós-modernos e
846 fundamentalistas, reflectindo diferenças na sensação subjectiva de segurança das pessoas.
847 Perante a insegurança, num pólo encontramos uma abertura pós-moderna à diversidade étnica e à
848 mudança de papéis de género. E, no pólo oposto, encontramos uma ênfase em valores familiares
849 (muitas vezes baseados na religião conservadora) ... Os movimentos fundamentalistas continuam
850 a emergir entre os grupos populacionais menos seguros mesmo de países mais desenvolvidos,
851 com as pessoas enfatizando a importância dos valores conservadores em tempos de *stress* ⁷⁴.

852 A revolta cultural contra os valores pós-materialistas tem estado presente desde que a sua
853 relevância política ganhou notoriedade no fim da década de 1960. Mas, nas décadas de 1970 e
854 1980, o fenómeno mais dramático foi a ascensão de movimentos e partidos políticos
855 progressistas como partidos ecológicos “Os Verdes”. Naquela época, partidos políticos
856 apologistas da revolta cultural tais como a Frente Nacional Francesa, eram relativamente
857 pequenos. Actualmente, estes partidos políticos tornaram-se importantes em muitos países e
858 Donald Trump tornou-se o candidato de um grande partido político nos EUA.

859

860 **Aumento de apoio eleitoral a partidos políticos populistas**

861

862 Nas últimas décadas, os partidos políticos populistas ganharam um crescente apoio entre
863 os eleitorados de países desenvolvidos. Com recurso a base de dados de parlamentos e governos
864 de Estados-membros da UE (portal *ParlGov*) e usando a classificação de partidos políticos
865 descrita acima, o gráfico na Figura 4 ilustra a crescente partilha de votos tanto para os partidos
866 políticos populistas de direita quanto para os de esquerda desde 1970 nas eleições nacionais e

⁷⁴ Ronald Inglehart. 2001. Modernização e pós-modernização: mudança cultural, económica e política em 43 países. Madrid: CIS.

867 parlamentares europeias em vários países europeus⁷⁵. Isto sugere que ocorreu um aumento
868 durante a década de 1970, e uma vaga de apoio durante as décadas de 1980 e 1990, antes de um
869 subsequente abrandamento ou estabilização na última década. A porção média de votos a
870 partidos políticos populistas de direita aumentou de 6,7% na década de 1960 para 13,4% na
871 década de 2010. Durante o mesmo período, a porção média de assentos parlamentares aumentou
872 paralelamente de 5,9% para 13,7%. A porção média de votos a partidos populistas de esquerda
873 aumentou de 2,4% na década de 1960 para 12,7% na década de 2010, enquanto a sua porção de
874 assentos parlamentares aumentou em média 0,12% a 11,5% durante as mesmas décadas. Os
875 ganhos foram particularmente dramáticos após a queda do Muro de Berlim e a abertura de
876 espaço para a competição partidária na Europa Oriental e Central. Mais recentemente, nas
877 eleições parlamentares europeias de 2014, também se registou uma vaga de apoio a partidos
878 políticos populistas, como a Frente Nacional da França, Movimento 5 Estrelas (M5S) da Itália,
879 Partido do Povo Dinamarquês, Partido da Liberdade da Áustria (FPÖ), Partido para a Liberdade
880 da Holanda e o UKIP.

881 No entanto, o sucesso dos populistas varia substancialmente entre os países europeus e o
882 apoio pode revelar-se muito imprevisível e inconstante ao longo do tempo se os partidos
883 políticos não bem institucionalizados não conseguirem substituir um líder carismático e se não
884 tiverem uma forte base organizacional extra-parlamentar. Assim como aconteceu com o Partido
885 Nacional Britânico (BNP) e a Frente Nacional Britânica (BNF) no Reino Unido, em que ambos
886 foram ofuscados pelo UKIP. A Figura 4 ilustra a porção de votos a partidos políticos populistas
887 nas eleições gerais em duas dezenas de países europeus no período que vai de 1970 a 2016. É
888 evidente que a porção de votos obtidos por estes partidos políticos varia mesmo entre economias
889 do conhecimento pós-industriais relativamente semelhantes, países vizinhos que partilham a
890 mesma cultura e países que dum modo geral têm regimes eleitorais do tipo maioritário ou
891 proporcional semelhantes. Por exemplo, os contrastes observados entre a Noruega e a Suécia,
892 entre a Áustria e a Alemanha (com partidos políticos de extrema-direita fortemente restringidos
893 pela Constituição Alemã), e entre o Reino Unido e a França. Isto sugere que tanto os factores do
894 lado da oferta quanto as regras de jogo institucionais são partes importantes das explicações
895 exaustivas das perspectivas eleitorais de partidos políticos populistas específicos.

⁷⁵ Holger Döring e Philip Manow. 2016. Base de dados de parlamentos e governos (ParlGov); dados de eleições:
<http://www.parlgov.org/>

896

897 **A agenda de políticas públicas em mudança**

898

899 Evidências adicionais da análise do conteúdo de manifestos eleitorais também
900 demonstram a mudança de campo de batalha da competição partidária europeia e o aumento da
901 clivagem cultural. Durante as décadas de pós-guerra, o padrão de competição partidária na
902 Europa Ocidental baseou-se em divisões entre partidos políticos comunistas e socialistas à
903 esquerda e os partidos políticos economicamente conservadores e liberais clássicos à direita
904 divididos principalmente em relação às questões de gestão económica keynesiana, tributação
905 redistributiva e gastos de estados de bem-estar social. Durante as décadas de 1950 e 1960, os
906 principais partidos políticos priorizaram questões básicas de política económica e social nas suas
907 agendas de políticas públicas – tal como desemprego, inflação, tributação, direitos dos
908 sindicatos, serviços públicos, cuidados de saúde, habitação, educação e assistência social –
909 provocando clivagens de classe e filiações partidárias no eleitorado. Outras diferenças em
910 políticas públicas, como, por exemplo, sobre a política externa e relações internacionais,
911 geralmente tiveram um papel menos importante na política eleitoral e reforçaram em grande
912 medida as diferenças económicas na competição partidária. Os principais partidos políticos
913 foram fundados na época em que as questões económicas de crescimento, empregos, impostos e
914 inflação eram dominantes e a classe trabalhadora eram a principal base de apoio dos partidos
915 políticos socialistas, comunistas e sociais-democratas.

916 Actualmente, a desigualdade económica ainda é uma questão importante, dividindo os
917 vencedores e os perdedores dos mercados globais e comércio livre. As clássicas questões
918 económicas não desapareceram de modo algum. Mas a sua relativa proeminência diminuiu de tal
919 modo que, no fim da década de 1980, como ilustra a Figura 5, as questões não-económicas
920 tornaram-se mais proeminentes que as questões económicas nos manifestos eleitorais de partidos
921 políticos ocidentais. A crescente relevância dos valores progressistas na sociedade gerou o
922 surgimento gradual de uma nova clivagem cultural na competição partidária que põe em causa os
923 sistemas partidários do pós-guerra. Na actualidade, muitos dos conflitos inflamados são culturais,
924 que têm a ver com questões como a imigração, ameaça de terrorismo, direito a aborto, casamento
925 entre pessoas do mesmo sexo e identidades de género mais fluidas e o apoio à mudança
926 progressiva nestes assuntos provém cada vez mais de gerações mais jovens de pós-materialistas
927 bem-instruídas, na sua maioria provindas da classe média.

928 A Figura 5 ilustra como as questões enfatizadas em manifestos eleitorais de forças
929 políticas evoluíram no período que vai de 1950 a 2010 em treze democracias ocidentais,
930 nomeadamente, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Alemanha, Irlanda, Itália,
931 Holanda, Noruega, Suécia, Suíça e EUA. Além disso, a Figura 5 mostra o declínio da ênfase em
932 questões económicas. Os programas de partidos políticos foram dominados por estas questões
933 até cerca de 1968, quando as questões levantadas pelo protesto estudantil brevemente dominaram
934 a agenda de políticas públicas. As questões económicas voltaram a dominar as discussões
935 políticas no período que vai de 1970 até os primórdios da década de 1980, quando as questões
936 não económicas começaram a tornar-se mais proeminentes. Nas últimas duas décadas, as
937 questões não económicas dominaram consistentemente a competição partidária e manifestos
938 eleitorais rivais por uma larga margem.

939

940 **O declínio do voto por classe**

941

942 Além disso, o papel da classe social como a base da competição partidária entre partidos
943 políticos de direita e de esquerda no plano económico também mudou. Um truísmo antigo da
944 sociologia política, desde o clássico trabalho de Seymour Martin Lipset e Stein Rokkan, é de
945 que, em todos os países ocidentais, os eleitores da classe trabalhadora tendem a apoiar os
946 partidos políticos de esquerda e os eleitores da classe média os de direita⁷⁶. Esta era uma
947 descrição correcta da realidade por volta de 1950, mas a tendência tem vindo gradualmente a
948 alterar-se. A ascensão de questões culturais tende a neutralizar a polarização política baseada na
949 classe social. A base social de apoio às novas políticas públicas de esquerda tem cada vez mais
950 vindo da classe média - mas, simultaneamente, uma porção significativa da classe trabalhadora
951 mudou as suas preferências políticas e passou a apoiar partidos políticos populistas.

952 Como ilustra a Figura 6, o voto por classe social diminuiu acentuadamente no período
953 que vai de 1950 a 1992. Se 75% da classe trabalhadora votasse na esquerda, e apenas 25% da
954 classe média fizesse o mesmo, obter-se-ia um índice de voto de 50. Esta era a situação do
955 eleitorado Sueco em 1948 - mas até 1990 o índice de voto havia baixado para 26.
956 Tradicionalmente, a Noruega, Suécia e a Dinamarca tiveram os níveis mais altos de voto por

⁷⁶ Stein Rokkan & Martin Lipset. 1967. *Party Systems and Voter Alignments*. New York: Free Press; Seymour Martin Lipset. 1967. *O Homen Político*. Rio de Janeiro: Zahara Editores; Stein Rokkan. 1970. *Citizens, Elections, Parties: Approaches to the Comparative Study of the Processes of Development*. Oslo: Universitetsforlaget. Veja-se também Geoffrey Evans. *Org. The end of class politics? Class voting in comparative context*. Oxford: Oxford University Press.

957 classe social no mundo. Mas, durante este período, os três países tiveram declínios bruscos de
958 voto por classe social⁷⁷. No fim da década de 1940 e início da de 1950, nos EUA, Reino Unido,
959 França e Alemanha Oriental os eleitores da classe trabalhadora tendiam a apoiar a esquerda que
960 os eleitores da classe média, por margens que variavam de 30 a 45 pontos percentuais. Até a
961 década de 1980, o voto por classe social havia decrescido para os níveis mais baixos registados
962 no Reino Unido, França, Suécia e Alemanha Ocidental. Até a década de 1990, o voto por classe
963 social na maioria das democracias era menos da metade comparativamente à geração anterior.
964 Nos EUA, o voto por classe social baixou para níveis tão baixos que praticamente não havia
965 espaço para mais decréscimo. O rendimento e a escolarização tornaram-se indicadores muito
966 mais fracos das preferências políticas dos norte-americanos que a religiosidade ou posição sobre
967 o aborto, ou casamento entre pessoas do mesmo sexo: por largas margens, aqueles que se
968 opunham ao aborto e ao casamento entre pessoas do mesmo sexo apoiaram o candidato
969 presidencial republicano em detrimento do candidato democrata. O eleitorado mudou da
970 polarização baseada na classe social para a baseada em valores. A crescente ênfase nas questões
971 culturais teve profundas consequências positivas - mas também retirou a atenção nas questões
972 clássicas de redistribuição económica. Desde a década de 1930 até a de 1970, os partidos
973 políticos voltados para a classe trabalhadora de centro-esquerda tiveram um papel importante em
974 países ocidentais, elegendo governos que implementaram políticas redistributivas, desde
975 programas progressistas de impostos de rendimento aos cuidados de saúde e segurança social
976 que reduziram a desigualdade económica e aumentaram a segurança existencial. A ênfase sobre
977 estes programas desvaneceu.

978

979 **IV: Análise do apoio das massas a partidos políticos populistas Europeus**

980

981 Qual é a base do apoio de massas a partidos políticos populistas e, em particular, qual é o
982 papel de factores económicos e culturais? Para analisar a evidência transnacional, recorreremos aos
983 dados agrupados do Inquérito Social Europeu, abrangendo o período que vai de 2002 a 2014. A
984 Tabela 2 apresenta os resultados de modelos de regressão logística que predizem o voto a favor
985 de um partido político populista nas anteriores eleições gerais. O modelo “A” inclui os controlos

⁷⁷ Ole Borre. 1984. 'Critical electoral change in Scandinavia.' In Dalton, Russell J., Flanagan, Scott C. & Beck, P.A.(Orgs.), *Electoral Change in Advanced Industrial Democracies*. Princeton: Princeton University Press: 330-364.

986 demográficos e sociais, incluindo idade, sexo, escolarização, religiosidade e pertença a uma
987 minoria étnica. O modelo “B” acrescenta vários indicadores intimamente associados à
988 desigualdade económica e privação social, incluindo o esquema de classes de Goldthorpe,
989 experiência de desemprego, dependência da assistência social para a sobrevivência, urbanização
990 e insegurança económica subjectiva (agregados familiares que reportaram dificuldades em viver
991 com os seus actuais rendimentos). O modelo “C” acrescenta as escalas de valores culturais
992 associados à ideologia populista, incluindo atitudes em relação à imigração, governação global,
993 confiança em governos nacionais, valores autoritários e auto-posicionamento na escala
994 ideológica esquerda-direita. Modelo “D” apresenta o modelo completo que conjuga todas as
995 variáveis, incluindo efeitos de interacção ligando atitudes com a insegurança económica.

996

997 Os modelos destacam várias principais constatações

998

999 Primeiro, os resultados do modelo “A”, com controlos, confirmam que vários factores
1000 demográficos e sociais padrões estão consistentemente associados ao voto em partidos políticos
1001 populistas. A idade é um preditor significativo de apoio eleitoral, com os eleitores mais jovens a
1002 mostrarem-se menos inclinados a votar em partidos políticos populistas que as gerações mais
1003 velhas (vide a Figura 8). Esta constatação dá algum apoio inicial ao argumento das mudanças
1004 culturais enfatizando os fossos geracionais. A consistente diferença de género, documentada em
1005 muitos estudos anteriores, também é aqui confirmada, com os homens revelando-se mais a favor
1006 de partidos políticos populistas que as mulheres. Como se esperava, a escolarização também é
1007 um factor significativo, com os partidos políticos populistas obtendo maior apoio dos sectores
1008 menos escolarizados da população (embora este efeito torne-se posteriormente insignificante nos
1009 modelos “D” e “E”). A religiosidade, um forte indicador de uma ampla gama de valores
1010 tradicionais, também está positivamente correlacionada com o voto em populistas. Sem
1011 surpresa, dada a retórica xenófoba populista, os membros das minorias étnicas estão menos
1012 inclinados a apoiar partidos políticos populistas. Resumindo, o apoio a populistas é maior entre a
1013 geração mais velha, homens, pessoas menos instruídas, maiorias étnicas e os religiosos. Também
1014 é importante mencionar que essas relações se mantêm estáveis em modelos sucessivos. Isto
1015 confirma o perfil encontrado em estudos anteriores, embora os motivos exactos subjacentes a

1016 essas relações permaneçam pouco evidentes e passíveis de interpretações alternativas⁷⁸. Os
1017 efeitos da instrução, por exemplo, podem ser atribuídos ao seu papel na determinação de
1018 oportunidades de vida subsequentes, ou aos valores, conhecimentos e habilidades cognitivas
1019 geralmente adquiridas através da educação formal. Estas constatações não podem, por si só,
1020 excluir definitivamente o argumento da insegurança económica ou a tese de revolta cultural.

1021 Com os controlos discutidos acima, o modelo “B” analisa especificamente se os
1022 indicadores de insegurança económica estão associados ao voto em populistas. Os resultados da
1023 análise são inconclusivos e inconsistentes em todos os indicadores alternativos da insegurança
1024 económica. O esquema de classes profissionais de Goldthorpe está incluído no modelo. Aqui, os
1025 resultados sugerem que, em comparação com gestores e profissionais (categoria predefinida),
1026 todas as outras classes sociais estão positivamente associadas ao apoio aos partidos políticos
1027 populistas. Porém, como sugerem as primeiras teorias sociológicas, o apoio mais forte a
1028 populistas (de acordo com os coeficientes beta) permanece entre a pequena burguesia -
1029 tipicamente pequenos proprietários como trabalhadores por conta própria tais como
1030 canalizadores ou pequenos negócios familiares e pequenos comerciantes - não entre
1031 trabalhadores braçais não especializados com salários baixos⁷⁹. A Figura 9 ilustra esta tendência.
1032 Em apoio a esta tese, a experiência de desemprego estava positivamente associada ao voto em
1033 populistas. A insegurança subjectiva (agregados familiares que reportaram dificuldades em viver
1034 com os seus actuais rendimentos) também foi significativa neste modelo, embora o efeito tenha
1035 sido revertido no modelo “C”, quando foram adicionadas as atitudes culturais. Além disso,
1036 contrariamente ao que prevê a tese de insegurança económica, os populistas receberam muito
1037 menos apoio (não mais) entre aqueles agregados familiares cuja principal fonte de rendimento
1038 são as transferências sociais (a definição de transferências sociais exclui pensões para reduzir a
1039 contaminação com os efeitos da idade). O apoio eleitoral a populistas também esteve
1040 concentrado na população da zona rural, em vez de aglomerações urbanas que normalmente têm
1041 níveis mais elevados de estrangeiros residentes e de privação social. O ajuste geral do modelo

⁷⁸ Pippa Norris. 2005. *Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market*. New York: Cambridge University Press.

⁷⁹ Foi analisado um esquema alternativo de classe social nos modelos usando uma categorização quártupla para classificar as ocupações do ISCOCO, incluindo (i) gestores e profissões, (ii) gestores médios, (iii) outra ocupação de colarinho branco, (iv) classe trabalhadora qualificada e (v) classe trabalhadora não qualificada. Isto sugere que o apoio a partidos populistas foi mais forte entre os trabalhadores braçais, não qualificados com salários mais baixos e condições menos seguras.

1042 “B” apenas não melhora muito o modelo “A”. Outros testes, por exemplo, com um esquema de
1043 classe ocupacional diferente, também sugerem que os resultados são sensíveis à especificação
1044 exacta do modelo em vez de robustos. Resumindo, a sustentação da tese de insegurança
1045 económica por este modelo é apenas parcial – com o desemprego a apresentar-se como o
1046 indicador socioeconómico mais claro de voto em populistas.

1047 O modelo “C” conjuga todas as cinco escalas de valores culturais que se espera que
1048 prevejam o apoio eleitoral em partidos populistas, incluindo atitudes anti-imigrantes,
1049 desconfiança na governação global, desconfiança na governação nacional, apoio a valores
1050 autoritários e auto-posicionamento ideológico na esquerda ou direita. Todos os indicadores
1051 culturais estão significativamente associados ao voto em populistas e os coeficientes apontam na
1052 direcção esperada. Embora seja ainda relativamente modesto, o ajuste do modelo (com recurso
1053 ao modelo Nagelkerke R^2) também melhora consideravelmente em relação aos modelos
1054 anteriores quando estas variáveis são adicionadas e os controlos permanecem consistentes e
1055 estáveis. Em resumo, o modelo “C”, que conjuga controlos sociais e atitudes culturais apresenta
1056 uma explicação moderada do voto em populistas na Europa.

1057 Para explorar ainda mais, o modelo “D” analisa os efeitos da conjugação de indicadores
1058 culturais e económicos com controlos. Os resultados confirmam amplamente as observações
1059 feitas relativamente aos modelos anteriores. Os controlos demográficos e sociais, e as atitudes
1060 culturais mantêm-se preditores estáveis de apoio a populistas. A única mudança importante das
1061 variáveis económicas é a reversão dos efeitos da insegurança económica.

1062 Finalmente, o modelo “E” testa os efeitos da combinação de todas as variáveis discutidas
1063 acima com os efeitos da interacção da insegurança subjectiva (agregados familiares que
1064 reportaram dificuldades em viver com os seus actuais rendimentos) combinada com cada uma
1065 das escalas atitudinais. O objectivo deste modelo é explorar o argumento de que a insegurança
1066 económica subjectiva propicia a adopção de atitudes conservadoras que, por sua vez, reforçam o
1067 apoio aos partidos populistas. Os resultados do modelo “E” mostram que as variáveis de controlo
1068 se mantêm constantes, excepto para a educação, que se torna insignificante. Entre todos os
1069 termos de interacções, o apoio a populistas só pode ser atribuído à combinação da insegurança
1070 económica e valores autoritários. Os outros efeitos de interacções apontam para a direcção
1071 incorrecta ou tornaram-se insignificantes. Além disso, o modelo “E” não melhora muito a
1072 qualidade geral de ajuste quando comparado com o modelo “C”.

1073 A análise na Tabela 2 leva-nos a concluir que o modelo “C” apresenta uma explicação
1074 mais moderada e satisfatória. Isto sugere que a conjugação de vários controlos demográficos e
1075 sociais padrões (idade, sexo, escolarização, religiosidade e estatuto de minoria étnica) com os
1076 valores culturais pode fornecer uma explicação mais útil em relação ao apoio que os europeus
1077 concedem a partidos políticos populistas. O seu maior apoio está concentrado entre a geração
1078 mais velha, homens, religiosos, população maioritária e os indivíduos menos escolarizados –
1079 sectores geralmente deixados para trás pelas tendências progressistas de mudança de valores
1080 culturais. O sucesso eleitoral destes partidos políticos pode ser atribuído principalmente à sua
1081 atracção ideológica e temática em relação aos valores tradicionais.

1082

1083 **Atitudes dos EUA**

1084

1085 Será que factores semelhantes podem explicar o apoio a Donald Trump nas eleições
1086 presidenciais dos EUA de 2016? Obviamente que nesta fase do processo eleitoral ainda é muito
1087 cedo para se dizer com certeza. No entanto, a evidência da componente americana da WVS
1088 (2011), realizada muito antes da campanha eleitoral de 2016, ajuda a explicar o potencial apoio
1089 ao populismo nos EUA. Muito antes do fenómeno Trump, um grande fosso no nível de
1090 escolaridade pode ser observado na aprovação de líderes autoritários pelos norte-americanos. A
1091 WVS perguntou se os americanos estavam a favor da ideia de "ter um líder forte que não precisa
1092 de se preocupar com eleições ou Congresso". A Figura 10 mostra um fosso consistente no nível
1093 de escolaridade e o apoio a esta proposição tem vindo a crescer desde 2005. Tendo como base a
1094 mais recente ronda realizada em 2011, quase metade (44%) dos cidadãos norte-americanos sem
1095 formação superior concordam com a ideia de ter um líder forte que não precisa de se preocupar
1096 com eleições e Congresso. Apenas 28% de indivíduos com formação superior concordaram com
1097 a proposição acima mencionada.

1098 Esta não é uma constatação isolada ou um desvio do trabalho de campo. Se analisarmos
1099 algumas medidas clássicas de tolerância à liberalização sexual e à mudança de valores –
1100 incluindo em relação à homossexualidade e o aborto, os indivíduos menos instruídos mostram
1101 níveis muito mais baixos de tolerância. O fosso do nível de escolarização também parece estar a
1102 aumentar ligeiramente ao longo do tempo, sugerindo que as diferenças nos valores culturais e na
1103 tolerância social aumentaram ao invés de reduzir. Por enquanto, esta evidência inicial deve ser

1104 vista apenas como indicativa e incompleta, mas será possível analisar mais atentamente a base de
1105 apoio de Trump depois das eleições presidenciais dos EUA de Novembro de 2016, quando
1106 estiverem disponíveis evidências de fontes como Estudos Eleitorais Nacionais Americanos
1107 (ANES) e os dados de longo prazo da 7.^a ronda do WVS.

1108

1109 **V: Discussão e conclusões**

1110

1111 Inúmeras pesquisas indicam que, desde cerca de 1970, os países desenvolvidos têm
1112 registado uma crescente ênfase nos valores pós-materialistas e de auto-expressão entre as coortes
1113 de nascimento mais jovens e os estratos mais instruídos da sociedade. Isto trouxe uma crescente
1114 ênfase em questões como a protecção ambiental, maior aceitação da igualdade racial e de género,
1115 e igualdade de direitos para a comunidade LGBT. Esta mudança cultural promoveu uma maior
1116 aprovação da tolerância social de culturas, religiões e estilos de vida deferentes,
1117 multiculturalismo, cooperação internacional, governação democrática, e protecção de direitos
1118 humanos e de liberdades fundamentais. Os movimentos sociais que defendem estes valores
1119 trouxeram políticas públicas tais como a igualdade de género na esfera pública, casamento entre
1120 pessoas do mesmo sexo e protecção ambiental para o centro da agenda política, desviando a
1121 atenção das questões clássicas de redistribuição económica. Mas a propagação de valores
1122 progressistas também estimulou uma revolta cultural entre as pessoas que se sentem ameaçadas
1123 por este desenvolvimento. Além de começarem a sentirem-se marginalizados nos seus próprios
1124 países, os indivíduos menos escolarizados e as gerações mais velhas, especialmente os homens
1125 de raça branca, que antes eram a cultura majoritária privilegiada nos países ocidentais, ressentem
1126 serem ditos que os valores tradicionais são "politicamente incorrectos". A forma como as
1127 culturas mudaram, parece que se chegou ao ponto crítico.

1128 A história de mudanças culturais a longo prazo nos países ocidentais e o surgimento de
1129 novos partidos ecologistas “Os Verdes” e movimentos sociais progressistas tendo como base
1130 estes valores, é bem conhecida e amplamente documentada numa longa série de estudos
1131 anteriores⁸⁰. A principal característica do período que vai da década de 1970 a de 1990 foi a

⁸⁰ Ronald Inglehart. 1984. ‘The changing structure of political cleavages in Western society.’ In R.J. Dalton, S. Flanagan e P.A. Beck. (Orgs.). Electoral change in advanced industrial democracies. Princeton: Princeton University Press; Russell J. Dalton. 2013. Citizen Politics: Public Opinion and Political Parties in advanced industrial Democracies. Washington DC: CQ Press.

1132 ascensão de questões pós-materialistas. Porém, nas últimas décadas, a revolta contra as
1133 mudanças culturais nas democracias ocidentais tornou-se cada vez mais notória. Em todos os
1134 países desenvolvidos têm ocorrido grandes mudanças culturais que parecem chocantes para
1135 aqueles que defendem a preservação de valores tradicionais. Além disso, o fluxo de imigrantes,
1136 especialmente de países em vias de desenvolvimento, alterou a composição étnica de países
1137 desenvolvidos. Os recém-chegados falam línguas diferentes e têm estilos de vida e religiões
1138 também diferentes dos daqueles da população nativa - reforçando a impressão de que os valores
1139 e normas tradicionais estão a desaparecer rapidamente. Acima de tudo, a evidência analisada
1140 neste estudo sugere que a ascensão de partidos políticos populistas reflecte uma reacção contra
1141 uma vasta gama de rápidas mudanças culturais que parecem estar a corroer os costumes e valores
1142 essenciais das sociedades ocidentais. Os processos de mudança geracional de longo prazo no
1143 fim do séc. XX catalisaram as guerras culturais, pois estas mudanças são particularmente
1144 alarmantes para os indivíduos menos escolarizados e gerações mais velhas desses países. Esta
1145 não é uma questão facultativa, pois os dois tipos de mudanças podem parcialmente se reforçar
1146 mutuamente - mas a evidência que sustenta este estudo sugere que seria um erro considerar a
1147 ascensão do populismo uma consequência directa da desigualdade económica apenas. Os
1148 factores psicológicos parecem desempenhar um papel mais importante. Gerações mais velhas e
1149 grupos de pessoas menos instruídas apoiam partidos e líderes populistas que defendem a
1150 preservação de valores culturais tradicionais e enfatizam os apelos nacionalistas e xenófobos,
1151 rejeitando estrangeiros e defendendo papéis de género retrógrados. Os populistas apoiam líderes
1152 carismáticos, o que reflecte uma profunda desconfiança do *establishment* e dos principais
1153 partidos políticos que nos dias de hoje são liderados por elites instruídas com opiniões culturais
1154 progressistas sobre questões morais.

1155 Simultaneamente, o estudo apresenta várias sugestões de pesquisas adicionais para o
1156 aprofundamento do fenómeno do populismo. É importante realizar testes adicionais de robustez,
1157 incluindo o uso de modelos alternativos de votação a populistas de esquerda e de direita e usar
1158 modelos de filiação partidária com partidos políticos populistas (não apenas a votação), para
1159 replicar os resultados e ver se estes reforçam as principais constatações aqui apresentadas. Os
1160 dados agregados do ESS de 2002-2014 têm casos suficientes para analisar o apoio a partidos
1161 políticos mais pequenos, mas esta estratégia não explica padrões dinâmicos. Evidências
1162 adicionais de séries temporais transnacionais, tais como a série Eurobarómetro ou estudos

1163 eleitorais nacionais, também precisam de ser escrutinadas para analisar tendências de atitudes
1164 culturais de longo prazo e o apoio eleitoral aos populistas desde o início de 1970, estabelecendo
1165 provas mais convincentes da correlação teorizada entre mudanças de valores culturais e as
1166 mudanças no apoio a populistas na Europa. Potencialmente, todos estes passos poderiam ajudar a
1167 se ter uma compreensão mais profunda deste fenómeno.

1168 É importante entender este tema, pois é evidente que as consequências da ascensão do
1169 populismo continuam a se fazer sentir e é provável que sejam profundas. As forças populistas já
1170 provaram terem sido decisivas para o resultado do referendo sobre a permanência ou não do
1171 Reino Unido na UE em Junho de 2016, com os seus líderes incitando sentimentos nativistas e
1172 anti-imigrantes na Inglaterra. O resultado provocou uma crise existencial constitucional, política
1173 e financeira profunda no Reino Unido. A decisão do Reino Unido de deixar a UE ameaça
1174 revigorar as forças populistas em toda a Europa. O apoio ao populismo também existe nos EUA,
1175 que Donald Trump conseguiu explorá-lo. A sua rejeição do "politicamente correcto" parece
1176 particularmente apelativa para religiosos conservadores brancos mais velhos deixados para trás
1177 pelo crescente apoio nos EUA de questões como direitos de imigração, igualdade de género para
1178 as mulheres na política, direitos de pessoas transexuais e o casamento entre pessoas do mesmo
1179 sexo. Além disso, a rejeição de valores progressistas está enraizada no seio da base do Partido
1180 Republicano, e não simplesmente confinada à opinião de Donald Trump. Por exemplo, em 2016,
1181 o manifesto eleitoral do Partido Republicano assume uma posição extremista ao prometer a
1182 promulgação de ideias conservadoras rígidas sobre a família e a educação de filhos,
1183 homossexualidade e género, exigindo que os legisladores se guiem pelo cristianismo,
1184 encorajando o ensino da bíblia nas escolas públicas, opondo-se ao casamento de pessoas do
1185 mesmo sexo, desaprovando os direitos dos homossexuais e de transgénicos, proibindo mulheres
1186 militares de combater e declarando a pornografia uma "crise de saúde pública"⁸¹. Estas políticas
1187 antiquadas atraem profundamente aos intolerantes em relação a valores progressistas - mas este é
1188 um sector em declínio, que vai na contramão da onda de mudança geracional de valores no
1189 eleitorado americano. Se o argumento da revolta cultural for essencialmente correcto, então esta

⁸¹ Editorial do NY Times. 18 de Julho de 2016. 'The most extreme Republican platform in memory.' New York Times.
<http://www.nytimes.com/2016/07/19/opinion/the-most-extreme-republican-platform-in-memory.html?action=click&pgtype=Homepage&clickSource=story-heading&module=opinion-c-col-rightregion®ion=opinion-c-col-right-region&WT.nav=opinion-c-col-right-region>.

1190 tem implicações importantes. O crescente fosso geracional nos países ocidentais irá
1191 provavelmente aumentar a proeminência da clivagem cultural na política partidária no futuro,
1192 independentemente de qualquer melhoria das condições económicas subjacentes ou qualquer
1193 potencial abrandamento da globalização. A influência indirecta da política cultural gera divisões
1194 e tensões no seio dos principais partidos políticos, assim como abre novas oportunidades para
1195 líderes populistas à esquerda e à direita para mobilizar apoio eleitoral, embora ainda seja um
1196 desafio para os partidos políticos populistas construir uma base organizacional e sustentar
1197 quaisquer avanços temporários se entrarem em coligações governamentais e se tornarem parte do
1198 *establishment*. Como consequência, os países ocidentais enfrentam competições mais
1199 imprevisíveis, desafios *anti-establishment* populistas à legitimidade da democracia liberal e
1200 possíveis perturbações de padrões de competição partidária há muito estabelecidos.